

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas - ICH
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Tese



**Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de
comotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990).**

**Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano do Setor Conserveiro de
Comotas de Pêssego de Pelotas**

Alcir Nei Bach

v.2

Pelotas, 2017.

Alcir Nei Bach

**Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de
compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ester Judite Bendjouya Gutierrez

Pelotas, 2017.

Sumário

SCHRAMM	Ficha 01
ÁGUIA	Ficha 02
SEM-RIVAL	Ficha 03
ALLIANÇA	Ficha 04
SACCO	Ficha 05
AMAZÔNIA	Ficha 06
M. GENTILINI	Ficha 07
JOÃO SCHRAMM	Ficha 08
LEAL SANTOS	Ficha 09
BROD	Ficha 10
LEBRE	Ficha 11
PELOTENSE	Ficha 12
ALMEIDA	Ficha 13
ANGLO	Ficha 14
WIPA	Ficha 15
SUL-RIOGRANDENSE	Ficha 16
COLOSSO	Ficha 17
POMMERENING	Ficha 18
PERES	Ficha 19
CORONEL	Ficha 20
HELOMAR	Ficha 21
SULMAR	Ficha 22
SOUTO	Ficha 23

COLOMBINA	Ficha 24
AGAPÊ	Ficha 25
ALVA	Ficha 26
CANTARELLI	Ficha 27
3R	Ficha 28
MANTA	Ficha 29
SHELBY	Ficha 30
VEGA	Ficha 31
SÓRIA	Ficha 32
MELLO	Ficha 33
ABEL	Ficha 34
CICASUL	Ficha 35
CAVG	Ficha 36
SIQUEIRA	Ficha 37
EXTRA-FRUTA	Ficha 38
PLIMOR	Ficha 39
SELL	Ficha 40
PETER	Ficha 41
CLATAR	Ficha 42
FRUTA-SUL	Ficha 43
EMBALA	Ficha 44
SOBERBA	Ficha 45
OLÉ	Ficha 46
ODERICH	Ficha 47

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

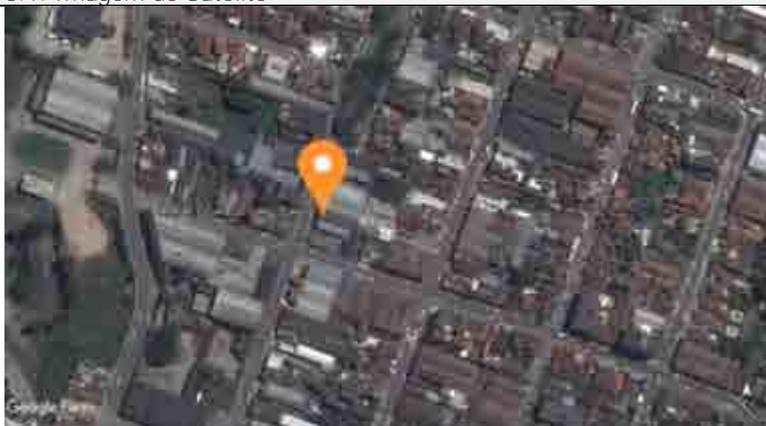
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SCHRAMM	01
1.1.2. Razão Social: Indústria de Conservas Schramm Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Professor Araújo, 1880 [anteriormente Manduca Rodrigues, 530].	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'14.26"S	2.2.2. Longitude: 52°20'30.80"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

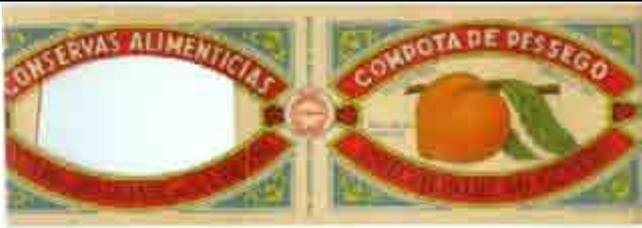
4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Carlos Otto Schramm	Início: 1895	Término: em atividade
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso comercial		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Conforme Cunha (1911), a fábrica Schramm foi fundada por Guilherme Schramm Filho em 1895, funcionando inicialmente à Rua General Osório, nº 715. Seu prédio apresentava três aberturas de frente e situava-se imediatamente ao lado de uma oficina de funilaria própria. Estava equipada com oito máquinas de operação manual para descascadura das frutas. As frutas utilizadas – pêssegos e figos – eram produzidas na zona rural de Pelotas e o açúcar, adquirido de indústrias nacionais. Sua produção, por safra, alcançava em torno de 18 mil latas de compotas, comercializadas no mercado local e estadual. Funcionava cerca de 45 dias por ano, período coincidente ao da safra daquelas frutas. O proprietário também era o mestre da fábrica. No período da safra, como auxiliares no serviço, eram contratados cinco homens, seis mulheres e seis crianças de idades variadas, como auxiliares no serviço. De acordo com Carlos Otto Schramm (2017), seu bisavô Guilherme V. Schramm e o seu avô Carlos Frederico Schramm *“trabalharam com funilaria; eram funileiros de profissão; produziam peças onde utilizavam o zinco, ferro e a folha de flandres”*. As histórias da família por ele ouvidas desde garoto confirmavam isso: seu bisavô produzia latas para as fábricas de compotas da cidade e, em um dado momento, resolveu abrir ao lado de sua oficina uma fábrica de compotas, conforme o raciocínio de que *“já que produzia latas para os outros, iria produzir para a sua família também”*. Carlos O. Schramm relatou ainda que seu avô costumava viajar de Pelotas a Porto Alegre em um navio cruzeiro, visitando compradores e vendendo suas compotas, *“um pouco para cada um”*, dada sua diminuta capacidade de produção. Confirmou também ter sua família vendido o prédio onde inicialmente estavam instalados para a família Curi. Tal família começava os seus negócios, que incluíram comércio de tecidos, fábrica de pregos e uma imobiliária, e culminaram, posteriormente, na construção e consolidação do Curi Hotel, naquele endereço. Acrescenta Carlos Otto que, após deixarem a Rua General Osório, *“adquiriram um prédio na rua Manduca Rodrigues [atualmente Rua Prof. Araújo, nº 1880] nº 530”*, onde reinstalaram funilaria e, ao lado, a fábrica. Ainda que possuíssem funilaria, conta Carlos que, quando a antiga Metalúrgica Guerreiro - grande fornecedora de latas para as fábricas da cidade – estava localizada na rua Barão de Santa Tecla esquina rua D. Pedro II, *“mais de uma vez veio até a metalúrgica e pediu para encherem vários sacos com latas e os levou pendurados em uma bicicleta”*. Devido ao seu conhecimento de mecânica, Carlos Otto prestava assistência a outras fábricas, até mesmo na colônia. Inclusive assistiu a fábrica de Carlos Holz, montada com equipamentos antigos, cedidos por Guilherme Schramm (pai de Carlos Otto). Confrontado com o depoimento de Arnaldo Holz (Bach, 2009), filho de Carlos Holz, o entrevistado confirmou aquele relato, acrescentando que *“várias e várias vezes foi a essa fábrica na localidade de Rincão dos Andrade – 7º Distrito de Pelotas, fazer ajustes nas máquinas lá instaladas”*. A fábrica Schramm funcionou até outubro de 1969 à Rua Prof. Araújo, mudando-se então para a zona rural, mais precisamente no Passo da Micaela, 5º Distrito de Pelotas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01



Rótulo 02



Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06



Rótulo 07



Rótulo 08



Rótulo 09



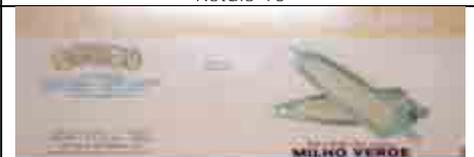
Rótulo 10



Rótulo 11



Rótulo 12



Rótulo 13



Rótulo 14



Rótulo 15



Rótulo 16

6.2. Fotografias

6.3. Material publicitário



Figura 01

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural**: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/974>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia descritiva de fábricas de Pelotas**. Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito].

7.2. Fontes orais

Arnoldo Holz [filho de Carlos Holz (enlatava para a fábrica); nascimento 1931]. Entrevista. Pelotas, 25 fev. 2009.

Carlos Otto Schramm [proprietário; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 16 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos, material publicitário, fotografias e outros: Acervo Indústria de Conservas Schramm Ltda. Fotografado pelo autor, 2017. Exceto Rótulo 02: Acervo Alcir Nei Bach; Fotografia atual: do autor.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: FÁBRICA DE CARAMELOS E COMPOTAS ÁGUIA	02
1.1.2. Razão Social: E. Brauner & Irmão.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Marechal Floriano, 61.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'7.08"S	2.2.2. Longitude: 52°20'35.28"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Edmundo Frederico Brauner; Alberto Carlos Brauner	Início: 1904	Término: aprox. 1912
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Demolido. (Espaço destinado a uso comercial).		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Conforme Cunha (1911) a Fábrica de Caramelos e Compotas Águia foi fundada em 1º Janeiro de 1904 por Edmundo Frederico Brauner e seu irmão, Alberto Carlos Brauner, sob a firma E. Brauner & Irmão. O estabelecimento fabricava caramelos (balas), utilizando essências e tintas estrangeiras e açúcar nacional. Da mesma forma, para a produção de compotas, o açúcar era de procedência nacional e as frutas (pêssego, no caso), adquiridas na zona rural do próprio município de Pelotas. Localizava-se em endereço central, à rua Marechal Floriano, nº 61, possuindo 3 aberturas de frente para a direção Norte, sendo o prédio da propriedade de Henrique de Moraes Patacão. Segundo Costa (1922), como funcionários, contava com um gerente, um mestre e oito operários durante o ano. No período de safra do pêssego, eram admitidos mais quatro empregados. Toda a produção era comercializada dentro das fronteiras estaduais.

João Simões Lopes Neto, em sua *Revista do 1º Centenário de Pelotas* (1911), relatou um histórico mais abrangente:

"E. Brauner & Irmão - Esta casa, a primeira - exclusivamente - do ramo de confeitaria, foi fundada em 1857 pela viúva Hartung; em março de 1861 foi comprada por Theodoro Roberto Brauner que trabalhou até junho de 1896. Era situada à Rua da Igreja [atual Rua Anchieta] nº 93, depois 131, hoje [em 1911] 655; passou aos filhos, Brauner & Irmão até 1900. Mudou-se para a Rua XV de Novembro até 1902; daí, de janeiro, 1903, passou para a firma atual, que anexou a seção de armazém de especialidades e mudou-se para a Rua M. Floriano nº 29, hoje 61".

Não foi possível averiguar com exatidão o período de encerramento das atividades. Com base nas últimas publicidades veiculadas na imprensa de época, e na subsequente ausência de propaganda nos meios de comunicação disponíveis, é possível considerar como data aproximada de ocaso do estabelecimento o ano de 1912.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos		
6.2. Fotografias		
		
Figura 01	Figura 02	Figura 03 -

6.3. Material publicitário



Figura 01 –

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**: obra histórica, descritiva e ilustrada. Porto Alegre: Globo, 1922. V. II.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia descritiva de fábricas de Pelotas**. Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito]. [Anexo: A. Pasta: ACC-17].

LOPES NETO, João Simões. Revista do 1º Centenário de Pelotas. Nº 01. 15 out. 1911. p. 15. in: Rubira, Luís (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. v. 1: Santa Maria: Pallotti, 2012.

7.2. Fontes orais

7.3. Fontes iconográficas

Fotografia atual e Figura 03: do autor, 2017; Figuras 01 e 02: fotografia de Henrique Patacão - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista parcial da Rua Marechal Floriano, vendo-se o trecho onde funcionou, em último endereço, a fábrica Águia;

Figura 02 - Detalhe da fig. 01, mostrando o edifício de nº 61, ocupado pela fábrica em seu período final de funcionamento;

Figura 03 - Vista atual do mesmo endereço.

Material publicitário: reprodução da Revista do 1º Centenário de Pelotas.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

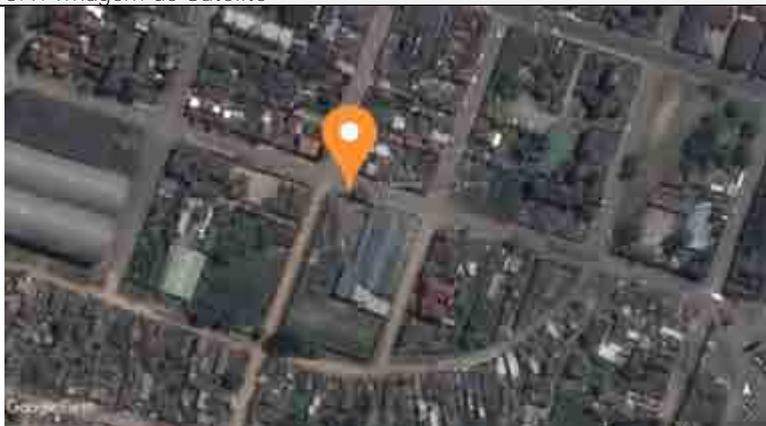
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: A SEM RIVAL	03
1.1.2. Razão Social: Indústrias Alimentícias Salles Medeiros Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua João Manoel, 201.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'50.73"S	2.2.2. Longitude: 52°20'41.16"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Plínio Salles Medeiros	Início: 1905 Término: aprox. 1958
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fabril/Industrial (outro ramo de atividade fabril)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Sobre esta fábrica, a presente pesquisa não encontrou muito além de evidências, coletadas na imprensa de época e em relatos de alguns entrevistados. Estas evidências são suficientes para comprovar a efetividade de sua atuação, porém não permitem o vislumbre de maiores detalhes. A evidência mais forte é uma publicação, de página praticamente inteira, no jornal Diário Popular de 26 de fevereiro de 1956, noticiando o Lançamento de Aumento de Capital da fábrica, a cargo de uma firma chamada Escritório Técnico de Administrativo de Imóveis e Investimentos, com sede em Porto Alegre e representação em Pelotas. **A estratégia era parte de um plano de expansão, elaborado naquele ano. Intitulada "Fábrica A Sem Rival – meio século de conquistas dedicadas ao progresso industrial de Pelotas", a publicação conta um pequeno quadro contendo breve texto, que visa chamar a atenção para a importância da fábrica, além de relacionar o quadro de seus acionistas, listagem onde figuram nomes destacados da sociedade pelotense de então. É naquele texto (ver transcrição no item 05 – Informações Complementares) que consta a data de fundação da empresa como o ano de 1905, com jubileu de ouro completado em 1955. A publicação traz ainda um desenho em perspectiva das instalações da fábrica no endereço à Rua João Manuel, nº 201. A gravura, salvo pequenas alterações de ordem fenestral, corresponde à construção ainda hoje existente naquele logradouro. Tal representação remete ao endereço definitivo da empresa, pois Euclides Franco de Castro (1947), em sua Revista Princesa do Sul (sic), traz uma propaganda (reproduzida abaixo na figura 01 do item Material Publicitário) da Fábrica de Conservas, Balas e Caramelos finos A Sem Rival de P. Salles Medeiros, onde consta seu endereço como à rua Marechal Deodoro, 864. O anúncio destaca ainda uma premiação na Exposição Agrícola de 1913. Coincidentemente, também no ano de 1947, foi aprovado junto à prefeitura municipal um projeto arquitetônico de autoria do engenheiro civil Júlio Delanoy (francês radicado em Pelotas) para uma fábrica de conservas chamada "Conservas Sulriograndense" (ver ficha 16). O endereço é exatamente a rua João Manuel esquina da rua Félix da Cunha, e os desenhos também correspondem à construção hoje existente no local. A presente pesquisa não pode, porém, averiguar a precisa relação entre as duas fábricas. Segundo o depoimento de Mário Henrique Freitas (2014), morador das proximidades da fábrica, a Sulriograndense já ocupava o endereço à Rua João Manuel no ano de 1954 - ano de seu casamento. Gunter Rodolpho Bering (2010), ex-funcionário da extinta fábrica Helomar, mencionara a A Sem Rival em seu relato, afirmando que a propriedade do empreendimento era de Plínio Salles Medeiros, cuja esposa, Emma Berg Medeiros, possuía a fama de ter sido "a primeira mulher a trabalhar no Banco do Brasil" (ver item 05 - Informações Complementares). Willy Gerhard Partzsch (2008), proprietário da fábrica de conservas Wipa, também mencionou a fábrica, igualmente evocando a fama da esposa do proprietário. Acrescentou que foi através do aluguel das instalações desta fábrica - já em seu último endereço, à rua João Manuel, nº 201, esquina da rua Félix da Cunha - em setembro do ano de 1959, que teve início a AGAPÉ, de Hugo Poetsch, empresa que se tornaria uma das maiores da América Latina (ver item 5). O arrendamento da antiga fábrica A Sem Rival no ano de 1959 foi confirmado pela viúva de Hugo Poetsch, Maria de Lourdes Poetsch (2015), em entrevista. Este fato permite afirmar que o final das atividades da A Sem Rival ocorreu entre o final ano de 1958 e o início de 1959, posto que o arrendamento só foi considerado viável e proveitoso em face do bom estado dos equipamentos - ou seja, estes estariam em uso até pouco tempo próximo da data em questão.**

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Segundo o relato do ex-funcionário Valter Vinholes (2014), o uniforme utilizado era "todo branco"; lembra da produção de compostas. No final do ano, os funcionários recebiam de presente certa quantidade de balas e uma lata de compota, cada. Um fato interessante lembrado por Valter é que o pátio da fábrica estava sempre repleto de latas de compota estouradas. O ex-funcionário lembra ainda de ter confeccionado caixas de madeira para o armazenamento das balas.

Ainda que não precisamente a pioneira, Emma Berg Medeiros foi, em verdade, uma das primeiras mulheres a integrar o quadro de funcionários do Banco do Brasil no país, até então dominado por contingente de trabalhadores homens. Através de concurso público, foi admitida como

escuritória, no ano de 1924, em Pelotas. Posteriormente alcançou os cargos de Gerente de Carteira de Cobrança e de Gerente de Ordens de Pagamento, função esta pela qual se aposentou no ano de 1954, como titular da mesma agência, então funcionando em seu prédio próprio à Praça Cel. Pedro Osório (inaugurado em 1928). Pela passagem de seu centenário de vida, Emma recebeu do Banco do Brasil uma medalha comemorativa e um casaco de lã, além de ter sua trajetória relatada na publicação periódica da instituição. Na ocasião da homenagem, os representantes do banco a ela assim se referiram: "Mais do que fazer história, ela mudou a história".

Willy Gerhard Partzsch (2008) relatou ainda que, na ocasião do arrendamento das antigas instalações da A Sem Rival, emprestou a Hugo Poetsch um de seus tanques, inoxidável, com capacidade para 300 litros, para fabricação de calda; motivo pelo qual declarava orgulhosamente que "ajudou a AGAPÊ a nascer", em suas palavras.

Transcrição do texto publicado no jornal Diário Popular de 26 de fevereiro de 1956: "Uma indústria que honra Pelotas e eleva o Rio Grande Do Sul – Fundada em 1905, tem completado a fábrica **SEM RIVAL** um patrimônio histórico de 50 anos. Iniciou sua produção com um capital de 25 contos de réis. Com segurança, pelo trabalho e qualidade do produto, conquistou mercados dentro de todo o território nacional, que já não pode atender com as atuais instalações. / Em 1955, ao completar seu jubileu de ouro, estava com capital de Cr\$ 6.000.000,00 integralizado e com uma produção em franca ascendência, porém, ainda insuficiente para atender ao mercado. / Ao limiar de 1956, com a transformação do tipo jurídico, delineou o seu plano de expansão e para executá-lo, aumentou o seu capital. / Não lutará por mercado a marca **SEM RIVAL**. Lutará por uma produção cada vez maior para bem atender este mercado. A rentabilidade [sic], em toda a sua existência, sempre propiciou a **SALLES MEDEIROS S. A.** – Indústria e Comércio a pagar bons dividendos aos seus inversionistas. Agora com uma produção que diga realmente o que pode realizar, poderá oferecer ainda melhores lucros, e, seguindo a técnica de expansão, reinverterá sempre os seus fundos em proveito exclusivo da produção".

Outros anúncios, veiculados na década de 1950 nos jornais Diário Popular e A Alvorada, apontam que a fábrica chegou a produzir também, além de balas, caramelos finos e conservas de frutas, conservas de legumes e de peixes, doces em caixetas, bombons, chocolate em pó e em tabletes.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05

6.4. Documentação



Figura 01

6.5. Plantas
6.6. Outros
7 – REFERÊNCIAS
7.1. Fontes escritas e bibliográficas
<p>A Alvorada, Pelotas, 05 mai. 1957. p. s/nº.</p> <p>Diário Popular, Pelotas, 26 fev. 1956. p. 05.</p> <p>Diário Popular, Pelotas, 27 ago. 1953. p. 07.</p> <p>PAULO FRANKE [sítio eletrônico]. Tia Emma Berg Medeiros, a 1a mulher a trabalhar no BB no Brasil! 27 jul. 2014. Disponível em: <http://paulofranke.blogspot.com.br/2014/07/tia-emma-berg-medeiros-1a-mulher.html>. Acesso em 03 fev. 2017.</p> <p>CASTRO, Euclides Franco de. Revista Princesa do Sul. Apontamentos, históricos, reminiscêncico, comemorativo, estatístico de Pelotas. Nº 3. 4º ano. Jun. 1947. p.20.</p>
7.2. Fontes orais
<p>Gunter Rodolpho Bering [ex-diretor da fábrica Helomar; nascimento 1930]. Entrevista. Pelotas, 06 mar. 2010.</p> <p>Willy Gerhard Partzsch [proprietário da fábrica Wipa; nascimento 1924]. Entrevista. Pelotas, 02 out. 2012.</p> <p>Mário Henrique Freitas [morador das proximidades do endereço definitivo; nascimento 1946]. Entrevista. Pelotas, 11 mar. 2014.</p> <p>Valter Vinholes [ex-funcionário; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 11 mar. 2014.</p> <p>Maria de Lourdes Poetsch [viúva do proprietário da fábrica AGAPÊ; nascimento 1932]. Entrevista. Pelotas, 02 mai. 2015.</p>
7.3. Fontes iconográficas
<p>Fotografias: Fotografia atual e Figura 01: do autor, 2017; Figuras 02 a 04: Acervo Paulo Franke.</p> <p>Legenda das Fotografias (item 6.2): Figura 01 - Fachada do edifício que serviu de primeiras instalações à fábrica, à Rua Mal. Deodoro, 864; Figura 02 - Retrato de Plínio Salles Medeiros, proprietário da fábrica; Figura 03 - Fotografia do casamento de Plínio Salles Medeiros e Emma Berg; Figura 04 - Registro de homenagem recebida pela senhora Emma Berg Medeiros, por ocasião de sua aposentadoria como funcionária do Banco do Brasil. Ano de 1954.</p> <p>Material publicitário: Figuras 01 a 04: Acervo Bibliotheca Pública Pelotense. Figura 05: Figurinha de bala. Acervo Alcir Nei Bach.</p> <p>Documentação: Recibo de compra de 10 Ações Ordinárias das Indústrias Alimentícias Salles Medeiros por Willy Partzsch (distribuídas conforme noticiado na Figura 04 do item Material Publicitário). Acervo Museu do Doce. Doação de Eda Partzsch.</p>

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

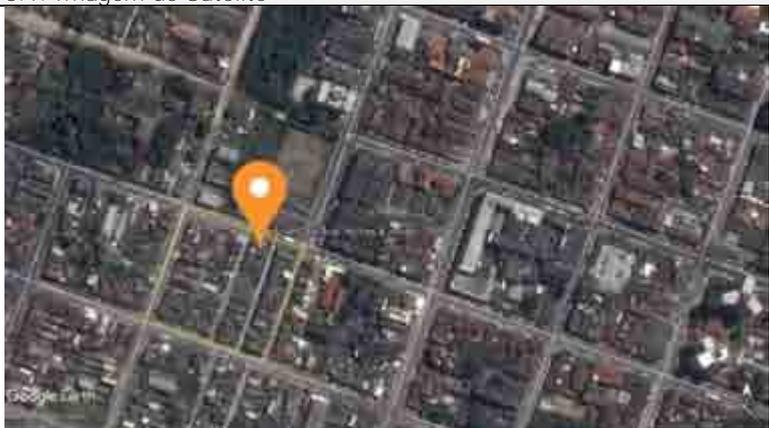
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: FÁBRICA DE CONSERVAS ALLIANÇA	04
1.1.2. Razão Social: Leite, Nunes & Irmão	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Marechal Deodoro nº 01, 02 e 03.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'30.66"S	2.2.2. Longitude: 52°20'53.51"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Antônio Leivas Leite; Emílio Nunes e Adolpho C. Nunes de Souza	Início: 1904 Término: aprox. 1920
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Demolido (atualmente há uma ocupação residencial)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

A importância da Fábrica de Conservas Alliança é demonstrada pela abundância e qualidade de material, tanto bibliográfico quanto iconográfico, existente e encontrado durante a presente pesquisa. A primeira referência substancial encontra-se no manuscrito *Notícia Descritiva de Fábricas de Pelotas*, de Alberto Coelho da Cunha (1911). Outras notícias relevantes foram encontradas nas obras *O Rio Grande do Sul*, de Monte Domecq & Cia (1916) e no segundo volume de *Rio Grande do Sul: obra histórica, descritiva e ilustrada*, de Alfredo R. da Costa (1922). Segundo Cunha, a encampação pela Intendência Municipal de Pelotas, em 1903, da empresa Asseio Público, cujo responsável técnico era o químico e farmacêutico Antonio Leivas Leite, deixou-o livre da antiga atividade. Assim, ele adquiriu terrenos da antiga empresa, às margens do arroio Santa Bárbara. Adequando benfeitorias, iniciou em 1904 as primeiras instalações da Fábrica de Conservas Alliança, sob firma individual. Após algum tempo, o empreendimento entrou em crise, obrigando o empresário a buscar novas alternativas. Conforme Domecq (1916), essa alternativa foi o estabelecimento de uma sociedade. Nasceu então a firma Leite, Nunes & Irmão, composta por Antônio Leivas Leite (como diretor técnico da fábrica), Emílio Nunes e Adolpho C. Nunes de Souza (ambos a cargo da direção do escritório da fábrica). Sob esta nova composição, a fábrica iniciou suas operações em setembro de 1906.

Quanto à sua localização, a fábrica ocupou os números 1, 2 e 3 da Rua Marechal Deodoro, às margens do arroio Santa Bárbara, local apropriado para a atividade, com área superior a um quarteirão. O escritório, por sua vez, tinha localização central, separado da fábrica, à Praça 7 de Julho, nº 75. Além da fabricação de toda a classe de conservas alimentícias (carne, peixe, frutas e legumes), produziu outros itens de grande circulação, tais como sabão comum, sabonetes perfumados e medicinais, bebidas variadas e produtos farmacêuticos diversos. De acordo com Costa, a produção média diária da Alliança era de 6.000 latas de diferentes conservas de frutas, legumes, peixes ou carnes, ocupando para tal um razoável contingente de operários. Cunha apontou que a fábrica contava com três caixeiros viajantes, um guarda-livros, um mestre de fabricação, 50 operários adultos, 60 operárias e 20 crianças de ambos os sexos e diferentes idades. Ainda segundo o autor, a fábrica estava dotada de "equipamento moderno, adquirido na Europa; sem dúvida era um dos melhores do gênero no Estado". Suas conservas eram conhecidas e apreciadas em todo o Brasil e também no exterior, gozando de grande aceitação em vários países. Destacaram-se, entre as exportações, as conservas de carnes, tendo sido enviadas grandes quantidades para Inglaterra, França e Itália.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

À época de associarem-se a Antonio Leivas Leite, os senhores Emílio Nunes e Adolpho C. Nunes de Souza também eram sócios na firma Nunes & Irmão, da qual fazia parte o banqueiro e homem de negócios Francisco Nunes de Souza.

Conforme Lima (2012, p. 120), durante o período da chamada Revolução de 1923 ou 2ª Revolução Federalista, ocorrida no Rio Grande do Sul, latas de ervilha da fábrica Alliança foram utilizadas para o envio clandestino de cunhetes (caixas com munição) de fuzis, em meio a serragem, aos revolucionários opositores do governo de Borges de Medeiros. Segundo aquele autor, o fato é prova do envolvimento político de Antônio Leivas Leite na revolta, opositor borgista que era, vinculado ao Partido Libertador. A descoberta da munição aconteceu no Museu da Biblioteca Pública Pelotense, quando da abertura, muitos anos após o conflito, de uma das latas de ervilha em conserva, que fazem parte do acervo daquela instituição.

O material publicitário reproduzido nas figuras 06 e 07 apresenta um desenho de uma instalação fabril que não corresponde à realidade de nenhum estágio construtivo alcançado pela Fábrica Alliança, em nenhuma etapa de seu período de funcionamento. Trata-se de um desenho por ideia, muito comum em tais tipos de publicações, como, por exemplo, os almanaques *Laemmert* e *Hénault*. Este último contava com a arte de desenhistas parisienses, que trabalhavam com certa liberdade criativa sobre alguma fotografia ou litografia recebida do cliente.

6 - ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -



Figura 13 -



Figura 14 -

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -

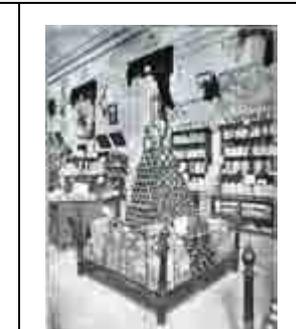


Figura 05 -



Figura 06 -

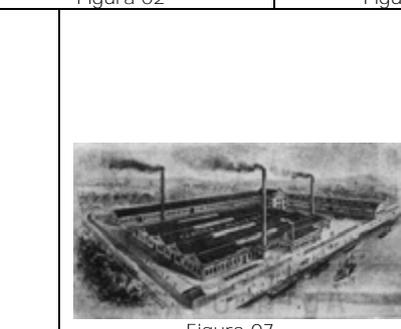


Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -

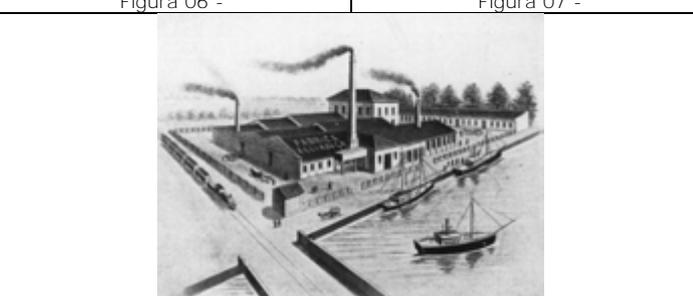


Figura 10 -

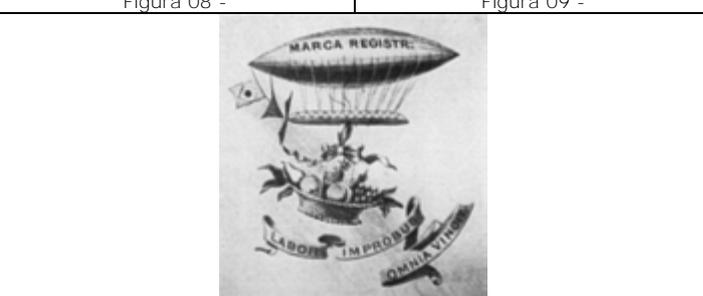


Figura 11 -

6.4. Documentação
6.5. Plantas
6.6. Outros
7 – REFERÊNCIAS
7.1. Fontes escritas e bibliográficas
ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para 1908 . 65º ano. Rio de Janeiro: Adriano Maury, 1908. p. 2002.
ALMANAK LAEMMERT. Anuario Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1918-1919 . 74º ano. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1918. v.4 [volume ilustrado]. p. 1798-1799.
ALMANAK HÉNAULT. Anuario Brasileiro Commercial Ilustrado. Guia do Commercio e da Industria Brasileira. 1909 . Rio de Janeiro: A. Hénault, 1908.
_____. Anuario Brasileiro Commercial Ilustrado. Guia do Commercio e da Industria Brasileira. 1910-1911 . Rio de Janeiro: A. Hénault, 1910.
BEMPORAT, Achylles. [Diretor Geral]. Guia Bemporat do Estado do Rio Grande do Sul . Porto Alegre, 1906.
CARRICONDE, Clodomiro. Álbum de Pelotas . Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: s. ed., 1922.
COSTA, Alfredo R. da. O Rio Grande do Sul : obra histórica, descritiva e ilustrada. Porto Alegre: Globo, 1922. V. II. p. 96.
CUNHA, Alberto Coelho da. Notícia descritiva de fábricas de Pelotas . Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito].
LIMA, Sérgio Cruz. Antonio Leivas Leite : um homem à frente do seu tempo. Pelotas: Mundial, 2012.
MONTE DOMECCQ & CIA. O Rio Grande do Sul . Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1916. p. 282-283.
O DIA [jornal]. Florianópolis, 03 ago. 1907. p. 3.
OSÓRIO, Fernando. A Cidade de Pelotas . Pelotas: Armazém Literário, 1998. 3. ed.
REVISTA FON-FON!. Ano II. Nº 26. 03 out. 1908 . Rio de Janeiro: Empresa Fon-fon e Selecta. p. s/nº [6].
7.2. Fontes orais
Pedro Antonio Leivas Leite [bisneto de Antônio Leivas Leite (proprietário); nascimento 1930]. Entrevista. Pelotas, 03 nov. 2008.
7.3. Fontes iconográficas
Fotografias: Fotografia atual: Marilei Garcia, 2017; Figura 01: reprodução do Guia Bemporat (1906); Figura 02: reprodução de cartão postal. Acervo Eduardo Arriada; Figuras 03 a 08: reprodução de Monte Domecq & Cia (1916); Figuras 09 a 14: reprodução de Costa (1922).
Legenda das Fotografias (item 6.2): Figura 01 - Vista das instalações da fábrica, na margem esquerda do Arroio Santa Bárbara. Ano de 1906; Figura 02 - Vista das instalações da fábrica na década de 1900, desde a margem direita do Arroio Santa Bárbara; Figura 03 - Vista geral do complexo fabril da Aliança no ano de 1915; Figuras 04 a 08 - Vistas internas diversas da fábrica. Ano de 1915; Figuras 09 a 14 - Vistas, externa e internas, das atividades na fábrica no ano de 1921.
Material Publicitário: Figura 01: reprodução do Guia Bemporat (1906); Figuras 02, 03, 10 e 11: reprodução do Almanak Hénault; Figura 04 e 05: reprodução da Revista Fon-Fon! (1908); Figuras 06 a 09: reprodução do Almanak Laemmert.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

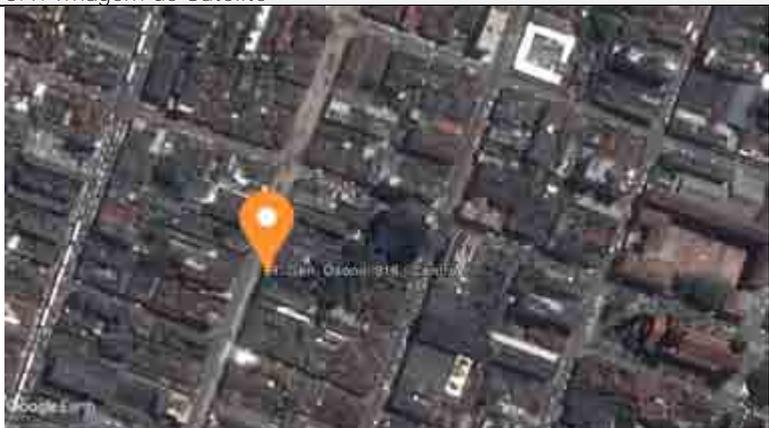
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: José Sacco & Filhos	05
1.1.2. Razão Social: José Sacco & Filhos	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Gal. Osório, 916.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'46.96"S	2.2.2. Longitude: 52°20'25.99"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
José Sacco; Vincenzo Sacco; Domingos Sacco.	Início: 1906	Término: 1947
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Sem uso/fechado.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Segundo informações levantadas e publicadas pelos descendentes em um sítio eletrônico próprio (2017), o ramo da família Sacco que deu origem ao estabelecimento aqui estudado veio a fixar-se no Brasil e, especialmente, na cidade de Pelotas através do imigrante italiano Giuseppe Sacco. Emigrado provavelmente em 1896, contando aproximadamente 50 anos de idade, Giuseppe trouxe consigo a família: esposa, uma filha e dois filhos (Vincenzo e Domenico). Estes dois filhos, por incentivo do pai, fundaram inicialmente uma funilaria, e depois uma fábrica de compotas sob a denominação de José Sacco & Filhos, estabelecendo-se originalmente em um edifício com quatro aberturas de frente, na Rua General Victorino (atual Rua Anchieta). Quanto à numeração deste logradouro inicial, consta no único rótulo encontrado, o nº 35 da rua Gal. Victorino. Alberto Coelho da Cunha, porém, em seu manuscrito *Notícia descritiva de fábricas de Pelotas* (1911), traz o nº 309 como endereço, à mesma rua. Ainda no sítio eletrônico familiar, consta que o irmão Domenico Sacco retornou para a Itália acompanhado de seus pais, após a fábrica já estar em pleno funcionamento em Pelotas. Desta forma, Vincenzo e sua esposa, Raquel Lofrano, ficaram no comando da empresa. Na Itália, Domenico viria a falecer, em 1917, em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, o estabelecimento passou a funcionar na Rua General Osório entre as ruas Major Cícero e Senador Mendonça, chegando a exportar compotas para a Europa, conforme boletim da Associação Comercial de Pelotas nº 15, p.7. Neste endereço, na parte da frente, funcionava a funilaria e, nos fundos, a fábrica de compotas. Tal documento aponta que a fábrica de compotas, sob o comando de Vincenzo, exportou para a Itália, entre 28 de novembro e 4 de dezembro do ano de 1937, cerca de 10 volumes de compotas de pêssego, totalizando 273kg. De acordo com Cunha (1911), no período da safra do pêssego, a José Sacco & Filhos contava com mão de obra de um mestre, dez operários do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Sua produção alcançava em torno de 12 mil latas, destinadas ao consumo interno estadual. O falecimento de Vincenzo Sacco em 1947, aos 73 anos, pôs um ponto final a esta fábrica, que funcionou por cerca de quarenta anos produzindo compotas de pêssego em Pelotas. A funilaria, contígua à fábrica, manteve o funcionamento até meados da década de 1970.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

No que se refere à divergência de numeração encontrada, e conseqüente dificuldade de localização do antigo endereço da fábrica na atualidade, tratando-se da informação apresentada por Cunha (1911), importante salientar que esta consta de um manuscrito não publicado, talvez sem o crivo de uma revisão mais atenta do autor. Portanto, considerando o caráter de autenticidade inerente ao rótulo, tipo de documento oficial de uma empresa, esta pesquisa prefere considerar o nº 35 como endereço inicial da fábrica. Entretanto, é preciso tomar em consideração a mudança do sistema de numeração de ruas adotado pela Prefeitura, sabidamente ocorrida nos anos iniciais do século XX.

Giuseppe Sacco teve seu nome aportuguesado para José Sacco. Vincenzo tornou-se Vicente. Domenico passou a chamar-se Domingos.

O nome de Domenico Sacco figura entre os dos soldados mortos na 1ª Guerra Mundial em defesa do país (Itália) em 1917.

Conforme Costa (1922), a firma José Sacco & Filhos merece destaque, pois é o mais antigo estabelecimento encontrado dedicado a produzir molho e massa de tomates no início de suas atividades, no começo do século XX. Até então, dados obtidos pela presente pesquisa mostravam a Cicasul como a primeira fábrica a beneficiar tomates em Pelotas.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 –

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Boletim. Nº 15. Pelotas, s/d.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**: obra histórica, descritiva e ilustrada. Porto Alegre: Globo, 1922. V. II. p. 96.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia descritiva de fábricas de Pelotas**. Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito].

FAMÍLIA SACCO PELOTAS [**sítio eletrônico**]. Disponível em: <<http://saccopelotas.blogspot.com.br>>. Acesso em 25 jan. 2017.

7.2. Fontes orais

Rosana Sacco Santos [bisneta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1960]. Entrevistas. Pelotas, 30 jan e 02 fev 2017.

Fábio Almeida Sacco [neto do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1953]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Léa Almeida Sacco [nora do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1926]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Marlene Sacco dos Anjos [neta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1937]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Raquel Braga Fetter [neta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1926]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Tânia Fetter [bisneta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1947]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Renata Sacco dos Anjos [bisneta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1969]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

Rejane Sacco dos Anjos [bisneta do proprietário Vincenzo Sacco; nascimento 1958]. Entrevista. Pelotas, 02 fev 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura recente: do autor, 2017. Figuras 06 a 08: autoria de Heron Cesar M. Demais imagens (rótulo e fotografias): Acervo Família Sacco.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista do interior da funilaria de José Sacco & Filhos, com endereço à Rua Gal Osório, em cujos fundos funcionou a fábrica de compotas;

Figura 02 - Retrato do imigrante italiano Giuseppe Sacco, cujo nome foi aportuguesado para José Sacco;

Figura 03 - Retrato de Domenico Sacco feito na Itália, em que aparece fardado como soldado italiano durante a 1ª Guerra Mundial, motivo pelo qual havia retornado àquele país. No verso da fotografia consta: "Ao meu afeiçoado irmão Vincenzo Sacco como minha recordação. Caserta, 20 de outubro de 1915. Do teu irmão, Domenico Sacco. Décimo Regimento de Artilharia *dae Campania*, 2ª Bateria";

Figura 04 - "*Monumento a Buccinese caduto nella Grande Guerra*" ou Monumento aos soldados italianos do município de Buccino mortos durante a primeira Guerra Mundial, entre 1915-1918;

Figura 05 - Detalhe de uma placa do monumento da fig. 04, em homenagem aos soldados italianos do município de Buccino mortos no ano de 1917, em cuja relação de nomes figura o do soldado Domenico Sacco;

Figuras 06 a 08 - Objetos de lata produzidos na antiga funilaria dos irmãos Sacco.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

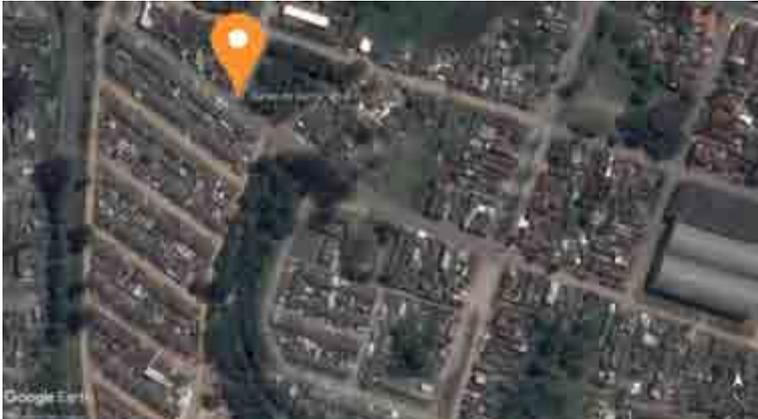
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: FÁBRICA AMAZÔNIA	06
1.1.2. Razão Social: Mascarenhas & Irmão	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Barão de Santa Tecla, nºs 1, 2 e 4.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'46.12"S	2.2.2. Longitude: 52°21'2.97"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	(não foi possível identificar com exatidão o local)

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Balbino Mascarenhas	Início: aprox. 1909	Término: 1911
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Em processo de demolição (2016)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Fundada por Balbino Mascarenhas, sob a firma Mascarenhas & Irmão, localizava-se em um prédio com 14 aberturas de frente pela antiga Rua Paysandú (atual Barão de Santa Tecla), números 01, 02 e 04. Conforme Cunha (1911), a fábrica Amazônia foi criada para explorar conservas de frutas, além de laticínios e carnes, por um sistema especial, privilégio de seu inventor, capaz de manter suas qualidades naturais por um longo período, utilizando um processo inovador. Porém, na prática, a empresa encontrou dificuldades que a levaram a produzir somente compotas de frutas e marmeladas comuns, e funcionar por cerca dois anos somente. Em agosto de 1911, seu patrimônio (terreno, edificações e máquinas) foi vendido para a firma Leal Santos & Cia., fábrica de biscoitos e conservas com matriz na cidade de Rio Grande. Nessa situação, o complexo da Fábrica Amazônia passa a constituir a filial da firma Leal Santos em Pelotas, tendo como novos proprietários Leonel Martin Leal Pancada, Hyppólito Santos, José Antônio J. Santos e José A. de Carvalho. Por ocasião de sua transferência, a fábrica estava sem atividade, sob os cuidados de um gerente, um mecânico e alguns operários, responsáveis pela montagem de novos equipamentos e pela recuperação dos antigos.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

As instalações da antiga fábrica Amazônia, registradas no endereço apontado por Cunha, conforme dito acima, foram adquiridas pela Leal Santos em 1911. Porém, face à escassez de informações relativas encontradas, aliada ao crescimento físico apresentado pela Leal Santos – cujas instalações foram acrescidas de construções novas –, não foi possível determinar com exatidão quais edifícios constituiram a fábrica Amazônia. Além disso, a pesquisa verificou uma possível incoerência na descrição dos endereços, em parte ocasionada pela formação natural da paisagem local, cortada pelo leito do arroio Santa Bárbara.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos
6.2. Fotografias
6.3. Material publicitário
6.4. Documentação
6.5. Plantas
6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas
CUNHA, Alberto Coelho da. Notícia descritiva de fábricas de Pelotas . Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito].
7.2. Fontes orais
7.3. Fontes iconográficas

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

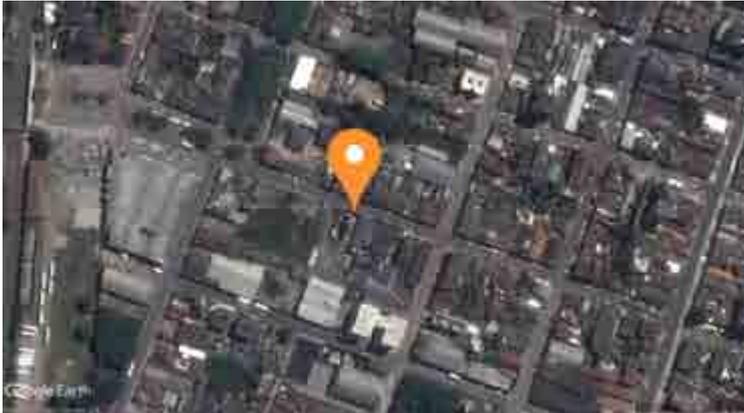
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: (não possui)	07
1.1.2. Razão Social: Menotti Gentilini/Menotti Gentilini & Irmão	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Dom Pedro II, 1069 (anteriormente 7 de Abril, nºs 705 e 707)	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'18.27"S	2.2.2. Longitude: 52°20'53.85"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Menotti Gentilini; Garibaldi Gentilini	Início: desconhecido Término: desconhecido
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/Sem uso/Em arruinação.	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

A família Gentilini teve participação ativa na cidade de Pelotas, desde sua chegada, ainda no século XIX. Sobre a fábrica de conservas, poucas são as evidências encontradas, ainda que significativas. Conforme Cunha (1911), em 1º de janeiro de 1881 o imigrante italiano Vicente Gentilini fundou a Manufatura de Fumos Gentilini. **O endereço inicial foi "o armazém" da Praça da Constituição (hoje Praça Cipriano Barcelos), na esquina da Avenida Saldanha Marinho, onde funcionou por muitos anos até ser transferida para a rua 7 de abril (atual rua Dom Pedro II).** Com o falecimento de Vicente, a empresa passou a Ernesto Gentilini, um de seus filhos. Em 1º de janeiro de 1891 (exatos dez anos após sua fundação) Ernesto a transferiu para seus irmãos Garibaldi e Menotti. Os dois deram continuidade à firma sob a razão Gentilini, Irmão e Cia. e posteriormente pela razão Menotti Gentilini & Irmão. Além do beneficiamento e exportação de fumos (em corda e em folhas) e cigarros, Menotti manteve outros negócios, como engenho de arroz (beneficiando o grão para si e para terceiros), escritório de representações, comissões, consignações e exportação e **barraca de frutos do país**. Tal barraca é mencionada também em anúncio veiculado no *Almanak Hénault* para o ano de 1909. Quanto à produção de conservas propriamente dita, a pesquisa encontrou dois rótulos de pêssegos em calda. Em ambos, consta a fruta ser procedente da "Quinta S. Vicente". **No primeiro deles (ver rótulo 01), consta "preparada por Menotti Gentilini", enquanto no segundo está inscrita a firma "Menotti Gentilini & Irmão" como produtora (ver rótulo 02).** O primeiro pode ser considerado cronologicamente anterior ao segundo, dada a numeração indicada para o endereço da então Rua 7 de abril (ver item informações complementares). Ambos os rótulos são muito semelhantes entre si e remetem ao início do século XX, em termos gráficos. Não foi possível precisar o período em que se desenvolveram as atividades conserveiras dos Gentilini em Pelotas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Garibaldi e Menotti nasceram em Pelotas em 1872 e 1874, respectivamente.

Anúncio veiculado no *Guia Bemporat do Estado do Rio Grande do Sul* no ano de 1906 mostra que Menotti Gentilini chegou a fazer, em instalação anexa, a torrefação de café.

O primeiro rótulo traz o endereço como Rua 7 de abril, nºs 139 e 141, enquanto o segundo traz Rua 7 de abril, nºs 705 e 707.

Conforme Monte Domecq (1916), o dito escritório de representações, comissões, consignações e exportação de Menotti Gentilini funcionou no nº 726 da então Rua 7 de abril (atual Rua Dom Pedro II). Curiosamente, anúncio anterior, veiculado no *Almanak Hénault* para o ano de 1909, aponta Menotti Gentilini como sucessor de Romulo Gentilini, e com endereço à Rua General Netto, nºs 305 e 307 (ver figuras 03 e 04 da seção Material Publicitário).

O nome de Menotti Gentilini foi encontrado nos registros de compras de "latas para pêssego" de um antigo livro de caixa da Metalúrgica Guerreiro. Na anotação do dia 06 de agosto de 1903, consta a "venda de latas a contas correntes a Menotti Gentilini Irmão & Cia." (Figura 02 do item Outros). Também na anotação referente ao dia 28 de fevereiro de 1905, sob o nome de Menotti Gentilini Irmão & Cia., consta: "Soldagem de 1001 latas para compota" (Figura 03 do item Outros).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01



Rótulo 02

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01

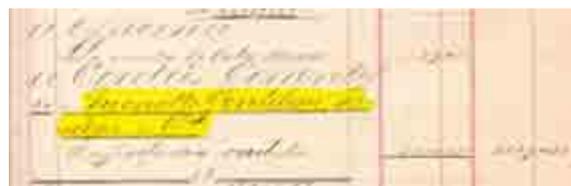


Figura 02

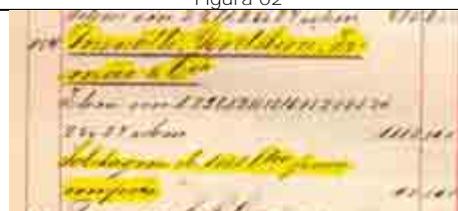


Figura 03

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

ALMANAK HÉNAULT. **Anuario Brasileiro Commercial Illustrado. Guia do Commercio e da Industria Brasileira. 1909.** Rio de Janeiro: A. Hénault, 1908.

BEMPORAT, Achylles. [Diretor Geral]. **Guia Bemporat do Estado do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 1906.

MONTE DOMEQ & CIA. **O Rio Grande do Sul.** Barcelona: Thomas, 1916. p. 282-283.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas VII** - [para o ano] 1919. Pelotas: Diário Popular, 1918. p. 225.

_____. **Almanach de Pelotas XIII** - [para o ano] 1925. Pelotas: A Guarany, 1924. p. 190.

7.2. Fontes orais

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos: Figura 01: Acervo Ivone Ribes Rickes. Fotografia gentilmente cedida pela EMATER, 2007; editada pelo autor; Figura 02: Acervo Biblioteca Nacional: FRUCTAS em calda. Pecego da Quinta S. Vicente: preparada por Menotti Gentilini e Irmão. Estado do Rio Grande do Sul. Industria Nacional. S[ão]Paulo-Rio[de Janeiro]: Cia . Lith. Hartmann-Reichembach, [19--]. 1 rótulo, litograv., col, 9,9 x 33,8 cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1486952/icon1486952.jpg>. Acesso em: 13 out. 2016.

Fotografias: Fotografia atual: Marilei Garcia, 2017; Figura 01: reprodução do Guia Bemporat (1906); Figuras 02 a 10: reprodução de Monte Domecq & Cia. (1916).

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista da fachada do Engenho Santa Ignácia, à atual Rua Dom Pedro II, provável endereço do local de expedição das compotas. Ano de 1906;

Figura 02 - Retratos dos irmãos Gentilini - Menotti e Garibaldi, respectivamente;

Figuras 03 a 09 - Interior do Engenho Santa Ignácia: escritório, engenho de arroz e depósito e manufatura de fumos. Ano de 1915.

Material Publicitário: Figura 01: reprodução do Almanach de Pelotas (1919); Figura 02: reprodução do Guia Bemporat (1906); Figuras 03 e 04: reprodução do Almanak Hénault.

Outros: Figuras 01 a 03: Excertos de Livro Caixa da Metalúrgica Guerreiro. Acervo Nelson Firpo.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

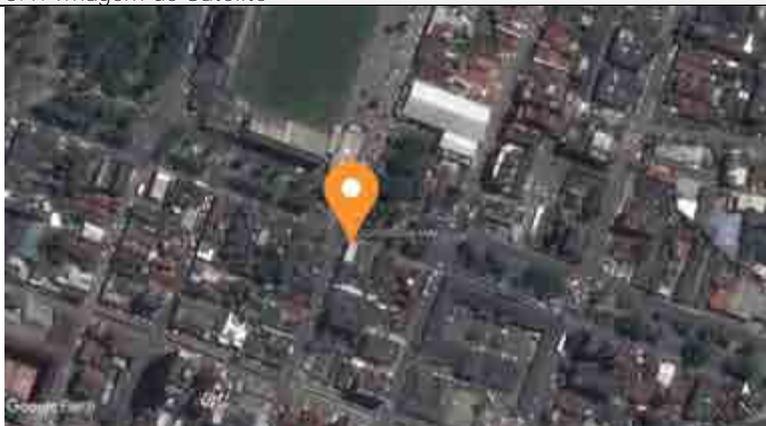
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: JOÃO SCHRAMM	08
1.1.2. Razão Social: (não foi possível averiguar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento) Av. Bento Gonçalves, 548.	2.1.1. Bairro Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'44.70"S	2.2.2. Longitude: 52°20'8.44"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: João Schramm	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: desconhecido Término: desconhecido
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso comercial.	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

A única referência encontrada a respeito desta fábrica foi obtida em um dos números do antigo *Almanak* Laemmert, ano de 1935. Segundo a publicação, a fábrica funcionava à Av. Bento Gonçalves, nº 548.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

Rótulo 01

6.2. Fotografias		
		
Figura 01	Figura 02	Figura 03

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

Figura 01 -

Figura 02 -

Figura 03 -

Figura 04 -

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

ALMANAK LAEMMERT. **Guia Geral do Brasil**. Edição para 1935. 91º ano. Rio de Janeiro: Empresa Almanak Laemmert, 1934. p. 1155.
 OSÓRIO, Sérgio A. G. **Cem anos de tênis e futebol de sete em Pelotas**: 1911 - 2011. Pelotas: Signus, 2012. p. 60.

7.2. Fontes orais

7.3. Fontes iconográficas

Rótulo: Acervo Ivone Ribes Rickes. Fotografia gentilmente cedida pela EMATER, 2007; editada pelo autor.

Fotografias: Figuras 01 e 02: reprodução de Osório (2012); Figura atual e Figura 03: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista desde a seção de Tênis do Esporte Clube Pelotas, na Av. Bento Gonçalves, vendo-se ao fundo o prédio onde antigamente funcionou a fábrica de João Schramm. Década de 1940;

Figura 02 - Detalhe da fig. 01;

Figura 03 - Aspecto atual da edificação em que se localizou a fábrica. Ano de 2017.

Material publicitário: reprodução do Almanak Laemmert (1935).

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

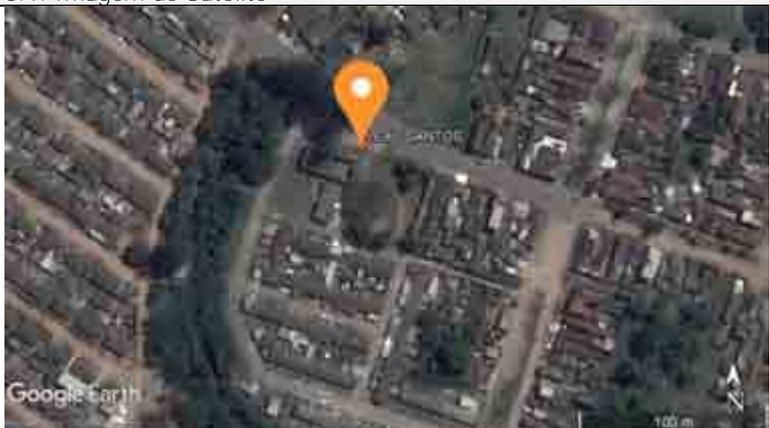
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: LEAL SANTOS	09
1.1.2. Razão Social: Indústrias Reunidas Leal Santos S/A.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Marechal Deodoro, nº 1.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'49.04"S	2.2.2. Longitude: 52°20'59.45"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do(s) proprietário(s):	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Henrique Marques Leal Pancada; J. Amaro de Carvalho; Hyppolito Santos.	Início: 1912	Término: 1992
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Demolido (existe apenas a ruína de uma das edificações).		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Em outubro de 1889, desembarcaram no porto da cidade de Rio Grande os sócios da empresa portuguesa Leal, Santos & Companhia, a fim de ali instalarem uma filial. Inicialmente modesta, a pequena filial da fábrica de conservas alimentícias localizava-se na Rua Imperatriz, transferindo-se posteriormente para uma área mais ampla, de fundos para um canal. À frente do empreendimento estava Henrique Marques Leal Pancada, filho mais novo de um dos sócios. Encontrando na cidade portuária frutas, legumes, peixes e camarões em abundância, o local não poderia ser considerado melhor para o desenvolvimento da fábrica, possibilitando, desta forma, o desligamento da matriz portuguesa, em 1906. Procurando facilitar a distribuição de seus produtos, já afamados no centro do país, a Leal Santos abriu um escritório em 1910 no Rio de Janeiro (Bueno, 2009), na Avenida Central – atual Avenida Rio Branco. No ano seguinte, adquiriu o patrimônio da fábrica de conservas Amazônia em Pelotas (Cunha, 1911) para a instalação de filial. O novo espaço localizava-se junto à margem esquerda do arroio Santa Bárbara, próximo à ponte do ramal ferroviário, que acessava o porto de Pelotas. A produção estava organizada de forma que os famosos "biscoutos" e as bolachas "Maria" e "Água & Sal" eram produzidos em Rio Grande e os enlatados de carne e peixes e as conservas de frutas e legumes em Pelotas, onde ficavam os pomares. Além de pêssego, a Leal Santos processava aspargos para exportação. De acordo com Monte Domecq (1916), a mão de obra utilizada em todas as unidades – matriz em Rio Grande, fábrica e fazenda em Pelotas, escritório comercial e fábrica de chocolates no Rio de Janeiro – contava 600 operários. Carriconde (1922) afirma que a unidade fabril de Pelotas utilizava 150 operários no processamento das conservas de frutas e de carnes.

Em 1928, a fábrica em Rio Grande foi atingida por um grande incêndio. Recuperada, a empresa continuou seu crescimento e, em 1940, passou a seguir o formato jurídico de "sociedade anônima", sob a razão social Indústrias Reunidas Leal Santos S/A. Com o falecimento de Henrique Marques Leal Pancada (Comendador; título outorgado no Brasil), em 1942, assumiu a chefia da empresa seu genro, Vasco Santos Vieira da Fonseca, mantendo a empresa em crescimento. No ano de 1947, já trabalhando com enlatados de peixes, a Leal Santos teve um incremento significativo ao constituir frota fluvial própria, passando a navegar com autonomia em toda a costa do Estado do Rio Grande do Sul, na busca de cardumes. Conforme Maestrini (2009), "[...] foram lançadas ao mar duas embarcações pesqueiras construídas em estaleiro gaúcho, de nomes Albamar e Brisamar", os dois primeiros barcos dedicados à pesca em alto mar. Com motivação renovada, a Leal Santos, ao final da década de 1950, investiu fortemente no setor de pescados. Passado algum tempo, Vasco Santos Vieira de Fonseca precisou afastar-se do comando da empresa por motivos de saúde. Em seu lugar assumiu seu filho, Henrique José Leal Santos Vieira da Fonseca, que em 1968 constituiu associação com o Grupo Ipiranga. Em 1969 esse grupo obteve o controle acionário da Leal Santos, ampliando seu patrimônio ao adquirir grande área de terras nas proximidades do porto de Rio Grande. Desta forma, a Leal Santos tornou-se a maior empresa de pescados do país, com o maior faturamento e o maior volume de exportações.

Em 1994, o Grupo Ipiranga priorizou suas atividades ligadas ao petróleo, desfazendo-se de todos os negócios paralelos que detinha. A Leal Santos foi vendida ao grupo argentino Benvenuto, que a repassou, por sua vez, a um grupo espanhol chamado Actenssa, no ano de 2006 (Bueno, 2009). Em Pelotas, a Leal Santos encerrou sua produção conserveira três anos após completar um século de atividades, fechando as portas em 1992.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

No ano de 1941, grande enchente assolou o Estado, provocando graves estragos também na área urbana de Pelotas. Todas as áreas baixas da cidade, como as margens do Canal São Gonçalo, a zona do porto, o antigo gasômetro e principalmente terrenos ribeirinhos ao Arroio Santa Bárbara – onde se localizava a fábrica Leal Santos –, leito da ferrovia Pelotas-Rio Grande e adjacências sofreram o impacto da inundação.

Em 1947, com projeto do arquiteto Júlio Delanoy, francês radicado em Pelotas, a Leal Santos construiu novo pavilhão (Planta anexa). No verão daquele mesmo ano, em plena safra, operárias e operários do turno posaram para uma foto de Natal, ao lado do novo pavilhão (Figura 11 da seção Fotografias).

A *Revista Princesa do Sul*, em seu nº 6 (1951, p.16) traz um dado digno de nota: "Indústrias Leal Santos S/A é a pioneira na industrialização da conserva de ervilhas no continente e nesse ramo vem superando a própria expectativa".

Segundo Maestrini (2009), em 1957 Alberto Teixeira Pinto, funcionário da empresa desde 1935, assumiu a gerência da Leal Santos-Pelotas.

Era uma prática comum, no pico da safra, as fábricas menores enlatavam "por comissão" para as fábricas maiores. Conforme Bach (2009), a fábrica de Ernesto Ney, entre outras, enlatou para a Leal Santos por três anos, na década de 1960. Relativamente à Leal Santos, essa prática continuou, pelo menos, até o começo da década de 1970.

Precisamente em 1975, a Leal Santos comprou as cotas de dois sócios da concorrente Prinsul (Geraldo Grupeli e Adolfo Kickhöefel), totalizando 50% do controle da referida empresa. A Prinsul localizava-se na zona colonial de Pelotas, próxima ao restaurante Grupelli, e enlatou conservas com rótulo próprio até 1981.

No ano de 1989, foram processadas 24 mil toneladas de pescados e camarões pela Leal Santos.

Hugo Poetsch, industrial em Pelotas, em um relatório da sua empresa (1993), a Agapê, cita a Leal Santos como "a maior fábrica do gênero no país, até meados da década de 1960." Como atestado do alegado poderio da empresa está o Decreto nº 41.939, de 31 de julho de 1957, o qual "concede permissão, em caráter permanente, a Indústrias Reunidas Leal Santos S/A, com sede na cidade de Rio Grande e filial em Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, para funcionar aos domingos e nos feriados civis e religiosos." (grifo do autor) O decreto foi assinado pelo então presidente da república Juscelino Kubitschek.

Bueno (2009) faz referência a uma propriedade da Leal Santos em Pelotas que "produzia frutas e legumes para as conservas".

Além de pêssego e milho, a Leal Santos plantava e enlatava aspargos e suas famosas ervilhas coração-de-manteiga, consideradas de "qualidade superior".

Anacleto Firpo, proprietário da Metalúrgica Guerreiro - fornecedor de praticamente a totalidade das latas utilizadas na indústria conserveira (entre outras) de Pelotas e região -, conforme atestam os depoimentos, mantinha um ótimo relacionamento com todos os industriais do ramo conserveiro, unânimes em afirmar sua pronunciada humanidade. O bilhete da figura 01 da seção Outros desta ficha traz a seguinte recomendação: "Meu caro Alberto/ leva-te este bilhete/ o meu afilhado que/ ficará sob a tua bon-/dosa proteção./ Abraça o [assinatura de Anacleto Firpo]". Estas palavras foram escritas pelo próprio Anacleto, como recomendação de emprego para um ex-funcionário de sua metalúrgica.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -

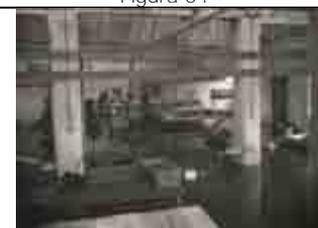


Figura 08 -

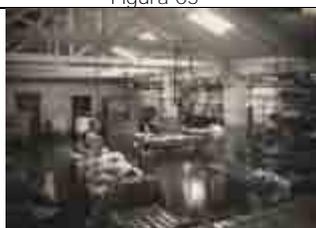


Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -

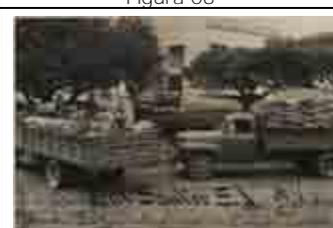


Figura 12 -

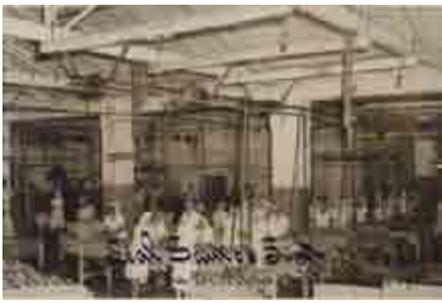


Figura 13 -

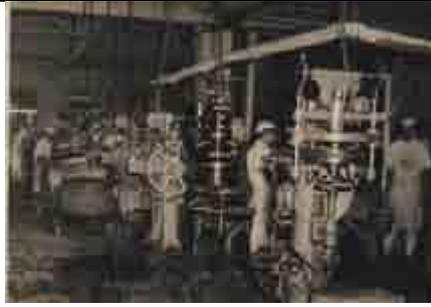


Figura 14 -



Figura 15 -

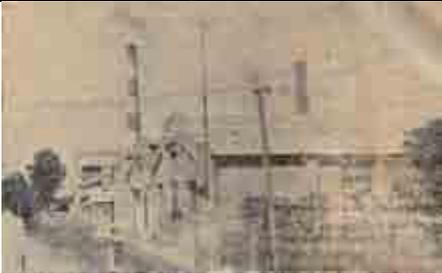


Figura 16 -



Figura 17 -



Figura 18 -



Figura 19 -



Figura 20 -



Figura 21 -

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -

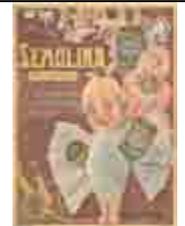


Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -

6.4. Documentação



Figura 01 -

6.5. Plantas

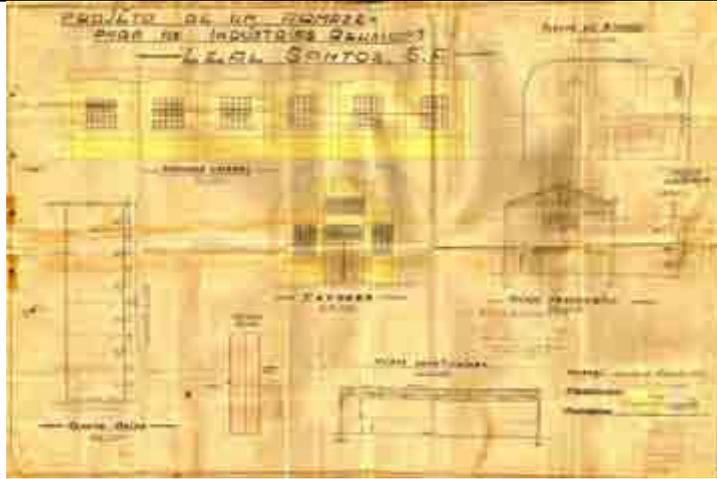


Figura 01 –

6.6. Outros



Figura 01 –



Figura 02 –



Figura 03 –



Figura 04 –

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

A Alvorada [jornal]. Pelotas, 20 set. 1948. p. 2.

ALONSO FILHO, Geraldo; GOULART, Paulo Cezar. **Anúncios do Almanak de Laemmert**: 1919, 1923-1924. São Paulo: Vargem Grande Paulista: Instituto Cultural ESPM: A9 Editora, 2014. p.93.

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural**: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/974>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. **Indústria de ponta**: uma história da industrialização no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

BRASIL. Lei nº 41.939, de 30 de julho de 1957. Concede permissão, em caráter permanente, a Indústrias Unidas Leal Santos S.A., com sede na cidade de Rio Grande e filial em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, para funcionar aos domingos e nos feriados civis e religiosos. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Rio de Janeiro, RJ. Seção 1 - 14/11/1957, p. 25765. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=173050&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>>. Acesso em 23 jan. 2017.

CARRICONDE, Clodomiro. **Álbum de Pelotas**. Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: Globo, 1922.

CASTRO, Euclides Franco de. **Revista Princesa do Sul**. Apontamentos, históricos, reminiscências, comemorativo, estatístico de Pelotas. Nº 6. 6º ano. Abr. 1951. p.16.

MARTINS, C. A. A. **Indústria de pesca no Brasil**: o uso do território por empresas de enlatamento. Tese de doutorado em Geografia. Florianópolis: UFSC, 2006. 245 p.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**: obra histórica, descritiva e ilustrada. Porto Alegre: Globo, 1922. V. II. p. 88.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia descritiva de fábricas de Pelotas**. Pelotas: Biblioteca Pública de Pelotas, 1911. s. p. [Documento manuscrito].

Diário Popular [jornal]. Pelotas, 27 de agosto de 1957. p. 11.

DELANOY, Simone Soares. **A presença francesa na arquitetura pelotense**: um estudo sobre o arquiteto Julio Delanoy. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MONTE DOMEQ & CIA. **O Rio Grande do Sul**. Barcelona: Thomas, 1916.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

REVISTA FON-FON!. **Ano III. Nº 34. 21 ago. 1909**. Rio de Janeiro: Empresa Fon-fon e Selecta. p.8.

7.2. Fontes orais

Ângela Maestrini [filha do gerente da filial Pelotas; nascimento 1953]. Entrevista. Pelotas, 10 mar. 2009.

Arlindo de Oliveira Garcia [ex-funcionário da Metalúrgica Guerreiro; nascimento 1933]. Entrevista. Pelotas, 28 abr. 2014.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulo: reprodução de MARTINS (2006).

Fotografias: Figura 01: reprodução de ALONSO FILHO; GOULART (2014); Figura 02: Acervo Biblioteca Nacional; Figuras 03 e 04: Acervo Guilherme P. de Almeida; Figuras 05 a 19: Acervo Ângela Maestrini; Figuras atual e 20: autoria de Marilei Garcia.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - **"Os senhores José Antonio dos Santos (à esquerda) e Henrique Leal Pancada, sócios da acreditadíssima fábrica de biscoitos Leal Santos & C., de Pelotas, sentados no *Castellões* [sic], em companhia do conhecido *businessman* Pompilio Dias". Fotografia publicada na sessão "Rio em Flagrante" da Revista "Fon-Fon!". Ano de 1909;**

Figura 02 - Atividade no interior da fábrica no início do século XX;

Figuras 03 e 04 - Fachada principal e vista interna de prédio utilizado pela fábrica. Fotografias do ano de 1921 publicada no livro **"O Rio Grande do Sul", de Alfredo Rodrigues da Costa (1922);**

Figura 05 - Seção de máquinas da fábrica. Ano de 1934;

Figuras 06 e 07 - Aspectos externos da fábrica durante a enchente de 1941;

Figuras 08 e 09 - Interior da fábrica durante a enchente de 1941;

Figura 10 - Obras de ampliação. Ano de 1947;

Figura 11 - Funcionários da Leal Santos. Natal de 1947;

Figuras 12 a 14 - Descarga de ervilhas; vistas internas da atividade de processamento de ervilhas. Ano de 1952;

Figura 15 - Equipe de futebol da Leal Santos durante o campeonato do Serviço Social da Indústria - SESI, no campo do Clube Atlético Bancário, Bairro Simões Lopes. Ano de 1953;

Figura 16 - Vista parcial do complexo fabril da Leal Santos no ano de 1951;

Figura 17 - Descarga de ervilhas. Década de 1960;

Figura 18 - Depósito e Seção de Rotulagem da fábrica. À esquerda da foto, o gerente da filial pelotense, Alberto Teixeira Pinto;

Figura 19 - Industriais do setor conserveiro de Pelotas, reunidos com o Secretário Estadual de Agricultura, com o Prefeito de Pelotas e outras pessoas ligadas à cultura do pêssego. Prefeitura de Pelotas. Ano de 1975;

Figura 20 - Vista parcial do complexo fabril da Leal Santos no ano de 1944. Em primeiro plano, a margem do leito original do Arroio Santa Bárbara;

Figura 21 - Vista da última edificação remanescente do antigo complexo fabril da filial pelotense da fábrica. Ano de 2010.

Material publicitário: reproduções de PESAVENTO (1985) (figuras 01 e 02) e BUENO (2009) (figuras 03 e 04). Figuras 06 e 07: Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Planta: reprodução de DELANOY (2012).

Outros: Figuras 01 a 04: Acervo Arlindo de Oliveira Garcia.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

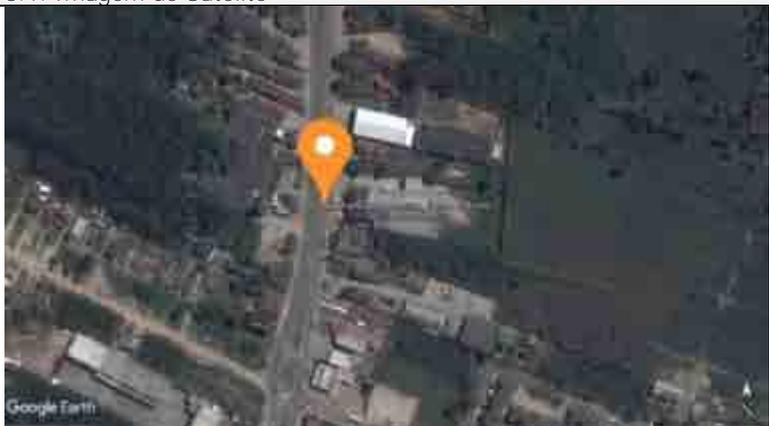
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS BROD	10
1.1.2. Razão Social: Jacob Brod Filho & Cia. Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 5828.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'0.34"S	2.2.2. Longitude: 52°20'20.32"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do(s) proprietário(s):	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Jacob Brod Filho; Joel Monteiro; Joaquim G. Ramos	Início: 1915	Término: 1970
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Misto (residencial e comercial)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Segundo Euclides Franco de Castro, em texto de propaganda veiculado em dos números de sua Revista Princesa do Sul (Figura 01 da seção Outros), a firma Jacob Brod & Filho havia se estabelecido no ramo (de produtos de conserva) ainda no ano de 1915, à Estrada do Retiro (atual Avenida Fernando Osório). Não foi possível encontrar informações desse período inicial da firma. Conforme depoimento de Glênio Brod Ramos (2013), seu avô Jacob Brod Filho, vereador pela cidade de Pelotas (1947-1951), possuía muitas terras no Bairro Três Vendas, além de um forte comércio de produtos coloniais, dotado inclusive de bomba de gasolina. Com o casamento de sua filha Arlete com o ex-militar do exército Joaquim G. Ramos (dezembro de 1948), Jacob Brod Filho fundou a fábrica de conservas em 1950, tendo seu genro como sócio. As instalações iniciais foram adaptações de seu prédio comercial. Falecendo Jacob Brod Filho cinco anos depois, em 10 de maio de 1955, continuaram os negócios, em sociedade, seu filho Francisco de Paulo Brod e seu outro genro, Joel Monteiro (casado com sua filha Aida). Ainda conforme Glênio, na época da safra do pêssego era grande o número de operários, principalmente no descarocamento da fruta, atividade que exigia um maior número de safristas (mormente do sexo feminino). A produção era controlada por pessoa. Cada balde (ou bacia) de pêssego descarocado equivalia a uma ficha. Então, o número de fichas que cada funcionária apresentava ao final do dia indicava sua produção individual. Os produtores (fornecedores) colhiam o pêssego na colônia local, sendo constante a chegada de caminhões carregados. Na etapa de "limpeza do pêssego" e de sua colocação nas latas, somente trabalhavam pessoas consideradas de "confiança", que já haviam trabalhado juntas por bastante tempo. Todas usavam uniformes: as mulheres um tapa-pó azul claro com lenço da mesma cor; os homens trajavam um jaleco igualmente azul. Todos os uniformes tinham bordado o monograma "CB", de "Conservas Brod". A rotina começava às 7 horas da manhã, estendendo-se até as 18 horas, ou enquanto houvesse pêssego para processar. A hora extra se estendia até as 22 horas. Havia intervalo para o almoço e horário de café. Cada funcionário trazia sua refeição, utilizando refeitório coletivo. Após alimentarem-se, sentavam, por vezes, à sombra de árvores, para breve descanso antes do retorno às atividades. A rotina da fábrica, que era de muito trabalho, prossegue Glênio, incluía sábados e domingos e, eventualmente, os dias de Natal e do Ano Novo. Trabalhadores de todas as faixas etárias eram admitidos, a partir dos 14 anos de idade. Com exceção dos mais novos, que trabalhavam sem registro, como aprendizes, os demais eram registrados. Caso fossem aprovados, no ano seguinte, sua carteira era assinada na safra. O contingente de trabalhadores provinha do próprio bairro (Três Vendas) e de vilas próximas, principalmente da Santa Terezinha. É preciso sublinhar que tratavam-se, na grande maioria, de emigrados da zona rural, com o propósito específico de trabalhar na cidade. Representantes de vendas atuavam em nome da empresa nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e no Espírito Santo, emitindo faturas através do Banco do Brasil, Banco do Comércio, Banco Sulbrasileiro e Banrisul. As transportadoras mais utilizadas para entrega eram a Mayer, a Três-Maiense e a Javali. As latas de meio e um quilo eram fornecidas pela Metalúrgica Guerreiro, também de Pelotas. Como esta metalúrgica atendia todas as fábricas existentes à época, por vezes faltavam latas prontas. Para não comprometer a atividade, as Conservas Brod solicitavam o estoque de latas de alguma outra fábrica, e depois devolvia a quantidade emprestada. Quanto aos dejetos, Glênio afirma que eram despejados na natureza sem qualquer tratamento químico. A água proveniente do descasque, realizado quimicamente, era expelida nos fundos da fábrica, diretamente em uma valeta. Tal descarte tinha o inconveniente de produzir um cheiro bastante forte, ao fim de tarde, mormente sentido na época da safra. Quanto aos caroços, eram descartados nos fundos do próprio terreno, utilizados como aterro. O fornecimento de água nas Três Vendas era um problema sério para a fábrica. A constante falta de pressão comprometia sobremaneira as atividades. Na safra, muitas vezes era preciso chamar os Bombeiros para preencher os reservatórios, pois todo o processamento conserveiro dependia do fornecimento adequado de uma grande quantidade de água para funcionar satisfatoriamente. Posteriormente, foi providenciado um poço artesiano, cuja água, porém, não era suficiente boa (era salobra) e só podia ser utilizada para limpeza (lavagem das mesas e do chão). A situação só melhorou quando foi construída a Represa e Estação de Tratamento do Arroio Santa Bárbara, finalizada em 1968.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Na época em que Jacob Brod Filho foi vereador (1947-1951), a função não era remunerada.

Joel Monteiro, genro de Jacob Brod Filho, foi vice de João Carlos Gastal, prefeito de Pelotas (1960-1963).

Os proprietários das Conservas Brod incentivavam o esporte no ambiente fabril. Anexo à fábrica, foi criado um clube de tênis de mesa (o popular ping-pong), que sagrou-se campeão estadual de 1962, recebendo o troféu em mãos do governador Leonel Brizola. O nome do clube era "Quatro Ases e um Coringa". Em 1964 foi construída ainda uma cancha de futebol de salão, nos fundos da fábrica, muito utilizada pelos funcionários.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -

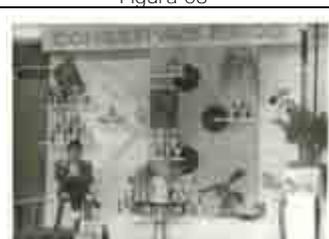


Figura 12 -

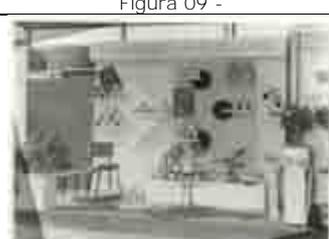


Figura 13 -



Figura 14 -



Figura 15 -

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02

6.4. Documentação



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 –



Figura 06 –



Figura 07 –

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

CASTRO, Euclides Franco de. **Revista Princesa do Sul**. Apontamentos, históricos, reminiscênico, comemorativo, estatístico de Pelotas. Nº 8. 7º ano. 18 Ago. 1951. p.8.

7.2. Fontes orais

Glênio Brod Ramos [ex-funcionário; neto de Jacob Brod Filho; nascimento 1949]. Entrevista. Pelotas, 01 mai. 2013.

Edi Kabke Ramos [ex-funcionário; nascimento 1949]. Entrevista. Pelotas, 22 ago. 2013.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias e Documentação: Acervo Glênio Brod Ramos.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Fachada de casa de comércio (entrepasto) de produtos coloniais, no Bairro Três Vendas. No centro da imagem, uma bomba de gasolina;

Figuras 02, 05 e 06 - Vistas da quadra de futebol anexa à fábrica;

Figura 03 - Funcionário alimentando a caldeira à lenha;

Figura 04 - Grupo de funcionários em frente à caldeira;

Figuras 07 e 08 - O sócio Joel Montelro, durante solenidade, descerrando a placa comemorativa de primeiro lugar alcançado pelo time da fábrica - o Quatro Ases e Um Coringa - no campeonato estadual de tênis de mesa (**ping-pong**) do ano de 1962;

Figura 09 - O entrevistado Glênio Brod Ramos, no escritório da fábrica, à rua Dom Pedro II (interior do antigo prédio Engenho Santa Ignácia);

Figura 10 - O casal de namorados Glênio Brod Ramos e Edi Kabke - os dois se conheceram trabalhando como funcionários na fábrica;

Figuras 11 a 13 - Estande das Conservas Brod durante uma exposição na Associação Rural de Pelotas. Década de 1960;

Figura 14 - Retrato de Jacob Brod Filho;

Figura 15 - Retrato de Joaquim G. Ramos, genro e sócio de Jacob Brod Filho.

Material publicitário: Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Fotografia atual de autoria de Marilei Garcia.

Outros: Acervo Margareth Vieira.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

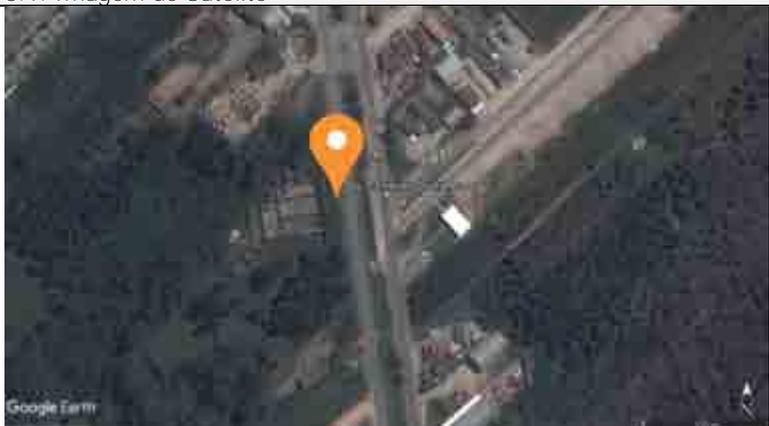
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS LEBRE	11
1.1.2. Razão Social: Balester & Cia Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 7365.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'8.34"S	2.2.2. Longitude: 52°20'27.91"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Eduardo Balester	Início: 1930	Término: 1988
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Ruína.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Esta empresa, conforme apurado, tem sua origem na cidade de Rio Grande, entre o final do ano de 1923 e o início do ano de 1924, tendo operado por cerca de 65 anos até o fechamento de suas portas, ocorrido no ano de 1988. Sua história em Pelotas, porém, remete ao ano de 1930, quando aqui se instala em um pequeno galpão (8m x 15m de área), para produzir compotas de pêssego, figo e abacaxi. Ocupou sempre o mesmo endereço, na Avenida Argentina (atual Fernando Osório), bairro Três Vendas, totalizando 58 anos de atividades na cidade. Segundo os relatos dos entrevistados, a marca adotada para as conservas foi **"Lebre" em alusão ao mamífero homônimo semelhante** – porém maior e mais veloz* – ao coelho e aos campos do sul do Estado onde este habita. Um dos maiores fornecedores de pêssego para a fábrica foi Ivo Scaglione, produtor da localidade de Ponte Cordeiro de Farias, 5º Distrito de Pelotas. Também adquiriam frutas de Carlos Firpo, que além de industrial, possuía pomares visando justamente o abastecimento de outras fábricas. Entre 1966 e 1974, a empresa forneceu assistência técnica e financeira (insumos e adiantamento) aos produtores. Esta assistência era prestada pelas pessoas dos irmãos Cyro e João Balester, que trabalhavam na zona rural visitando diretamente os produtores. Ainda segundo os relatos obtidos, todos os anos, de dezembro a janeiro, havia uma grande **"briga" pela mão de obra safrista**, especialmente com os concorrentes Abel Dourado, Mello e a Agapê, pois estas fábricas colocavam ônibus fretados especialmente para trazer operários da cidade de Rio Grande. Tais ônibus saíam às 5h da manhã para apanhar operários, chegando às 7h, de maneira que o expediente iniciava às 7h30. Os funcionários traziam seu próprio almoço, pois a fábrica tinha espaço destinado a refeitório. Ao final do dia retornavam para Rio Grande. Essa verdadeira "maratona" acontecia porque não havia em Pelotas mão de obra suficiente para todas a indústria conserveira no pico da safra. A questão da mão de obra, segundo os relatos, gerava muita confusão. Famílias inteiras trabalhavam, comumente acontecendo de haver três gerações (avó, mãe e filhas, por exemplo) trabalhando concomitantemente. Cada fábrica dispunha de sistema próprio para alcançar o melhor aproveitamento da mão de obra safrista. Grupos familiares eram muito utilizados, principalmente no descarocamento – trabalho manual –, sempre em duplas: uma pessoa cortava o pêssego e a outra o descarocava. Ao final da jornada de trabalho, os caroços eram pesados, permitindo mensurar a produção diária individual. Cada quilo de caroços equivalia a um determinado valor em dinheiro, cujo somatório diário exprimia o valor da produção e, consequentemente, o valor a ser recebido por determinado operário naquela semana de trabalho. Com o tempo, os caroços, que anteriormente eram descartados, passaram a ser secados ao sol por dez dias e utilizados como substituto à lenha na caldeira. Milton Balester afirma que era muito comum fabricar compotas para a indústria paulista sem o rótulo. Tratava-se da chamada **"lata branca"**. Outras vezes os compradores mandavam seus rótulos para serem inseridos nas latas. Cada uma dessas situações tinha um custo diferente. Se a **"lata normal "rotulada"** custasse para a empresa compradora R\$2,00, a **"lata branca"** custava R\$1,50, por exemplo, para efeito de comparação. Uma prática comum entre as fábricas era a de organizar grandes pilhas de latas de compotas embaladas, a fim de resfriarem satisfatoriamente antes de passar pela rotulagem. Para garantir esse processo, era utilizada casca de arroz por entre as pilhas de latas, visando absorver o "suor" (pela condensação) da lata, gerado pelo contato com o ar úmido. A umidade, se não coibida, poderia ocasionar a **oxidação** ("ferrugem") da folha de flandres, comprometendo o acabamento visual resultante da rotulagem. Nos picos de safra, uma logística diária de recepção do pêssego era necessária para manter a fábrica em funcionamento efetivo, em todos os seus setores. Uma vez que a maioria das fábricas não possuía câmara fria, todo o pêssego que adentrava tinha de ser processado o mais imediatamente possível. Era nos finais de tarde, no entanto, que grande parte do pêssego chegava, em função de vários fatores. O tempo levado desde a colheita (apanhar o pêssego) no pomar, a pré-classificação na propriedade e ainda a necessidade de se procurar evitar os horários de sol intenso no transporte da fruta, entre outros motivos, obrigava o aluguel de uma câmara fria. Para tal, costumava-se recorrer a empresas de maior porte, como o Anglo, a Ceasa, a Enfripeter ou outros frigoríficos. Era preciso, antes de levar ao frigorífico, porém, "dar um banho de água no pêssego com caixa e tudo", utilizando-se **um produto chamado "Melaton"**. As câmaras frias eram alugadas por turnos e não se podia exceder o prazo de uma semana. Quando a Conservas Lebre começou, era utilizada

uma caldeira a lenha para a produção do vapor. Seu fogo era iniciado às 5h da manhã para contar com o vapor às 7h. Posteriormente a empresa adquiriu uma caldeira a óleo, de rápido aquecimento, resolvendo esta questão. Terminada a safra, era preciso pagar a mão de obra safrista e os fornecedores de açúcar e latas, bem como os produtores das frutas. Nesse período, em que os recursos “só saíam”, era preciso, por vezes, recorrer ao financiamento bancário, especialmente ao Empréstimo do Governo Federal, junto ao Banco do Brasil. A garantia deste empréstimo por parte das fábricas era a sua produção de latas de compotas, da safra recém-terminada – no caso da Lebre, esta garantia perfazia 500 mil latas. Em 1973, a empresa participou da 1ª Fenapêssego, realizada na Associação Rural de Pelotas, com um estande giratório que chamou muito a atenção dos visitantes. As vendas locais eram feitas diretamente por vendedores. Demais vendas contavam com representantes comerciais, que percorriam desde o Chuí, no Rio Grande do Sul, até Belém do Pará. Para o exterior, havia representantes na França, Itália e Japão. Havia ainda exportação de monta razoável para o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. Para o Uruguai e a Argentina, as compotas iam de trem até Chuí, trocando de carro (pela diferença de bitola) e seguindo seu destino a Montevideú e Buenos Aires. O fechamento veio em decorrência da crise que se originou da importação de compotas através da Associação Latino Americana de Livre Comércio (ALALC), altos juros, inflação e com a importação do pêssego grego subsidiado na década de 1990 – fato que ocasionou o fechamento de diversos outros empreendimentos similares.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

*Conforme Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa, 2008, p.456.

Os irmãos Cyro e João Balester trabalhavam por comissão com algumas fábricas da zona rural de Pelotas, dentre elas a de João Casarin. A figura 01 da seção Fotografias mostra um dos irmãos Balester em frente à fábrica de Casarin na Colônia Maciel, com seu novo caminhão Mercedes-Benz.

Por ocasião dos 50 anos da empresa em Pelotas (1980) foi lançado um selo comemorativo com o bordão: **“Marca Lebre, um produto sempre à frente”**.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

João Casarin [industrial do ramo (com fábrica na Zona Rural); nascimento 1934]. Entrevista. Pelotas, 01 mai. 2008.
 Ubirajara Rodrigues Ribas [ex-gerente; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 05 set. 2012.
 Valter Lourenço Corvello [ex-funcionário; nascimento 1946]. Entrevista. Pelotas, 13 abr. 2013.
 Milton Balester Albers [ex-funcionário; nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 02 mai. 2014.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura 01: Acervo João Casarin; Figuras 02 a 05: do autor, 2009; Figuras 06, 07 e atual: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista parcial da fábrica de João Casarin, na Colônia Maciel, zona rural de Pelotas, que enlatava por comissão para a Lebre. Ao lado do prédio, um dos irmãos Balester e seu caminhão Mercedes-Benz;

Figuras 02 a 05 - Vistas das ruínas da antiga fábrica Lebre, no ano de 2009;

Figura 06 - Ruínas da fábrica em 2017;

Figura 07 - Caixa plástica para transporte de pêssego, com o timbre da fábrica.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

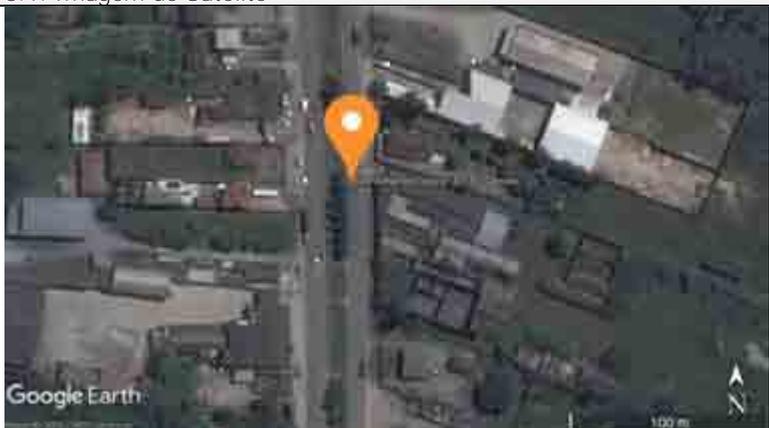
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS PELOTENSE	12
1.1.2. Razão Social: Fábrica de Conservas Pelotense	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 6316.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'43.42"S	2.2.2. Longitude: 52°20'22.03"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Augusto Garlich	Início: 1934	Término: 1971
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Sem uso/Em arruinamento.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Natural da cidade de Osnabrück, norte da Alemanha, mais precisamente da localidade de Engte, próximo à cidade de Bremen, Augusto Garlich imigrou para o Brasil em meados de 1926. Conforme seu relato ao jornal **Diário Popular** (12 ago. 1951. p. 6.), durante a viagem "roubaram tudo de sua mala". Apenas quando estava prestes a desembarcar em Rio Grande, Garlich percebeu que tudo lhe havia sido furtado, restando somente a roupa do corpo. Nesta cidade, trabalhou inicialmente no Frigorífico Swift, na seção de carnes – sua especialidade na época. Vindo para Pelotas, trabalhou em várias outras empresas. Em fins de 1933, retornou à Alemanha, onde utilizou suas economias feitas no Brasil para adquirir as duas principais máquinas, com as quais pôde começar a trabalhar por conta própria. Foi assim que em 29 de julho de 1934, logo após contrair matrimônio com a Srt^a **Maria Francisca Riemer, Garlich fundou a "Fábrica de Conservas Pelotense"**. Muito tempo decorreu até que sua indústria se desenvolvesse a partir de uma simples fábrica caseira, e para que o "galpãozinho" inicial tomasse as proporções de "verdadeira fábrica". À medida que novas instalações foram sendo acrescentadas e novas máquinas adquiridas, a fabricação de conservas de frutas foi tornando-se atividade principal e, conseqüentemente, a seção de salsicharia – com a qual iniciara o negócio – relegava-se a ramo acessório. Ainda de acordo com a entrevista, alguns nomes foram lembrados por Garlich como auxiliares fundamentais na indústria. Na salsicharia, Ernesto Krüger, pela vasta experiência no ramo de conservas; o "trabalho inteligente" de Heinz Riemer, cunhado do proprietário; nesta mesma seção, a orientação da Sr^a Maria Riemer, esposa do proprietário, exercendo as funções de contramestre das operárias, auxiliada por Clara Chagas; a importante atuação de Eduardo Riemer – "conhecedor de mecânica em geral e verdadeiro gênio inventivo" – nas oficinas da fábrica. Além destes, foram mencionados "muitas dezenas de empregados das mais variadas categorias". Mensalmente eram produzidos muitos e muitos quilos de frios. **Todos os anos a "Fábrica de Conservas Pelotense"** produzia milhares de latas de produtos enlatados diversos: conservas de pêssegos, figos, goiabas, morangos, marmelos, abacaxis, pêras, maçãs, aspargos, ervilhas, pepinos, tomates, repolhos e peixes. Em fotografias atuais das dependências da antiga fábrica, são perceptíveis construções similares a antigos alojamentos, edificadas aos fundos do terreno. Vani Kütter Garlich, nora de Augusto, confirmou tratarem-se de alojamentos (dormitórios), dotados de duas camas cada, para uso dos operários que faziam o serviço pesado, especialmente aqueles responsáveis pelo acendimento da caldeira, que precisava ser realizado cedo (por volta das 5h), para viabilizar a produção de vapor com a maior brevidade possível, visando a pontualidade do começo dos trabalhos, pela manhã. Segundo Vani, a fábrica possuía vendedores (representantes) "desde Santa Catarina até a Bahia". A Conservas Pelotense manteve suas atividades até 1971, quando por causa de dívidas (com o fornecimento de latas, açúcar etc.) a indústria foi vendida para Abel Dourado, empresário de Rio Grande.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Augusto Garlich nasceu na cidade de Osnabrück, ao norte da Alemanha, localidade de Engte, próximo à cidade de Bremen. Imigrou ao Brasil em meados de 1926, onde residiu definitivamente, sem jamais naturalizar-se brasileiro, porém.

O pai do entrevistado Plínio Hoffmann, Sr. Ernesto Hoffmann, foi amigo próximo de Augusto Garlich, inclusive tendo dividido moradia com este (uma casa pertencente a membro da família Saalfeld). Ernesto, morador da atual Avenida Fernando Osório, possuía uma correaria situada na porção anterior de sua casa, em cujos fundos Augusto morou, junto a uma fabriqueta de embutidos (Figura 05 da seção Fotografias).

Um detalhe de interesse historiográfico está no fato de que a fábrica foi uma das muitas instalações atacadas em agosto de 1942, no episódio conhecido como "quebra-quebra", série de violentas represálias na forma de vandalismo sofridas por empresas de cidadãos de origem alemã no período da II Guerra Mundial.

Na década de 1960, a fábrica fornecia refeições (almoço) aos funcionários.

Vani Kütter Garlich, nora de Garlich e viúva do único filho do casal Garlich, Eduardo Werner Garlich, relata (2011) que seu sogro, por ser estrangeiro e nunca ter regularizado sua situação no país, não podia ter nenhum bem em seu nome, portanto, usava o nome de um cunhado para o registro de seus bens.

Conta ainda Vani (2011) que os primeiros dois caminhões Mercedes-Benz a circularem em Pelotas foram trazidos de São Paulo por seu sogro Garlich e por Carlito Saalfeld, proprietário de uma fábrica de compostas na localidade de Vila Nova, 7º Distrito de Pelotas.

Em uma grande venda de produtos para a Bahia, através de um de seus representantes, sofreu o maior golpe: um calote na venda de grande quantidade de compotas (Vani, 2011).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

Diário Popular, Pelotas, 12 ago. 1951. p. 6.

7.2. Fontes orais

Vani Irle Kütter Garlich [nora do proprietário; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 16 mai. 2011.

Plínio Hoffmann [integrante do círculo de relações do proprietário; técnico em caldeiras; prestador de serviço de assistência técnica; nascimento 1941]. Entrevista. Pelotas, 07 jan. 2016.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografia atual: Marilei Garcia, jan. 2017.

Fotografias e outros – Acervo Vani Irle Kütter Garlich.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Fábrica em atividade, tendo ao centro, operando uma recravadeira o senhor Augusto Garlich. Final da década de 1930;

Figura 02 - Vista da lateral da fábrica, no final da década de 1930;

Figura 03 - Casal Garlich com seu filho Eduardo, por ocasião do casamento deste com Vani Kütter;

Figura 04 - Augusto Garlich, à direita da foto, compondo mesa em evento social;

Figura 05 - Vista da entrada da correaria de Ernesto Hoffman, em cujos fundos morou Augusto.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

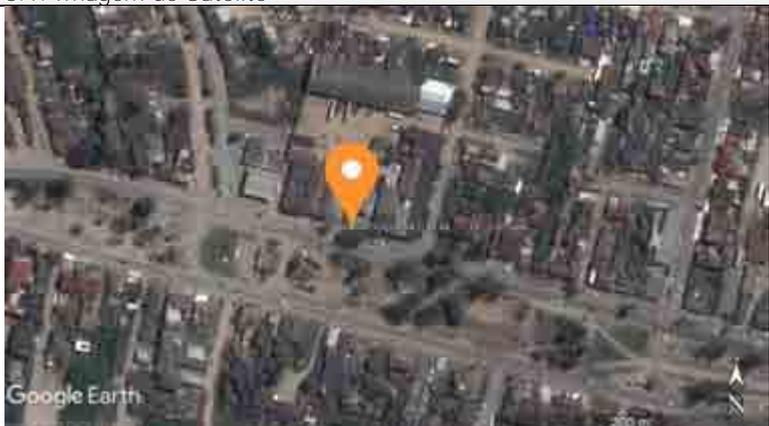
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: ALMEIDA	13
1.1.2. Razão Social: Manoel Pereira de Almeida Indústria e Comércio	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 1124	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'15.69"S	2.2.2. Longitude: 52°23'30.81"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Manoel Pereira de Almeida	Início: 1936 Término: 1997
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Oficina mecânica, casa de baile, entre outros (sofreu desmembramento)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Fundada pelo português Manoel Pereira de Almeida, natural da Vila Nova de Gaya, em 1911 na cidade de Rio Grande. Atuando no setor de pescados, produzia peixe frito embalado em caixas de madeira. No ano de 1924, começou a produzir compotas, com pêssegos colhidos na Ilha dos Marinheiros, nas proximidades de Rio Grande. Em 1936 foi construída a fábrica filial em Pelotas, no bairro Fragata, na Avenida General Daltro Filho, hoje Avenida Duque de Caxias. O estabelecimento dessa filial foi estratégico, pois os pomares da Ilha dos Marinheiros estavam ficando velhos. Além disso, a mão de obra disponível em Rio Grande era insuficiente, situação oposta à realidade de Pelotas na época. Em Pelotas, a Almeida iniciou processando apenas o pêssego e, em seguida, incluiu o beneficiamento de aspargos, pepinos e morangos. Sua produção cresceu e se diversificou tanto que chegou a atingir a marca de mais de 1 milhão de latas por safra, exportando produtos para países da Europa, como Alemanha (principalmente aspargos), França, Inglaterra e Itália. Para tal, contava com cerca de 500 trabalhadores. Os pêssegos utilizados nas compotas eram de 1ª (extra) e 2ª qualidades. O pêssego de 3ª, pouco utilizado, era trabalhado inteiro, com ou sem caroço, sob a denominação **"tipo Serra"** ou na produção de geleias e *schmiers*, juntamente com o pêssego machucado no transporte da zona rural para a cidade. Conforme entrevistas, no descaroçamento, para o controle da produção, cada operária utilizava duas bacias de plástico, uma com pêssegos para descaroçar e a outra para o pêssego descaroçado (limpo). A cada bacia de pêssego limpo que ia para o tanque com água, a operária recebia uma ficha. Ao fim do dia, o conjunto de fichas representava sua produção diária. O somatório semanal das fichas era então convertido em remuneração financeira, correspondente a cada operária. Na etapa subsequente, o pêssego saía dos tanques (geralmente antigas geladeiras reutilizadas) e chegava às mesas de enlatamento, onde operárias experientes colocavam os pêssegos em metades para receberem a calda, com rapidez e eficiência. Esse setor era um dos mais importantes da empresa. Rapidez e boa observação no padrão das metades colocadas na lata eram **responsáveis por uma "lata vistosa"**, nos termos de algumas funcionárias entrevistadas. Era esse cuidado que **"valorizava determinadas marcas"** de compotas abertas pelo consumidor. Desta forma, este setor requeria controle ostensivo por parte da empresa. Em fábricas menores, geralmente a esposa do proprietário se encarregava desse controle, auxiliada por alguém de sua confiança – seu **"braço direito"**, na linguagem utilizada pelas operárias. Médias e grandes instalações requeriam um gerente de produção, que deveria dominar todo o processo, ser de confiança dos patrões e ainda gozar de bom trânsito entre – com autoridade sobre – as operárias ("isso [é que] era um bom gerente de produção"). Outra atividade assaz importante na fábrica era o trabalho na recravadeira (máquina que opera o fechamento das latas). Trabalho mecânico inicialmente desenvolvido por operários do sexo masculino, posteriormente algumas fábricas promoveram o treinamento de mulheres para esta operação, resultando em igual eficiência. O salário do funcionário recravador era diferenciado, mais alto, pois exigia efetiva comprovação da prática, tendo em vista que a produção diária da empresa era geralmente medida pelo número de latas recravadas. Conforme o relato dos irmãos Reichow Bandeira (2014), residentes em frente à fábrica, no início da década de 1970 a demanda por pessoal durante a safra do pêssego era tamanha que era necessário veicular chamadas de pessoal até mesmo nas rádios de Bagé. Segundo eles, a região de Pelotas não tinha capacidade de suprir esta demanda, e por isso era preciso recorrer a outras cidades. Segundo José Luiz Portantiolo (2009), "no pico da safra caminhões e [mais] caminhões chegavam à fábrica para descarregar pêssego", formando filas, em certos horários. "Após a recepção e as conferências de praxe (peso, classificação e etc.), o pêssego descarregado era colocado em uma área grande sobre um estrado de madeira sarrafada, bem espalhado com gelo moído e coberto por uma lona". De acordo com a entrevistada Nilva de Freitas Barbosa (2016), funcionária das safras de pêssego e morango 1987/1988, "várias mulheres eram levadas para o frigorífico Rio-Pel, na estrada de acesso ao Campus da Universidade Federal de Pelotas, para escolher morangos que estavam depositados nas câmaras frias daquele frigorífico". Nilva lembra que as funcionárias passavam muito frio nessa tarefa. Embora fato pouco divulgado, havia investimento, por parte das indústrias conserveiras, em seus produtores de pêssegos. Exemplo disso é a excursão a São Paulo/Campinas promovida pela Associação Gaúcha dos Produtores de Pêssegos (AGPP), a fim de visitarem os pomares e a instalações fabris da indústria Cica no

estado paulista. Cada indústria local foi autorizada a enviar até dois representantes nesta viagem. A Almeida indicou Otavio Beskow (BACH, 2009), da Almeida Colônia, e José Luiz Portantiolo, fornecedor e produtor de pêssegos, respectivamente. A viagem durou uma semana. Maria Dolores Gomes Rodrigues (2015), contou que seu pai, Carmino Gomes, nascido em Águeda, Portugal em 1916, aos 23 anos de idade viajou para o Brasil, aqui chegando no então ano de 1939. Veio atendendo a um convite – **“Carta de Chamada”** – de Manoel Pereira de Almeida, seu tio, para trabalhar na fábrica de conservas em Pelotas. Carmino aceitou o convite, deixando, no entanto, esposa e filha (Dolores) com 2 anos de idade em Portugal. A travessia durou 90 dias. Aqui chegando, primeiramente trabalhou com outro patrício em um atacado na cidade. Conforme o relato de sua filha, “isso foi para ele ‘aprender a trabalhar’”. Depois sim, foi para a fábrica de conservas, onde ficou de 1940 até 1954 – quando saiu para trabalhar com o irmão em uma empresa de transporte – e de 1958 até 1991, sempre no cargo de Gerente de Produção. Frequentemente ia à zona rural conferir os pomares e conversar com os fornecedores de frutas. Maria Dolores acrescentou que a **Conservas Almeida foi escolhida pelo comitê de seleção da “Medalha de Ouro Internacional à Qualidade das Conservas Alimentícias”** (ver documento de março de 1983, anexo), em reconhecimento à excelência de seus produtos. A premiação uma promoção da Revista *El Comestible* do Grupo Editorial *Office* de Madrid, foi entregue no dia 24 de janeiro de 1984, no Hotel Meliá Castilla, em Madrid, Espanha, com a presença de autoridades espanholas, embaixadores e personalidades do mundo da alimentação e da gastronomia. A indústria de conservas Almeida funcionou até 1997, quando encerrou suas atividades.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Uma evolução surgida para facilitar a **“pelagem do pêssego”**, até então bastante artesanal, foi a utilização de cilindros rotativos de madeira em estrutura metálica (ferro), geralmente criados nas próprias indústrias na cidade. Posteriormente, a fiscalização da Secretaria da Saúde exigiu que tal cilindro fosse confeccionado com chapas de metal inoxidável.

Por 30 anos – 1950 a 1980 – funcionou em imóvel alugado, antiga fábrica de Arthur Schiller, na localidade de Ponte Cordeiro de Farias – 5º distrito. Schiller era o encarregado da compra do pêssego e o contato da fábrica com os produtores.

Fato interessante é que um dos tradicionais fornecedores de pêssegos para a Almeida, residente em Morro Redondo (na época, distrito de Pelotas), de nome Geraldo Bertoldi, em 1968, juntamente com os filhos e a esposa, criou a Conservas GB, ainda hoje em funcionamento no mesmo local.

Os rótulos da Almeida, conforme Cláudio Fernando A. Pereira de Sá, eram produzidos pela empresa Igel, antiga gráfica de Porto Alegre. Seu representante visitava as diversas indústrias em Pelotas, sugerindo e criando seus rótulos, os quais eram impressos em Porto Alegre. A partir de 1980, as gráficas do Instituto de Menores, no bairro Areal, e Aimara, no bairro Fragata, começaram a confeccionar os rótulos do setor conserveiro.

Na Almeida, outro fato interessante é o de que as operárias mulheres responsáveis pelo enlatamento recebiam um salário fixo, enquanto as encarregadas do descarçamento recebiam por produção.

Entrevistados afirmaram que na produção da matriz da Almeida de Rio Grande trabalhou um funcionário que chegava a recavar aproximadamente 30 mil latas diariamente.

Depositar o pêssego recém-descarregado sobre um grande estrado de madeira sarrafada, “bem espalhado com gelo moído e coberto por uma lona” era uma prática das Conservas Almeida, seguida também por várias outras fábricas, pois conservava o pêssego por mais tempo, enquanto aguardava processamento.

Otavio Beskow (BACH, 2009) lembra que a viagem para São Paulo e Campinas, de visita às instalações da fábrica paulista Cica ocorreu em meados da década de 1960 e no mês de novembro, pois recorda ter retornado a Pelotas no dia 15 daquele mês, feriado da Proclamação da República.

A Almeida promovia uma grande confraternização anual em forma de churrasco aos seus produtores de pêssegos, fornecedores e demais colaboradores no término da safra. Acontecia na localidade de Monte Bonito – 9º distrito, na residência da família Aldrighi. O anfitrião era enxertista de profissão, criador do cultivar Aldrighi, tipo de pêssego muito utilizado e considerado por longo tempo como a fruta de melhor qualidade na indústria de compotas.

Segundo o relato os irmãos Reichow Bandeira, moradores vizinhos da fábrica, havia (entre 1963 e 1975) na Avenida Duque de Caxias um hotel e **restaurante chamado “Gaúcho”, que servia de suporte para os trabalhadores safristas oriundos das cidades vizinhas, que vinham trabalhar na Almeida.**

Alguns entrevistados comentaram que a Almeida adquiriu terrenos aos fundos da fábrica a fim de construir casas para seus operários. Maria Dolores esclareceu que, segundo seu pai, Carmino Gomes, os terrenos foram comprados com a finalidade de melhorar o local de manobra dos caminhões envolvidos no descarregamento de pêssego, sendo inclusive construída uma rua lateral para a saída destes veículos.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 –



Rótulo 02 –

6.2. Fotografias



Figura 01 –



Figura 02 –



Figura 03 –



Figura 04 –



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -

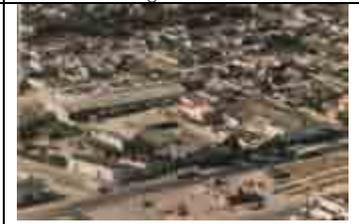


Figura 12 -



Figura 13 -



Figura 14 -



Figura 15 -



Figura 16 -



Figura 17 -



Figura 18 -



Figura 19 -



Figura 20 -

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -

6.4. Documentação



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural:** as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/974>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

Jornal Agora. Edição Comemorativa [suplemento]. Rio Grande, 19 fev. 1987. p. 6.

7.2. Fontes orais

José Luiz Portantiolo [produtor de pêssego; nascimento 1944]. Entrevista. Pelotas, 19 fev. 2009.

Ney Valdir Reichow Bandeira [também conhecido como 'Dila' Bandeira], [morador das proximidades da fábrica; nascimento 1949]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

Osni Geraldo Reichow Bandeira, [morador das proximidades da fábrica; nascimento 1950]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

Claudio Fernando Almeida Pereira de Sá [bisneto de Manoel Pereira de Almeida; ex-funcionário; nascimento 1953]. Entrevistas. Pelotas, 16 jun. 2009 e 20 set. 2015.

Maria Dolores Gomes Rodrigues [sobrinha-neta de Manoel Pereira de Almeida, nascimento 1937]. Entrevista. Pelotas, 21 set. 2015.

Nilva de Freitas Barbosa [ex-funcionária; nascimento 1948]. Entrevista. Pelotas, 23 ago. 2016.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias 15 a 18: do autor, 2013; 19 e 20: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 a 04 - Vistas internas da fábrica em atividade (recepção, processamento, etc.);

Figura 05 - Autoclaves;

Figura 06 - Morangos congelados pelo sistema IQF;

Figura 07 - Depósito da fábrica;

Figura 08 - Aspecto geral do escritório;

Figuras 09 e 10 - Compotas diversas expostas em prateleira de supermercado, incluindo as da Almeida;

Figura 11 - Aspecto anterior da fachada principal da fábrica;

Figuras 12 a 14 - Vista aérea e das fachadas principal e lateral (já alteradas);

Figuras 15 a 18 - Vistas externas do edifício da antiga fábrica. Ano de 2010;

Figuras 19 e 20 - Vistas da fachada lateral e principal, respectivamente. Ano de 2017.

Material publicitário: Figuras 11 e 12: Acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

Documentos: Figura 01: Acervo Maria Dolores Gomes Rodrigues; Figuras 02, 03 e 04: Nilva de Freitas Barbosa.

Demais rótulos, fotografias, material publicitário, documentos, plantas e outros – Acervo Claudio Fernando Almeida Pereira de Sá.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

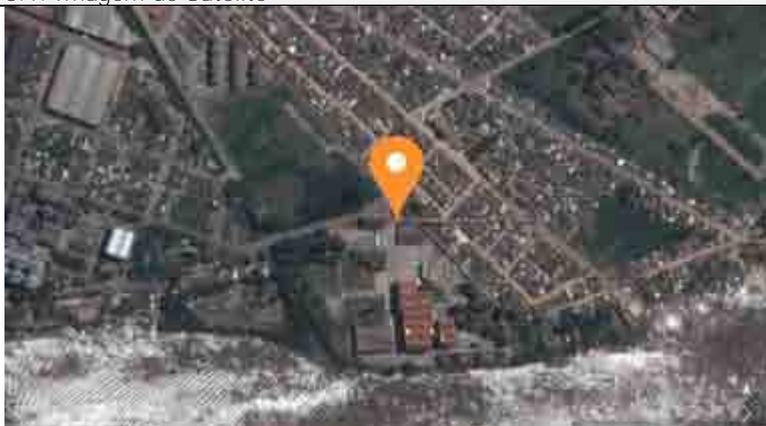
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: ANGLO	14
1.1.2. Razão Social: Frigorífico Anglo S/A	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Gomes Carneiro, nº 1	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'48.79"S	2.2.2. Longitude: 52°19'24.95"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Vestey Brothers	Início: 1943	Término: 1991
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Institucional (Universidade Federal de Pelotas – Campus Anglo)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Desativada desde 1926, a companhia inglesa Vestey Brothers, proprietária, passou a reinvestir na empresa em 1942, com ampliação e novos prédios, reabrindo o frigorífico em 18 de dezembro de 1943, com toda a linha de produtos, carnes e conservas de frutas. Abateu gado até 1985 e, após essa data, passou a produzir apenas conservas. Havia muita rotatividade no trabalho por safra, os operários permanentes eram os que trabalhavam com a manutenção de máquinas, eletricidade, câmaras frias e o setor administrativo. Na seção de estampanaria, onde **eram preparadas as latas para conservas**, a lâmina de folha era cortada quase sem o contato da mão humana e transformada, sucessivamente, até atingir a sessão de enlatamento." (Pimentel, 1944). Durante os 48 anos que funcionou na cidade (1943-1991), o Anglo empregava uma média mensal de 1.000 a 1.500 pessoas, conforme registrado por Janke (2006). Logo após o reinício dos trabalhos em 1944, esse número era de 1.300 operários, o que, por si só, atesta a importância deste estabelecimento para Pelotas. Como a mão de obra feminina era muito numerosa, era alto o "risco" de operárias grávidas. Sobre isso, Neuza Regina Janke, em entrevista com Mr. Cunningham (gerente do Anglo), afirmava: [...] era tudo absolutamente dentro da lei. Todos os direitos eram pagos. Agora, tinha uma coisa, as mulheres não podiam engravidar. Se engravidassem, enquanto estivesse no trabalho e não se demitisse podiam saber que não voltavam mais (JANKE, 2006, p.168). Os funcionários mantinham dois times de futebol, utilizavam os nomes dos setores do frigorífico: Oficina do Anglo e Escritório Central do Anglo, mas não havia relação alguma de manutenção pela administração do Anglo. Era comum em Pelotas os operários criarem times de futebol para disputas em campeonatos organizados pelo SESI (Serviço Social da Indústria). Ao se inscreverem, obviamente usavam o nome da empresa. Em 1956, Pelotas sofreu uma das maiores enchentes, segundo o IAS (Instituto Agrônomo do Sul), o índice pluviométrico registrado foi a 114,2 milímetros de chuva. Observações no mesmo dia na Estação Experimental da Cascata registraram 210,6 milímetros até as 15 horas. Não se verificava índice tão alto desde 1888 (Diário Popular, 18 fev. 1956). **Com a enchente, o prédio da Usina Light and Power ficou embaixo d'água e a cidade às escuras.** Foi aí que o Frigorífico Anglo prontificou-se a fornecer energia de seus geradores para o Hospital de Beneficência Portuguesa e para a iluminação pública no centro da cidade, o que foi muito bem visto por todos, pois os ingleses nunca se envolviam em nada da comunidade. O entrevistado Darci Martins Pereira, em vista ao antigo prédio do Anglo, agora desmanchado, indicou onde se localizava o pavilhão das conservas, exatamente às margens do arroio Pepino, bem embaixo do frontão em que **estava pintado o nome "ANGLO"**. Para o mercado interno, fornecia conservas de pêssego, figo, abacaxi, morango e ervilha, com as marcas Anglo, Lagoa e Mimosa. No prédio do frontão funcionavam os autoclaves e a seção de rotulagem. As câmaras frias do frigorífico estavam localizadas no prédio do centro, que hoje contém um memorial expondo parte das paredes. O Anglo alugava câmaras frias para outras fábricas, quando havia disponibilidade. Conforme entrevista com Domingos Lindolpho Bachini, fabricante de compotas na colônia de Pelotas (Bach, 2009), naquele ano a safra de pêssego foi tão boa que não dava tempo para processar o pêssego que chegava para a fábrica e, com receio de perder a fruta, alugou uma câmara fria no Anglo. Passado o sufoco, o Anglo começou a liberar o pêssego da câmara, **carga após carga e "vinha tão resfriado que mesmo a viagem até a colônia chegava gelando o local onde as funcionárias trabalhavam"**. O produtor de pêssegos José Luiz Portantiolo, em entrevista comenta que entregava fruta para a Almeida, Ardéa e para o Anglo, porém o Anglo só comprava até uma cota x, depois não recebia mais nada de ninguém, nem mesmo dos seus mais habituais fornecedores. Trabalhavam com planejamento e não arredavam dele, porém eram excelentes pagadores. O frigorífico Anglo continuou processando conservas de frutas e legumes até o ano de 1991, quando encerrou suas atividades em Pelotas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Embora o frigorífico Anglo seja lembrado sempre pelos derivados de carne que fabricou, ali também foram produzidas conservas de doces de frutas (compotas), tendo sido inclusive criado um setor específico para tal, ao sul da planta fabril.

Conforme o depoimento de Edite da Silva Garcia, ela e a irmã trabalharam no Anglo no setor de conservas em 1951. Residentes na Rua General Teles, **levantavam muito cedo para arrumar os uniformes brancos para trabalhar, previamente lavados e passados e "prontos para mais um dia"**. Segundo Edite, o cuidado com a roupa "era muito cobrado lá no Anglo; eles xingavam aquelas que não cuidavam direito e a gente tinha medo de não chamarem no outro ano". Concluiu ainda dizendo: "A gente saía [de casa] às 6 horas, ia a pé, não tinha ônibus perto. O ruim é que a gente saía muito cedo, então estava bastante escuro e não tinha luz na rua como hoje. Quando chovia, **os relâmpagos é que clareavam o caminho**".

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -



Figura 13 -

6.3. Material publicitário



Figura 01

6.4. Documentação



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01



Figura 02

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

Diário Popular, Pelotas, 10 dez. 1943. p. 09.

Diário da Manhã, Pelotas, 01 jun. 2008. p. 09.

JANKE, Neuza Regina. Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o Operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970). Pelotas: Santa Cruz, 2011.

REVISTA ENFOKE. **Guia Turístico e Informativo de Pelotas**. Pelotas: Eturpel, 1980.

7.2. Fontes orais

José Luiz Portantiolo [produtor de pêssego; nascimento 1944]. Entrevista. Pelotas, 19 fev. 2009.

Domingos Lindolpho Bachini [industrial do ramo (com fábrica na Zona Rural); nascimento 1926]. Entrevista. Pelotas, 27 out. 2008.

Armando Manoel Cruz [pesquisador (pesquisou a fábrica); nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 07 jun. 2011.

Darci Martins Pereira [ex-funcionário; operário-padrão; nascimento: 1936]. Entrevista. Pelotas, 02 jun. 2013.

Zilda Hardtke Pereira [viúva de Adolpho Pereira, proprietário de uma linha de ônibus da antiga linha Centro-Porto (do Mercado Central ao Frigorífico Anglo); nascimento 1932]. Entrevista. Pelotas, 31 mar. 2014.

Edite da Silva Garcia [ex-funcionária; nascimento 1927]. Entrevista. Pelotas, 22 ago. 2016.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 01, 06 e 08: Acervo Memorial do Anglo (UFPeI); Figuras 02 e 03: Acervo Margareth Vieira; Figuras 04 e 05, 09, 11 e 12: Acervo Rodrigo Guidotti; Figura 07: Acervo José Pacheco; Figura 10: reprodução de Janke (2011); Figura 13: Acervo Iara Machado.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Fotografia de antiga charqueada existente no local onde foi erguido o Frigorífico Anglo;

Figura 02 - Vista geral do Frigorífico Anglo, desde a extremidade leste da Rua Gomes Carneiro. Final da década de 1970;

Figura 03 - Vista do Frigorífico Anglo desde as docas (Quadrado) do Canal São Gonçalves. Final da década de 1970;

Figuras 04 e 05 - Funcionários do setor de manutenção. Ano de 1977;

Figuras 06 e 07 - Vistas da empena onde estava a inscrição com o nome do frigorífico. Em frente daquele plano, o prédio do setor de conservas;

Figura 08 - Vista geral das ruínas do frigorífico, desde o Canal São Gonçalves;

Figura 09 - Grupo de funcionárias uniformizadas;

Figura 10 - Vista parcial do frigorífico, destacando-se, em primeiro plano a foz do Arroio Pepino;

Figuras 11 e 12 - Equipes de futebol feminino formada por funcionárias. Ano de 1981;

Figura 13 - Grupo de funcionários uniformizados, em horário de folga, no pátio da fábrica.

Material publicitário: reprodução de Revista Enfoke '80.

Documentos: Figuras 01 e 02: Acervo Rodrigo Guidotti; Figura 03: reprodução do Almanaque do Bicentenário de Pelotas Vol. 03 - Acervo Custódio Lopes Valente; Figuras 04 a 09: Acervo Família de Francisco Osmar Machado; Figuras 10 e 11: Acervo Darci Martins Pereira; Figuras 12 a 14: Zilda Pereira Bach (Acervo Alcir Bach).

Outros: Acervo Memorial do Anglo (UFPeI).

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

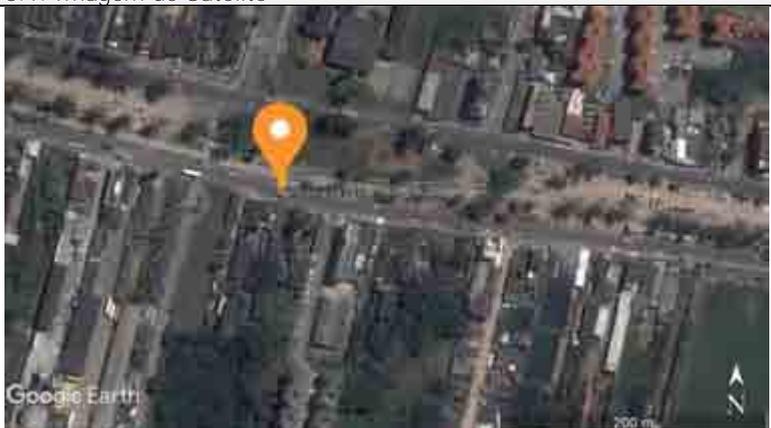
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS WIPA	15
1.1.2. Razão Social: Conservas WIPA Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 957.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'23.92"S	2.2.2. Longitude: 52°23'3.77"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Willy Gerhard Partzsch	Início: 1943	Término: 1972
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/ sem uso.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Willy Gerhard Partzsch nasceu em 1924 na cidade de Dresden, Alemanha. Com apenas dois anos de idade, veio imigrado com sua família para o Brasil a bordo do navio Monte Olivia. Chegando ao Rio Grande do Sul em 1926, instalaram-se na cidade de Santa Maria. Em 1934, a família se transferiu para Pelotas, onde Willy cursou contabilidade, no Colégio Gonzaga. Concluído o curso, foi trabalhar na **área como "guarda-livros"** (denominação da época para a função de contador) do escritório da fábrica Conservas Pelotense de Augusto Garlich – localizada no bairro Três Vendas –, de 1943 a 1947. Como era uma pessoa muito perspicaz, muito observadora, logo aprendeu as atividades diárias de uma agroindústria conserveira, de maneira que, nesta mesma época, criou sua própria fábrica de conservas, à Avenida Pinheiro Machado, nº 1149, nos fundos da casa de sua família, no bairro Fragata. Continuando sua atividade na área contábil, passou a trabalhar no escritório da firma Joaquim Oliveira, no período de 1947 a 1950. Mudou então de atividade, indo trabalhar na Fundação Metalúrgica e Indústria Mecânica Peres, no período de 1950 a 1977. Paralelamente, manteve sua fábrica em funcionamento, transferindo-a de endereço em 1959, para nova construção, executada em terreno de seu sogro, à Avenida Duque de Caxias, nº 957. Aposentou-se quando a metalúrgica Peres cerrou as portas em falência. Uma vez aposentado, usou seus conhecimentos de mecânica para prestar assistência técnica ao setor conserveiro. Sempre muito ativo, Willy foi pioneiro na utilização de chapas de aço inoxidável, que eram adquiridas em **Porto Alegre na "Cia. União de Ferros"**, nos anos de 1950 e 1951. Tais chapas eram empregadas na confecção de tanques, com capacidade para 300 litros, usados no preparo de calda para compotas. Willy também participou ativamente da criação do Clube do Empresário do Fragata (CEFRA) como um de seus fundadores. Encerrou as atividades da sua fábrica de conservas Wipa – denominação criada a partir das iniciais de seu nome – em 1972. Faleceu em 8 de setembro de 2013, contando 89 anos de idade.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

A turma de Willy no curso de contabilidade do Ginásio Gonzaga teve como paraninfo o então bispo de Pelotas, Dom Antonio Zattera. Willy Partzsch teve a oportunidade de retornar a sua cidade natal em 1999, durante visita à Europa.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos	
	
Rótulo 01 –	Rótulo 02 –



Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06



Rótulo 07



Rótulo 08

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Reneu Ribeiro Rodrigues [industrial do ramo; nascimento 1937]. Entrevista. Pelotas, 21 jan. 2014.
 Willy Gerhard Partzsch [proprietário; nascimento 1924]. Entrevistas. Pelotas, 06 mai. 2008 e 02 out. 2012.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 03, 05 e 06 e Fotografia atual: do autor.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

- Figuras 01 e 02 - Casa onde começou a fábrica, situada na Av. Pinheiro Machado;
- Figura 03 - Aspecto atual da mesma casa (2017);
- Figura 04 - Vista parcial do prédio definitivo da fábrica, com endereço na Av. Duque de Caxias;
- Figura 05 - Aspecto atual do edifício da fig. 04. Ano de 2010;
- Figura 06 - Termômetros utilizados para controle da calda;
- Figuras 07 e 08- Antiga recravadeiras de uso da fábrica.

Rótulos, demais Fotografias, Documentação e Outros: Acervo Willy Gerhard Partzsch.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

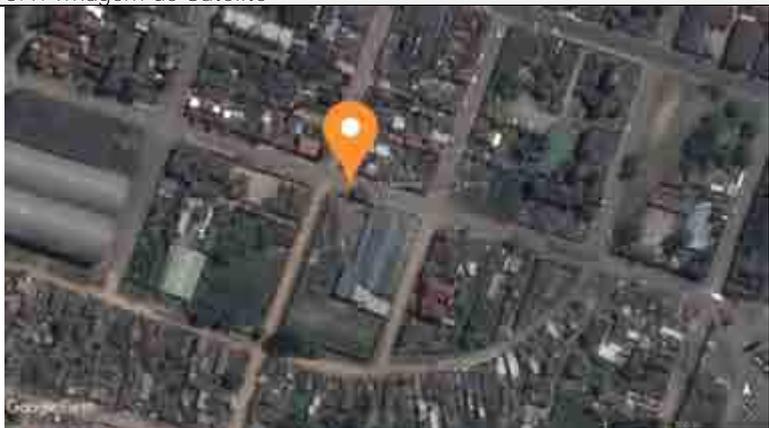
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS SULRIOGRANDENSE	16
1.1.2. Razão Social: (não foi possível averiguar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento) Rua João Manoel, 201.	2.1.1. Bairro Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'50.73"S	2.2.2. Longitude: 52°20'41.16"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: (não foi possível averiguar)	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: 1947 Término: desconhecido
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fabril/Industrial (outro ramo de atividade fabril)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

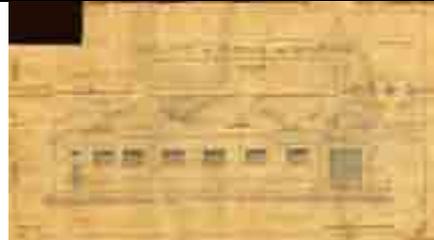
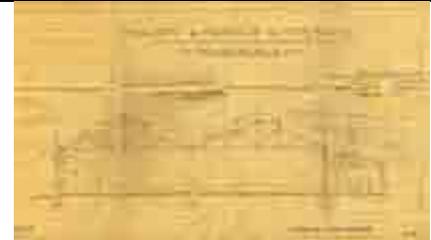
No ano de 1947, foi aprovado junto à prefeitura municipal um projeto arquitetônico de autoria do engenheiro civil Júlio Delanoy (francês radicado em Pelotas) para uma fábrica chamada "Conservas Sulriograndense", com endereço à Rua João Manuel 201, esquina da Rua Félix da Cunha. A execução ficou a cargo do construtor Lauro de Moura e Cunha, parceiro de Júlio. O edifício, com poucas alterações, subsiste no local (ver ficha 03). Outro indício da existência da fábrica está em um documento, elaborado pelo Sindicato das Indústrias de Doces e Conservas Alimentícias de Pelotas (SINDOCOPEL), onde consta o nome da fábrica na relação de "Indústrias de conservas, da Região, que encerraram as atividades" (ver item 6.4).

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos
6.2. Fotografias
6.3. Material publicitário
6.4. Documentação

 Figura 01	 Figura 02	 Figura 03	 Figura 04
---	--	--	---

 Figura 01	 Figura 02	 Figura 03
---	--	--

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

DELANOY, Simone Soares. **A presença francesa na arquitetura pelotense**: um estudo sobre o arquiteto Julio Delanoy. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SINDOCOPEL. [Relação de fábricas de conservas de Pelotas]. [Documento]. [Elaborado por Luiz Carlos Zanotta]. Setembro de 2004.

7.2. Fontes orais

7.3. Fontes iconográficas

Fotografia atual: do autor, 2017.

Documentação: Acervo SINDOCOPEL.

Plantas: Reprodução de DELANOY (2012) - Acervo Prefeitura Municipal de Pelotas.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

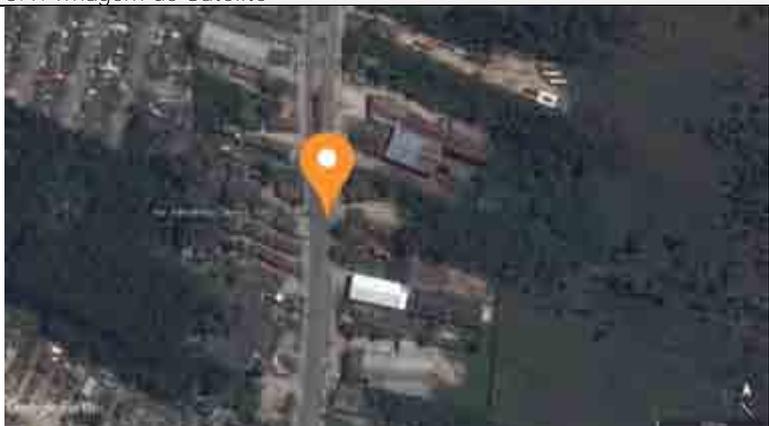
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS COLOSSO	17
1.1.2. Razão Social: (não foi possível averiguar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 5952	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'55.67"S	2.2.2. Longitude: 52°20'20.14"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Alfredo Guilherme Timm; Walter Teufert; Bruno Kabke	Início: 1951	Término: 1968
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Parcialmente demolido. Em arruinação. Sem uso/fechado.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Conforme Lia Timm Sampaio (2013, 2017), a Conservas Colosso começou suas atividades em 1951, através do estabelecimento da sociedade entre Walter Teufert, Bruno Kabke e Alfredo Guilherme Timm. Localizava-se na Avenida Fernando Osório. Em 1956, Walter deixou a sociedade, restando Bruno e Alfredo. Já no ano seguinte, 1957, levaram um grande calote, ao vender toda sua produção para a cidade de Santa Maria. Com isso, em 1958, Bruno deixou a sociedade. Alfredo Guilherme Timm passou a trabalhar sozinho. Foi quando passou a enlatar para as empresas Red Indian e Conservas Delrio. A Conservas Colosso processava pepinos, ervilhas, figos, pêssegos, peras e goiabas – sendo as duas últimas as primeiras com que a empresa parou de trabalhar. O volume de pêssego processado era sempre superior ao das demais frutas. Lia e sua irmã trabalhavam em turnos opostos, e Lia inclusive encarregava-se da recravadeira, quando o responsável faltava. Sua mãe cuidava da cozinha. Segundo Lia, havia grande contingente de trabalhadores, que trajavam uniforme branco (tapapó, avental e gorro sobre a cabeça). Na hora do almoço, “os fundos da fábrica ficavam cheios de gente almoçando, com a sua vianda na sombra dos eucaliptos.” Várias vezes, no verão, as operárias procuravam sua mãe para dizer que o almoço havia azedado com o calor – então “se dava um jeitinho” de almoçarem com os patrões. Como isso ocorria comumente, sua mãe passou a vender refeições para as funcionárias que desejassem, aumentando sobremaneira sua atividade na cozinha – sobrecarga pela qual resolveu desistir, logo após. No ano de 1967, a Secretaria da Saúde andou visitando a fábrica e exigiu que fosse feitas algumas reformas para adequação às novas normas de saúde: não se aceitava mais escaiola nas paredes – era preciso azulejá-las até o teto; o piso, que era de “cimento liso” (cimento queimado), tinha de ser de ladrilhos. O custo elevado de investimento em tais alterações levou Alfredo a pensar em desistir do negócio. “Como as Conservas Shelby enlataram pêssego aqui neste último ano, Luis Carlos Zanotta proprietário daquela empresa tentou auxiliá-lo nas despesas, mas em vão – meu pai alegou que não gostava de fazer contas, preferia pagar à vista e que, por outro lado, apesar dos filhos (três homens e duas mulheres) trabalharem na fábrica, estudavam para buscar empregos melhores”. Desgastado com o episódio do calote da Red Indian e com questões de saúde para administrar, Alfredo resolveu encerrar as atividades da Conservas Colosso no ano de 1968.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

A filial pelotense da Red Indian, empresa com matriz no Rio de Janeiro, estava instalada na Ponte Cordeiro de Farias, 5º Distrito de Pelotas, sob a gerência de Ernani Pinto da Silva. A filial pelotense da empresa Conservas Delrio, instalada no mesmo local e gerenciada pelo Sr. Brandão (cidadão paulista), tinha matriz brasileira em São Paulo, porém era uma indústria argentina.

Segundo Lia Timm (2013, 2017), “as coisas ficaram bastante ruins” para seu pai Alfredo Timm quando a Red Indian teve um problema de caixa e, com isso, ele teve de arcar com o pagamento dos funcionários com a promessa de que posteriormente seria ressarcido. “Porém nunca aconteceu o tal de ressarcimento”, afirma ela.

Registro seja feito, durante as entrevistas com Lia Timm Sampaio (2013, 2017), muitos elogios foram dados ao Coronel Firpo, pois sempre visitava seu pai, Alfredo Timm, na fábrica, elogiando a fabricação de suas compostas pela qualidade e o incentivando.

“Coisas do Coronel Firpo”, segundo Lia, que prossegue: “o coronel estava sempre lembrando a eles (irmãos) que precisavam fazer o título de eleitor para poderem votar. Isso ocorria todas as vezes que ia tomar café lá em casa”. O Coronel Firpo era simpatizante ativo do Partido Libertador (PL) do Rio Grande do Sul, conforme vários entrevistados desta pesquisa.

Lia Timm Sampaio é filha de Alfredo Timm e sobrinha de Walter Teufert e de Bruno Kabke.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01

6.2. Fotografias



Figura 01 (Alfredo Timm)



Figura 02



Figura 03 (Clara Kabke Timm)



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Lia Timm Sampaio [filha do proprietário Alfredo Guilherme Timm; nascimento 1938]. Entrevistas. Pelotas, 01 mai. 2013 e 25 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulo: Acervo Willy Gerhard Partzsch.

Fotografias: Figura 01: Acervo do autor; Fotografia atual e Figuras 05, 06, 07 e 08: do autor, 2017; Figuras 02 a 04: Acervo Lia Timm Sampaio.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Retrato de Alfredo Guilherme Timm;

Figura 02 - Lia Timm Sampaio, acompanhada da mãe e da irmã, todas funcionárias da fábrica;

Figura 03 - O casal Alfredo Guilherme Timm e Clara Kabke Timm;

Figura 04 - Lia Timm Sampaio, em viagem;

Figura 05 a 08 - Vistas das edificações da antiga fábrica. Ano de 2017.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

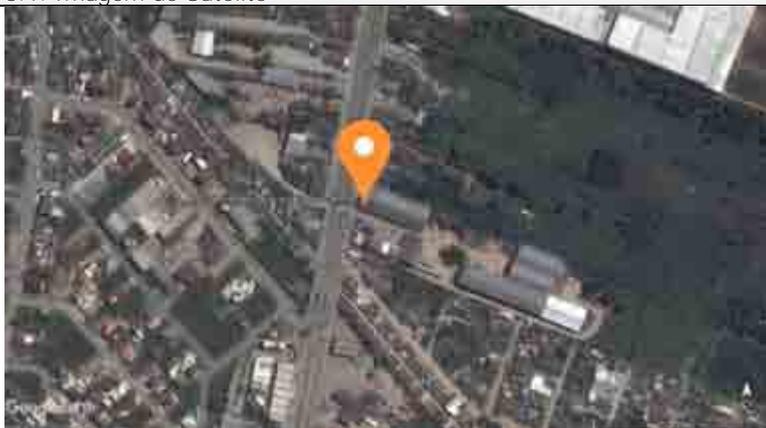
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: POMMERENING	18
1.1.2. Razão Social: Pommerening Conservas	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 4510.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'42.73"S	2.2.2. Longitude: 52°20'30.28"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do(s) proprietário(s):	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Otto Pommerening; Benno Krolow; Nelson Krolow	Início: 1951	Término: 1978
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Depósitos comerciais; serviço; garagem		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

No início da década de 1950, eram muitos os frigoríficos nas Três Vendas. Neste bairro Otto Pommerening tinha matadouro de suínos e a esposa, Alida Tessmann, gostava de fazer doces. Com os amigos da família Krolow, Benno e Nelson, surgiu, como brincadeira, a ideia de se tornarem sócios e trabalharem com pêssegos, com compotas, instalando uma fábrica de conservas desta fruta. Em 1951, a brincadeira tomou corpo e se tornou realidade. Adquiriram um terreno com 30m (frente) x 1.100m (fundos) na Av. Fernando Osório, e a sociedade foi composta em partes iguais. Em janeiro de 1963 foi admitido Uberto Sell, genro de Otto Pommerening, como sócio. Em 1972 A Pommerening Conservas Alimentícias Ltda ficou dividida entre o Grupo F. C. Lana e Uberto Sell, cada um com 50%. Entre 1972 e 1975, era a 4ª maior indústria da cidade – a primeira era a Cica, seguida pela Leal Santos, a Agapê e a Pommerening. Vendeu conservas de figo, pepinos e pêssegos para o grupo carioca Pão de Açúcar (Abílio Diniz). Foi pioneira na exportação do morango congelado em câmara fria. Era a maior empresa de morango congelado do país, detinha 80% do mercado. Seus clientes nacionais eram: a Kibon (filial de São Sebastião do Cai), a Nestlé, a Danone, a Ritter (geleias), a IFF Fragrâncias, entre outras. Nos anos de 1974 e 1975 exportaram para Japão, Venezuela, Alemanha e Argentina, mercados muitos exigentes. Seu auge foi o período compreendido de 1972 a 1977. O trabalho ocupava três turnos e envolvia toda a família. Eram os tempos do "milagre econômico"; o país estava "a todo o vapor". Com o Banco Regional de Desenvolvimento (BRDe) financiando por 5 anos (a juros baixos), a fábrica foi ampliada, procedendo a compra de um terreno lateral, medindo 40m de frente x 1.100 m de fundos. Ali foi construído um pavilhão novo para a fábrica, aos fundos, medindo 40mx120m. Também contava com crédito para exportação junto ao Banco do Brasil. A partir de meados de 1978, quando Delfim Neto era ministro, a inflação começou a disparar, acirrando a "briga" dos produtores de pêssego e aspargos, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (gestão do presidente Mário Prietsch) e o Sindicato das Indústrias Conserveiras (presidente Hugo Poetsch); começou a guerra entre produtores e indústria. Eram problemas e mais problemas: o aspargo do Oriente (Formosa), invadindo a Europa, o pêssego da ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio) subsidiado, entrando em concorrência com as agroindústrias locais. Para Sell (2016), "até a vinda da Cica, em 1971 as fábricas se entendiam com os produtores, conversavam entre si e as coisas se ajustavam. A partir daí, mudou". As indústrias tinham suas raízes locais e os produtores também. "Aí chega alguém de fora e quer do seu jeito!" O êxodo rural trouxe o aumento das populações nas vilas. Na colônia, vendiam tudo e vinham para a cidade, mas aqui "a coisa era diferente". A cidade estava no centro, envolta em um cinturão de miséria. "Entre fevereiro e março de 1977 ocorreu uma super-safra, produzindo muita ervilha, pepinos, pêssegos e morangos e a fábrica, com um vasto estoque! Foi um caos". Chegaram, então, os novos sócios norte-americanos da Multi Foods, oriundos de Minesotta, que detinham 45% da empresa; o grupo F. C. Lang, com 27,5% e o grupo Sell, com 27,5%. Desta forma, o dinheiro dos sócios entrou na justa quantia suficiente para pagar (quitar) a dívida com o BRDe. Não suportando essa situação, em 1978 a Pommerening encerrou suas atividades. Em dezembro de 1979, Carlos Firpo aconselhou Sell: "[...] se livra da fábrica e começa com um negócio pequeno". Em seu depoimento sobre a empresa, Oscar Kerstner (2014), ex-funcionário, disse ter começado a trabalhar em 1964. Tinha 25 anos e era natural da localidade da Colônia Triunfo, hoje 4º Distrito. Por isto, conhecia toda a zona rural, principalmente aquelas propriedades cujos pomares de pêssego alimentavam a indústria. O ano inteiro era de visitação, começando já no final da safra anterior. Era comum o agricultor solicitar um adiantamento (ajuda de despesas) à indústria. Alguns deles solicitavam este auxílio já no início da safra; outros dois ou três meses mais tarde. Tal ajuda era destinada ao pomar. A função do comprador, nesse período, era a de fazer uma análise de cada solicitação e repassar a situação ao escritório, que consideraria sobre cada caso. Geralmente eram atendidas as solicitações, mas sempre com valores abaixo das expectativas. A função do comprador não era só a de comprar, mas também de acompanhar o processo de crescimento do pomar de pêssego, fazendo visitas aos produtores com certa frequência. Por vezes, até almoçavam nas casas dos colonos. Todo eventual problema com o pomar tinha de ser de conhecimento da fábrica, que cobrava o devido acompanhamento pelo comprador. Na época da colheita, havia um acompanhamento maior: visitas semanais, quase diárias, fazendo uma projeção de quantidade de pêssegos e sua classificação (entre "extra", "1º", "2º" e "3º tipos). "Nesse período, a correria era grande", segundo Oscar, que considerava tranquilo dirigir na colônia: "só nos períodos chuvosos quando os arroios enchem é que era perigoso", conta. "Conhecer a região quando seca é fácil. Para atravessar um arroio, pontes quase não existiam, só quando o arroio era muito importante, senão, a estrada cortava normalmente a sanga ou o arroio e tu passavas". Oscar relata que, certa feita, ao atravessar um arroio, "o Fusca trancou a dianteira num banco de areia e a traseira ficou dentro d'água. Não podia tirar o pé do acelerador senão entrava água pelo cano [de descarga] e aí sim a coisa complicava". Oscar abriu então a porta do carro – sempre com o pé no acelerador – procurando, no tato, uma pedra solta no leito de peso razoável que, ao encontrar, colocou sobre o acelerador. Assim pode ele deixar o veículo para procurar auxílio. Um colono com uma junta de bois procedeu ao resgate do Fusca, puxando-o com sucesso.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O carro que Oscar Kerstner (2014) usava para percorrer a colônia era um Fusca. Em todos os anos de trabalho, calcula ter utilizado aproximadamente 12 daqueles automóveis, em suas idas e vindas. Segundo ele, o Fusca era o melhor carro para percorrer as estradas da colônia diariamente.

Conforme o depoimento de Ivone Marlene Köpp (2017), ex-funcionária do setor de Recursos Humanos da fábrica, chamava-lhe atenção a quantidade de funcionárias mulheres com famílias numerosas, de muitos filhos. Ivone mencionou que três empregadas tinham, somados, 42 filhos menores de 14 anos; ou seja, recebendo 42 salários-família mensalmente.

Segundo Ivone, todo ano, no Natal, cada funcionário era presenteado com meia dúzia de latas de compotas, de frutas várias.

Ivone lembrou ainda que, em determinado ano (não soube precisar), os funcionários precisaram trabalhar durante a virada do ano, que aconteceu em um domingo para uma segunda-feira. No domingo (31) o expediente estendeu-se até a meia-noite (virada do ano), sendo que apenas quatro horas depois, no primeiro dia do ano, ela e outras funcionárias do escritório já estavam de volta à fábrica, arrumando os cartões-ponto no relógio, para esperar os safristas.

Em depoimento, Ivone contou que a fábrica chegava a empregar, durante o pico da safra de pêssego, cerca de 150 homens e 900 mulheres, totalizando mais de mil funcionários.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 (Otto Pommerening)



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

Figura 22

Figura 23

Figura 24

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

RELACÃO FORNECEDORES DE PÊSSEGO			
Nome	Imuniz.º	S.P.P.	R\$.
WILSON PETER	09/1201.881-8	321.977.879,73	6,258
DEBORA F. DE VAS	09/1201.881-8	300.981.840,88	6,222
ALII BEAN	09/1201.881-8	154.881.810,34	3,343
DEBORA ALVES DE	09/1201.881-8	234.206.756,00	2,500
ELIZIA DE VAS	09/1201.881-8	170.931.474,71	11,731
ILVO SIM	09/1201.881-8	311.977.796,20	14,708
LEONARDO DE VAS	09/1201.881-8	134.206.150,34	4,333
ILVO PETER	09/1201.881-8		11,300
WILSON PETER	09/1201.881-8	141.852.386,51	14,205
LEONARDO DE VAS	09/1201.881-8	402.980.540,51	1,324
DEBORA DE VAS	09/1201.881-8		4,133
ILVO SIM PETER	09/1201.881-8	95.312.880,14	18,226
DEBORA DE VAS	09/1201.881-8	183.143.706,00	1,365

Figura 01

RELACÃO FORNECEDORES DE ASPARGOS	
Nome	R\$.
WILSON PETER	10,000
DEBORA F. DE VAS	10,000
ALII BEAN	10,000
DEBORA ALVES DE	10,000
ELIZIA DE VAS	10,000
ILVO SIM	10,000
LEONARDO DE VAS	10,000
ILVO PETER	10,000
WILSON PETER	10,000
LEONARDO DE VAS	10,000
DEBORA DE VAS	10,000
ILVO SIM PETER	10,000
DEBORA DE VAS	10,000

Figura 02

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Ivone Marlene Köpp [ex-funcionária; nascimento 1958]. Entrevista. Pelotas, 10 fev. 2017.

Uberto Sell [genro de Otto Pommerening; sócio da fábrica; nascimento 1941]. Entrevista. Pelotas, 06 jun. 2016.

Oscar Kerstner [ex-funcionário: comprador de matéria prima (pêssegos) da fábrica; nascimento 1940]. Entrevista. Pelotas, 18 out. 2014.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura 01 Figuras 02 a 04: Acervo Margareth Vieira; Figuras 05 a 17: Acervo Ivone M. Köpp; Figuras 18 a 24: do autor, 2013. Fotografia atual: do autor, 2013.

Legenda das Fotografias (item 6.2):
 Figura 01 - Retrato de Otto Pommerening;
 Figuras 02 a 04 - Vistas externas da fábrica. Final da década de 1970;
 Figuras 05 a 10 - Funcionária Ivone Maria Köpp (fig. 10) e colegas do setor de pessoal da fábrica;
 Figura 11 - Funcionárias do setor de pessoal calculando a folha de pagamento;
 Figuras 12 e 13 - Confraternização entre funcionários do escritório da fábrica. Ano de 1977;
 Figuras 14 e 15 - Confraternização geral da fábrica. Ano de 1978;
 Figuras 16 e 17 - Aspecto do ambiente de trabalho do escritório. Ano de 1978;
 Figuras 18 a 24 - Aspectos externos do complexo fabril. Ano de 2009.

Outros: Figura 01: Relação de fornecedores de pêssego do transportador Nelson Kerstner; Figura 02: Relação de fornecedores de aspargos de alguns transportadores da fábrica (safra de 1983). Acervo Oscar Kerstner.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

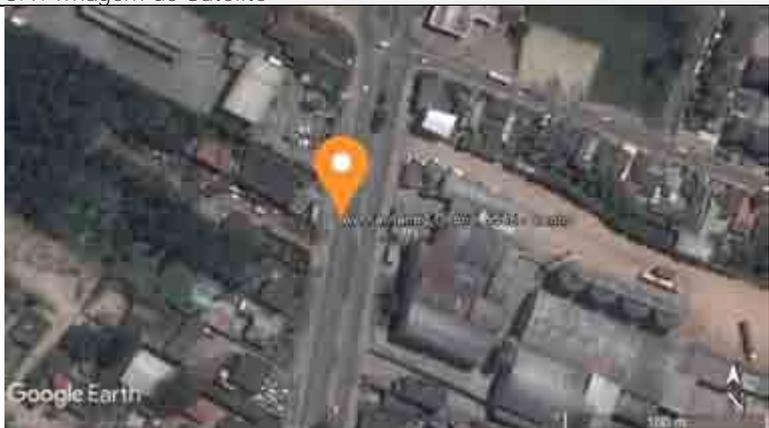
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: PERES	19
1.1.2. Razão Social: Paulo Ribeiro Peres	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 5545.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'8.20"S	2.2.2. Longitude: 52°20'25.00"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Paulo Ribeiro Peres	Início: 1951	Término: 1968
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Serviço		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

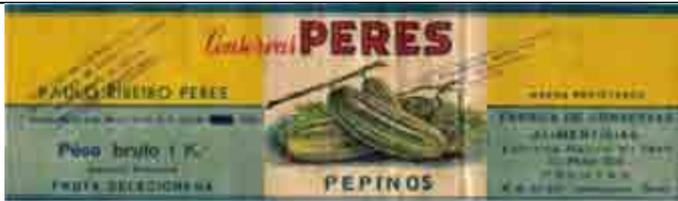
O sogro de Paulo Peres, Frederico Brod, era proprietário de um armazém de produtos coloniais e de um matadouro de suínos, localizado na antiga Estrada do Retiro, nº 1845. No começo da década 1950, mais precisamente em 1951, Paulo Peres adaptou as instalações existentes naquele endereço, ampliando-as, para ali instalar uma fábrica de conservas própria. Constava de uma construção em alvenaria de tijolos maciços com pé direito de 4m, rebocada interna e externamente. Internamente, as paredes tinham revestimento em escaiola branca. Os pisos eram de cimento com superfície alisada (cimento queimado), com declividade de 1% para fácil escoamento da água. A cobertura estava estruturada em tesouras de madeira (de lei e pinho), revestida com telhas francesas. Esquadrias externas em madeira de lei e internas em pinho; vidros lisos e telas, pintura a óleo. A instalação hidráulica era abastecida por reservatório elevado. A água era extraída de um poço (analisada) e recalçada. As instalações sanitárias eram consideradas adequadas. Havia vestiário unicamente feminino, uma vez que a totalidade das funcionárias era do sexo feminino. Contava ainda com sala da expedição, para resfriamento, rotulagem e encaixotamento. Em suma, as instalações satisfaziam com comodidade a finalidade para a qual se destinavam. Como muitas outras fábricas de conservas locais, suas dimensões eram comparativamente modestas, nas quais trabalhavam número razoável de funcionárias, ainda que o negócio estivesse em evolução. Conforme entrevistas, previamente à instalação da CICASul em Pelotas, a fábrica, com matriz no Estado de São Paulo, já **enlatava na cidade "por comissão"** (aplicava seu rótulo nas latas contendo produção de terceiros) utilizando produção de boa qualidade obtida em fábricas menores locais. Foi o caso da Peres nas safras de 1969 e 1970. Outra prática comum era uma indústria enlatar com outra. Muitas vezes a quantidade de fruta entregue pelos seus fornecedores extrapolava a capacidade de processamento de determinada fábrica. Então, **para não se "queimar" perante o fornecedor, a indústria terceirizava o enlatamento, porém sempre aplicando seu rótulo.** Nas safras de 1971 e 1972, a fábrica foi arrendada para os Irmãos Souto (Elizeu, Gabriel e Luiz Souto), que enlataram para terceiros, conforme contrato de locação existente. Ainda que fisicamente tenha funcionado sempre no mesmo local, nesta época o endereço da fábrica já constava como Avenida Fernando Osório nº 5545, em razão da uniformização do nome da antiga Estrada do Retiro para Avenida Fernando Osório em toda sua extensão, até o encontro com a BR 116. Segundo Wolmer Brod Peres (2017), a fábrica de conservas Peres funcionou com autonomia até o término da safra de 1968, sendo arrendada nos quatro anos seguintes, conforme dito anteriormente.

5 –INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Em 1962, ao lado da fábrica Peres, no terreno de nº 1835 da antiga Estrada do Retiro, foi construída uma nova fábrica projetada pelo engenheiro Geraldo Delanoy, com características mais modernas (telhado em formato *shed* etc.).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos	
	
Rótulo 01 –	Rótulo 02 –



Rótulo 03 -



Rótulo 04 -

6.2. Fotografias

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -

7 - REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Wolmer Brod Peres [filho do proprietário; nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 05 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos, documentos, planta e outros: Acervo Wolmer Brod Peres.

Fotografia atual de autoria de Marilei Garcia.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

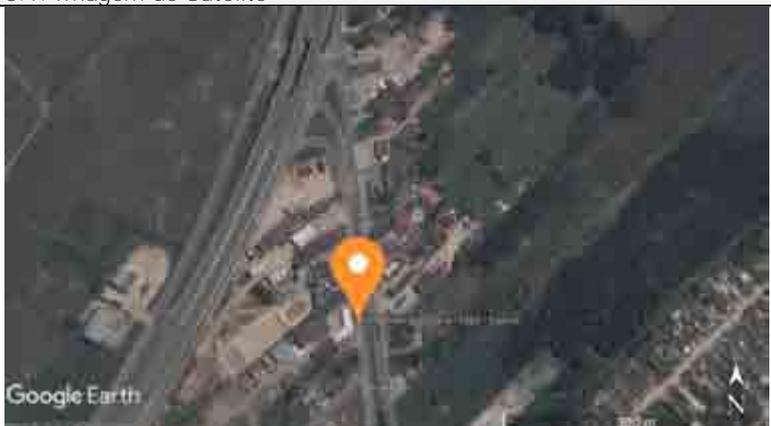
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS CORONEL	20
1.1.2. Razão Social: (não foi possível averiguar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 7835.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°40'53.77"S	2.2.2. Longitude: 52°20'29.87"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Anacleto Firpo; Plínio Cavalheiro	Início: 1951	Término: 1954
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Sem uso/ fechado.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

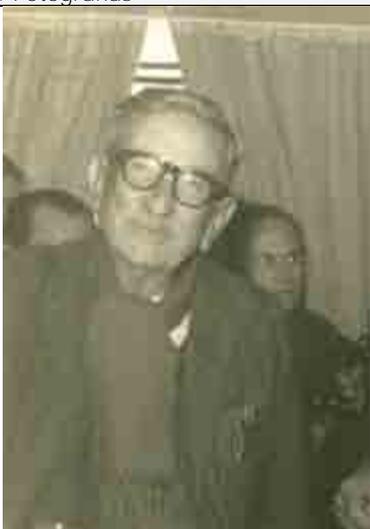
Conforme relato de Hugo Mathies (2010), ex-funcionário, o Coronel Anacleto Firpo teve uma agroindústria conserveira em sociedade com Plínio Cavalheiro, orizicultor da cidade de Arroio Grande. A fábrica, denominada "**Compotas Coronel**" não durou muito tempo – aproximadamente quatro anos –, em razão de um acidente ocorrido com a lavoura de arroz de Plínio, que o fez abandonar a sociedade com Anacleto. Sozinho a cargo da empresa, o Coronel Firpo viu-se sem alternativas, fechando a fábrica. Em seguida, começou as tratativas de venda das instalações com os irmãos Souto, negócio bem sucedido. Em 1955, os irmãos Souto fundam sua fábrica de compotas utilizando a estrutura da antiga fábrica, localizada na Avenida Fernando Osório, 7835.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Plínio Cavalheiro era filho de Hermógenes Cavalheiro, também orizicultor.

O acidente que fez Plínio Cavalheiro abandonar a sociedade da fábrica de conservas foi ocasionado pelo rompimento da barragem de um grande açude de uma granja próxima. Sua lavoura de arroz foi "**levada abaixo**" pela força da água. O envolvimento exigido em suas propriedades, após o ocorrido, o fez abrir mão da sociedade com Anacleto. Posteriormente, Plínio desenvolveu problemas de saúde (um derrame), vindo a falecer.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos		
6.2. Fotografias		
		
Figura 01	Figura 02	Figura 03

6.3. Material publicitário
6.4. Documentação
6.5. Plantas
6.6. Outros
7 – REFERÊNCIAS
7.1. Fontes escritas e bibliográficas
7.2. Fontes orais
Hugo Mathies [ex-funcionário; nascimento 1931]. Entrevista. Pelotas, 08 mar. 2010.
7.3. Fontes iconográficas
Fotografias: Fotografia atual: Marilei Garcia, 2017; Figuras 01 e 03: Acervo Maria de Lourdes Poetsch; Figura 02: Acervo Família Ehlert. Legenda das Fotografias (item 6.2): Figuras 01 e 03 - Detalhes do Coronel Anacleto Firpo durante eventos do setor conserveiro. Final da década de 1960; Figura 02 - Detalhe do Coronel Anacleto Firpo durante viagem com a família Ehlert, no município de Bento Gonçalves. Década de 1970.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

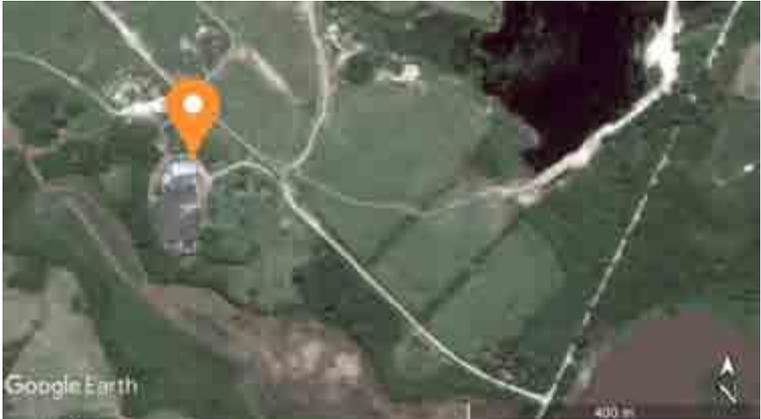
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: HELOMAR	21
1.1.2. Razão Social: Helomar S/A Indústria de Alimentação	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Estrada do Cascalho s/nº	Areal
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'10.82"S	2.2.2. Longitude: 52°15'49.28"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Oscar Luis Osório Rheingantz	Início: 1953	Término: 1982
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Sem uso/ fechado		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Incentivado pelo amigo agrônomo Ernest Poetsch, Oscar Rheingantz montou uma indústria rural, planejada de forma a ser o melhor parque industrial de conservas do Sul do Brasil. O nome Helomar trata-se de dupla homenagem: é uma junção dos nomes Heloísa, de sua irmã mais velha, e Marina, de sua mãe. Após a instalação de duas autoclaves, uma caldeira a lenha e uma recravadeira, iniciou-se a produção das "Conservas Helomar". Havia, de início, porém, um problema: a vertente d'água mostrou-se insuficiente para o enlatamento crescente de aspargos e, em seguida, de pêssegos. Desta forma o parque industrial teve de mudar de local. O novo endereço foi escolhido após a devida prospeção de fonte de água abundante e imediata perfuração de dois poços artesianos de alta vazão. Foi construído um prédio novo em alvenaria de tijolos e adquiridas duas caldeiras a lenha, algumas autoclaves e duas recravadeiras semiautomáticas de fabricação alemã. Começava a industrialização em grande escala na Helomar, ampliando-se a linha de produção para realizar o processamento de compotas de pêssego, figo, milho, ervilha, pimentão e o aspargo – "carro-chefe" da fábrica. Segundo relato de Joel Radtke (2010), ex-funcionário, a empresa tinha um escritório no centro da cidade, à rua Félix da Cunha nº 722, onde funcionava o setor de contabilidade, o caixa da empresa e as salas do Diretor Industrial, Edi Rodrigues Schroeder e do Diretor Comercial, Gunter Rodolpho Bering. Na região do Cascalho, junto ao Canal São Gonçalo, funcionava o Departamento de Pessoal e a Produção (recepção e expedição). Os funcionários do escritório – manutenção e almoxarifado – dispunham diariamente de ônibus limusine próprio para lá chegarem pela manhã e para retornarem de lá à tarde. Primeiramente, o pessoal safrista era transportado pela empresa Santa Maria. Posteriormente, em 1978, foi celebrado contrato com a empresa de transportes de Nilo Crochemore. Neste ano, considerado o auge da fábrica, os horários de funcionamento eram corridos, ou seja, turnos ininterruptos, com início às 7h e término às 19h, e oposto (das 19h às 7h). Ônibus partiam de vários locais, como Retiro, Fragata, Centro, Areal, Colônia Z3, bem como dos municípios de Pedro Osório, Capão do Leão e Rio Grande. Na época, todas as agroindústrias estavam funcionando; era o pico da safra e a cidade de Pelotas não disponibilizava toda a mão de obra necessária para a indústria conserveira. O pagamento dos funcionários era quinzenal. O dinheiro vinha da cidade, para pagar todo o pessoal na fábrica. Havia horários de almoço entre 12h e 13h, 30 minutos para o café da manhã e outros 30 minutos para o café da tarde. A empresa mantinha um restaurante, cujo almoço era descontado dos salários dos trabalhadores. Cerca de 90% do total de operários eram do sexo feminino. A Helomar não possuía pomar de pêssegos próprio: dependia dos pomares de terceiros na zona rural de Pelotas. Para o transporte dessa fruta, a empresa possuía uma pequena frota de (quatro ou cinco) caminhões modelo Ford F-600, que buscavam o pêssego nas propriedades da colônia. A Helomar foi responsável pelo começo da cultura do aspargo na região e no país. Desde 1948 suas Granjas Reunidas cuidavam das criações (aviário, rebanho de gado leiteiro) e das lavouras (de aspargo, milho e árvores frutíferas). A fábrica progrediu, tornando-se a maior envasadora particular de aspargos do mundo nas décadas de 1960 e 1970, com qualidade reconhecida na Alemanha, França e Dinamarca – destinos de grande parte da produção exportada. Conforme material publicitário veiculado nacionalmente em 1972, as Granjas Reunidas Helomar, responsáveis pelo abastecimento parcial da fábrica, chegaram a possuir a maior área plantada de aspargos (mais de 30 hectares) e o maior pomar de figueiras (total de 30 mil pés) do Brasil. Os enlatados desta importante indústria – aspargos, ervilhas, morangos, pêssegos, ameixas roxas, pepinos, figos, milho doce, abacaxis, pimentão, goiabas, laranjas – vendidos sob a marca Helomar, abasteciam os mercados nacional e europeu. Conforme Carlos Guilherme Rheingantz (2008), em 1982 a Helomar S.A. encerrou suas atividades por julgar seu idealizador, Oscar Luiz Osório Rheingantz, "[...] estar a indústria conserveira com os dias contados". Oscar deixou claro não estar "pretendendo passar para meus filhos e netos um ramo que estará entrando em processo de falência coletiva nos próximos dez anos".

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Conforme Carlos Guilherme Rheingantz (2008), de 1975 a 1978, a Helomar chegou a beneficiar quase 15 toneladas (15.000 kg) de aspargos por dia – produção recorde de dois milhões de latas em uma única safra –, empregando em torno de 1.500 funcionários (120 dos quais, em serviço permanente). Nessa época, a Helomar possuía junto a suas instalações industriais, consultório médico e ambulatório, atendidos por médico e enfermeiro do trabalho. "Face ao desestímulo e a ineficiência da política governamental, encerrou suas portas", segundo Carlos.

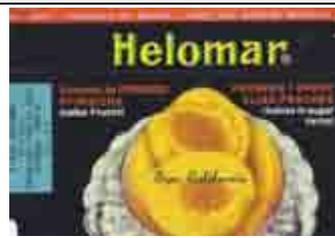
Dunas é o nome de uma segunda linha de produtos da fábrica.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01



Rótulo 02



Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06



Rótulo 07



Rótulo 08



Rótulo 09



Rótulo 10



Rótulo 11



Rótulo 12



Rótulo 13



Rótulo 14



Rótulo 15



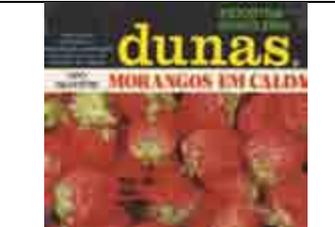
Rótulo 16



Rótulo 17



Rótulo 18



Rótulo 19



Rótulo 20



Rótulo 21



Rótulo 22



Rótulo 23



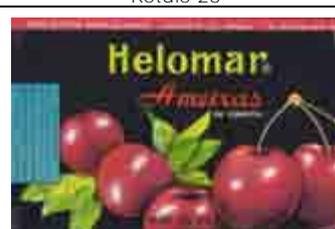
Rótulo 24



Rótulo 25



Rótulo 26



Rótulo 27



Rótulo 28



Rótulo 29



Rótulo 30



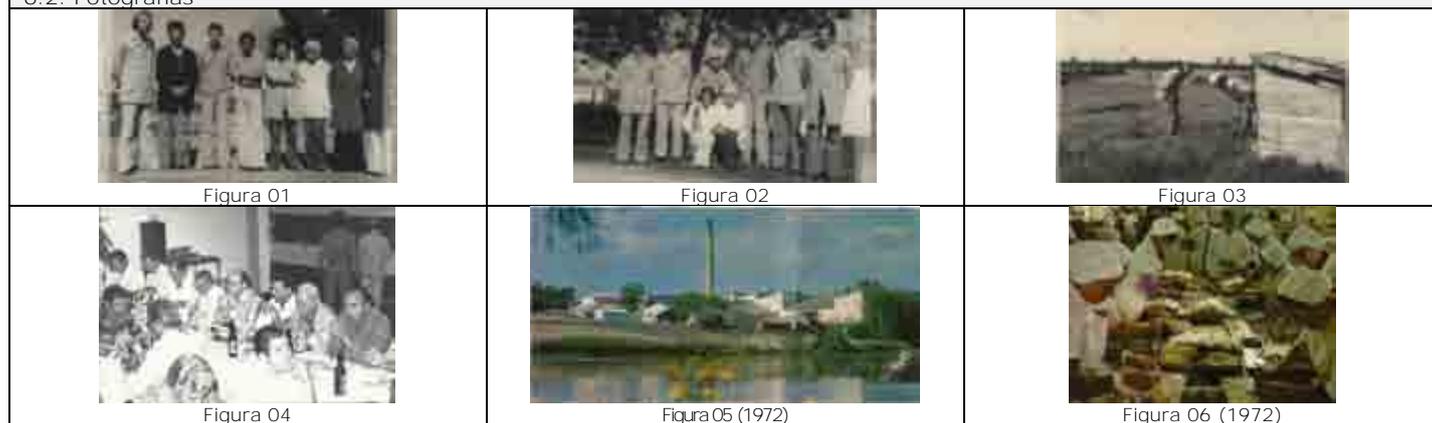
Rótulo 31



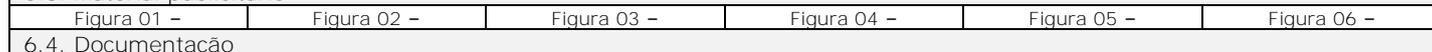
Rótulo 32



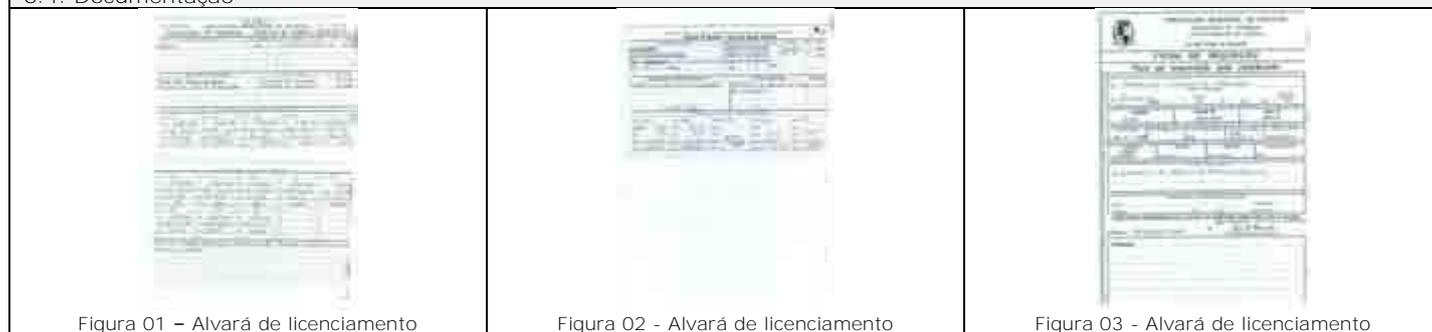
6.2. Fotografias



6.3. Material publicitário



6.4. Documentação



6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

EUSTÁQUIO, João; PINHO, Hamilton de. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro: Bloch Editores. Suplemento especial do n. 1073, out. 1972.
Diário Popular [jornal], Pelotas, 12 set. 2008, p.6.
 RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. **Conservas Helomar**, 2008. (no prelo)

7.2. Fontes orais

Carlos Guilherme Rheingantz [filho do proprietário; ex-funcionário (engenheiro agrônomo da empresa); nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 10 nov. 2008.
 Joel Radtke [ex-funcionário; nascimento 1952]. Entrevista. Pelotas, 18 abr. 2010.
 Gunter Rodolpho Bering [ex-funcionário; diretor; nascimento 1930]. Entrevista. Pelotas, 23 set. 2008.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos, material publicitário e documentos – Acervo Gunter Rodolpho Bering.
 Fotografias: Fotografia atual: do autor, 2009; Figuras 01 a 03 (Funcionários na década de 1970) Acervo Joel Radtke; Figura 04: Confraternização de industriais do ramo conserveiro, entre outros (aprox. 1972). Acervo Darci Ávila Ferreira; Figuras 05 e 06: reprodução de Revista Manchete (1972).

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 e 02 - Funcionário Joel Radtke e colegas reunidos na área externa da fábrica;
 Figura 03 - **Funcionário Joel Radtke verificando a bomba de captação d'água, no açude junto à fábrica;**
 Figura 04 - Registros de evento que reuniu diversos industriais do ramo conserveiro de Pelotas. Dentre outros, Oscar Rheingantz;
 Figura 05 - Aspecto externo da fábrica no ano de 1972;
 Figura 06 - Aspecto interno da fábrica, vendo-se o processamento do aspargo. Ano de 1972.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

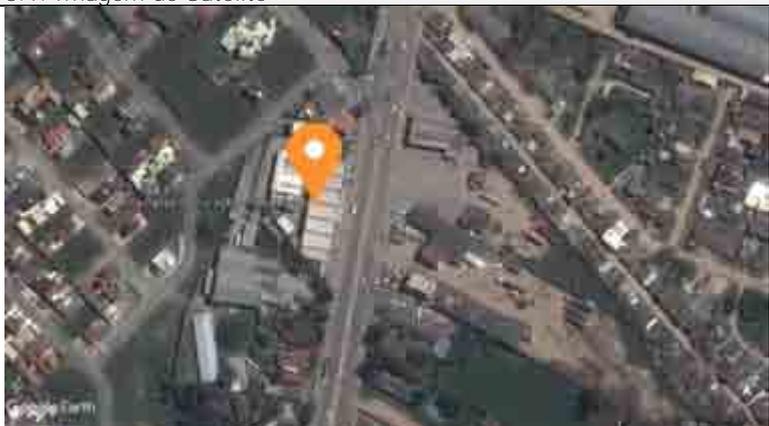
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS SULMAR	22
1.1.2. Razão Social: (não foi possível averiguar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 4283.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'50.39"S	2.2.2. Longitude: 52°20'33.62"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Elgar Hadler; Harry Krenzinger	Início: 1954	Término: 1960
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Demolida. (Espaço destinado a uso comercial).		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

A senhora Gerda Leitzke Gotuzzo tinha 12 anos, estudava no Instituto de Educação Assis Brasil, quando começou a trabalhar na fábrica, nos horários de folga, juntamente com uma irmã de 16 anos: "Trabalhei por 3 anos, éramos vizinhos dos Hadler. Era uma indústria pequena e familiar, localizava-se na Av. Fernando Osório próxima a entrada do Bairro Lindóia. Onde hoje existe um pequeno centro comercial no local". De frente para a avenida ficava a residência dos Hadler, toda em madeira, um "chaleirão" muito grande, e nos fundos a agroindústria conserveira em alvenaria, construído por Reinaldo Augusto Alberto Leitzke, seu pai. A senhora Othília Krenzinger, mãe de Elgar Hadler, coordenava as operárias que trabalhavam no corte e descaroçamento verificando se o pêssego estava bem "limpo" e se as latas estavam em condições de receberem as metades. Segundo Gerda, Dona Othília reclamava muito das operárias e dizia: "Essas gurias 'tucas' não fazem nada direito e não têm pressa [...]" (o termo 'tucas', era para identificar as meninas brasileiras). A entrevistada confirmou que limpava de 3 a 4 mil latas por dia com um pano, e que, às vezes, se queixava que doía as costas. Dona Othília Krenzinger, então dizia que no outro dia, iria colocar outra menina para ajudar. De acordo com a entrevistada, o Sr. Harry Krenzinger, filho do seu segundo casamento, era sócio de seu irmão Elgar Hadler. Frequentemente iam buscar frutas na zona rural com um caminhão da marca Opel de cor azul, que pertencia à fábrica. No período da safra trabalhavam 40 pessoas, que geralmente residiam nas vilas próximas. Eram muitas mulheres e poucos homens no trabalho. Todas usavam uniforme: tapapó branco com avental e um lenço branco na cabeça. A esposa do Harry, Diva Franz, era gerente juntamente com a sogra, Othília. Conforme o entrevistado Plínio Hoffmann, a fábrica tinha uma chaminé e funcionava com fogo direto, mas não tinha caldeira. Também nos informou que somente as funcionárias, Dorotheia Leitzke Angelo e Loni Krenzinger, irmã do Harry, tinham por função colocar nas latas as frutas a serem processadas. A agroindústria tinha rótulo e a marca da compota era SULMAR, a qual, após o fechamento da fábrica, foi negociada com Nestor Eliseu Crochemore, que na época, possuía uma agroindústria de compotas e laticínios na localidade de Vila Nova – Quilombo – 7º Distrito de Pelotas. A fábrica encerrou suas atividades em 1960.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Sobre a Sulmar sob o comando de Nestor Crochemore, consultar BACH (2009, p. 101).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03

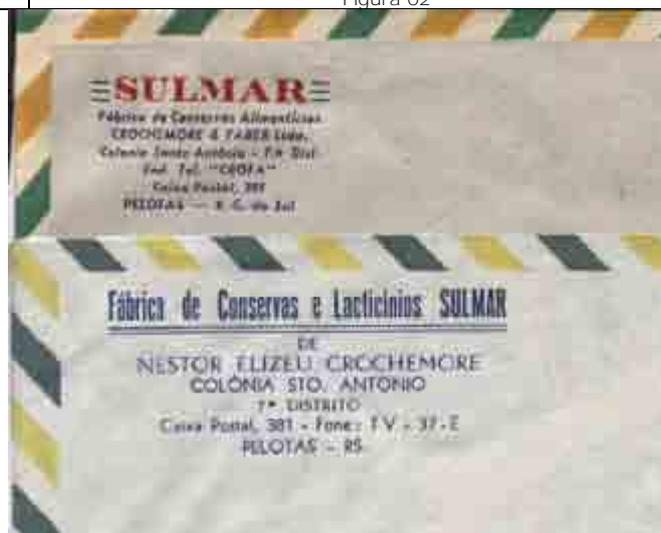


Figura 04

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural:** as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/974>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

7.2. Fontes orais

Elmar Hadler [filho do proprietário; nascimento 1938]. Entrevista. Pelotas, 07 mar. 2014.

Gerda Leitzke Gotuzzo [ex-funcionária; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 08 mai. 2014.

Plínio Hoffmann [integrante do círculo de relações do proprietário; técnico em caldeiras; prestador de serviço de assistência técnica; nascimento 1941]. Entrevista. Pelotas, 07 jan. 2016.

Ivo Germano Hoffmann [ex-funcionário; nascimento 1938]. Entrevista. Pelotas, 01 abr. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Fotografia atual: do autor, 2017; Figuras 01 a 03: Acervo Plínio Hoffmann. Figura 04: Acervo Clésis Crochemore.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Elgar Hadler, esposa e amigos. BR-101;

Figura 02 - Detalhe da fig. 01, destacando o casal;

Figura 03 - Elgar Hadler em visita a uma fazenda de amigos, no Bairro Três Vendas;

Figura 04 - Envelopes com o timbre da fábrica, após a venda da marca SULMAR para Nestor Crochemore. Início da década de 1960.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

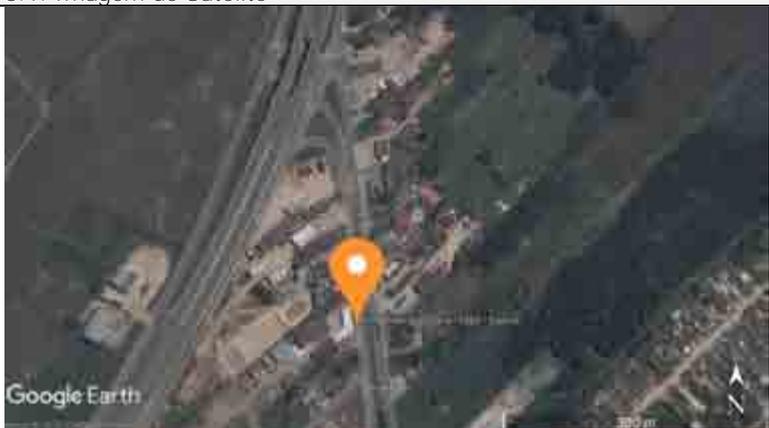
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SOUTO CONSERVAS ALIMENTÍCIAS	23
1.1.2. Razão Social: Irmãos Souto Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 7835.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°40'53.77"S	2.2.2. Longitude: 52°20'29.87"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Lúcio de Oliveira Souto	Início: 1955	Término: 1969
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Em processo de demolição (2016)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Lúcio de Oliveira Souto, natural de Casario de Baixo, Portugal, desembarcou no Rio de Janeiro com 11 anos de idade, acompanhado de Manoel Pereira de Almeida, outro português que futuramente também se ligaria ao setor conserveiro e fundaria a Conservas Almeida (Rio Grande e Pelotas). Vieram para o Rio Grande do Sul porque tinham patrícios por aqui. Lúcio logo começou a trabalhar com peixe seco. Casou-se com Umbilina Augusto Souto e tiveram 15 filhos (destes 4 faleceram pequenos), sendo que o 15º filho se chamou Luiz em homenagem ao rei Luiz XV. Hoje, somente Elizeu e Luiz estão vivos. Lúcio ganhou de um amigo, Augusto Luiz Dumont, que foi químico na França, um manual em francês sobre indústrias de conservas e doces em calda, e nunca se afastou dele. Um amigo riograndino de sobrenome Loréa, pessoa inteligente e muito sério, proprietário de um estaleiro em Rio Grande e bastante rico, um dia comprou máquinas (motores elétricos, dois autoclaves e dois tachos de cobre a vapor) e propôs sociedade com Lúcio. Acertados, começaram a trabalhar e, passado um tempo, segundo Elizeu, Loréa, conversando com Lúcio propôs sair da sociedade: [...] **"Não quero mais, pode ficar com a fábrica, fica com tudo, tu tens jeito e gostas de trabalhar com compotas. Tens uma família grande".** E foi desta forma que Lúcio ganhou de presente uma fábrica de compotas. Em 1933, foi a São Paulo participar da 3ª Feira de Amostras (de frutos em calda, compotas variadas), recebendo uma premiação – uma medalha. Os irmãos Souto trabalhavam em Rio Grande com peixe enlatado e conservas (ervilha, pepino, marmelo, figo e pêssego). Havia muito tempo, o pêssego era plantado na Ilha dos Marinheiros, introduzido pelos portugueses, mas os pomares já não tinham a mesma produtividade desde 1940, também, não conseguira mão de obra para cuidar destes pomares já velhos, a saída era buscar em Pelotas, porém a estrada para Rio Grande era de chão batido, muito ruim, a travessia de balsa, cada vez mais demorada, com isso, passaram a utilizar com frequência o trem e o porto de Pelotas, de onde saíam grandes quantidades de ervilha e principalmente de pêssegos para o porto de Rio Grande. Na cidade, em Rio Grande, a Secretaria de Saúde começou a cobrar e pressionar, ameaçando não emitir mais o certificado para comercialização de peixe, em função das duas atividades ao mesmo tempo: peixe e fruta. Desta forma, para continuar no ramo conserveiro, Lúcio e os filhos começam a enlatar na pequena fábrica de Ernesto Ney, na Colônia Francesa, 7º Distrito de Pelotas. "Ficamos trabalhando lá 4 ou 5 anos, fizemos alguns investimentos, galpões, máquinas (todas vindas de Rio Grande), compramos uma caldeira de uns alemães de Taquari-RS. Fizemos um bom investimento que ficou por lá." Elizeu conta que em 1950 casou com Dona Leda e foi trabalhar com Walter Patzlaff de Morro Redondo, que estava começando a trabalhar com compotas. Após esse período na Colônia de Pelotas, compraram a fábrica do Coronel Anacleto Firpo, proprietário da Metalúrgica Guerreiro, localizada na Avenida Fernando Osório, 7835 e continuaram, agora em prédio próprio. Relataram que tiveram representantes comerciais em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. A maior parte das vendas era feita através do porto de Rio Grande para o porto de Santos, ou por transporte rodoviário, utilizando caminhões de terceiros que levavam carga para São Paulo ou Rio de Janeiro. Vendiam por comissão para várias indústrias, conforme entrevista com Pedro Torchelsen de Mattos, **caminhoneiro que "puxava" o pêssego** (ver itens Informações Complementares) para os Irmãos Souto, comenta que **"eles enlatavam muito para a Indústria Kormann (Brusque-SC) pepinos e pêssego por comissão"**. Um fato interessante ocorreu antes da instalação oficial da Cica em Pelotas. Quando a Cica foi inaugurada em 10 de dezembro de 1971, a safra do pêssego já havia começado em novembro, como não tinha tempo para produzir, mas a Cica queria mostrar serviço, contratou a indústria Irmãos Souto e mais outras duas que **não recorda quais eram, para produzirem as compotas de pêssego "por comissão"** – a Cica só colocou o rótulo dela. Neste primeiro ano, só os Irmãos Souto enlataram 200 mil latas para a Cica. Luiz conta que, às vezes, dois ou três engenheiros de alimentos acompanhavam a produção, por vezes se faziam acompanhar da gerência. Sorridente, confessa que a Cica pagava muito bem. Após 1970, arrendaram para os Mello por três ou quatro anos, aí então venderam oficialmente para Conservas Mello.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Conforme Pedro Torchelsen de Mattos, **"Puxar o pêssego"** era a expressão usada entre os colaboradores que prestavam serviço de frete, para se referir ao transporte do pêssego, feito diariamente, do pomar para a agroindústria, a fim de ser processado.

Antes de instalarem-se na área urbana de Pelotas, os Irmãos Souto enlatavam por comissão na fábrica do imigrante francês Ernesto Ney, Colônia Santo Antônio (BACH, 2009).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 –



Rótulo 02 –

6.2. Fotografias



Figura 01 (aprox. 1955)



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01 –

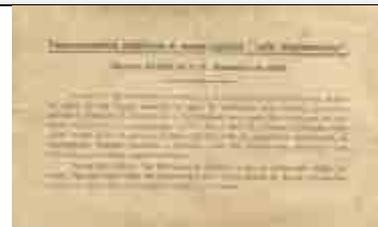


Figura 02 –

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Wandir Ney [filho de prestador de serviço, Ernesto Ney (enlatava por comissão); nascimento 1951]. Entrevista. Pelotas, 27 out. 2008.

Elizeu de Oliveira Souto [filho do fundador; nascimento 1925]. Entrevista. Pelotas, 08 jan. 2010.

Luiz de Oliveira Souto [filho do fundador; nascimento 1931]. Entrevista. Pelotas, 14 jan. 2010.

Pedro Torchelsen de Mattos [ex-prestador de serviço para a fábrica (puxador de pêssego); nascimento 1934]. Entrevista. Pelotas, 28 mar. 2010.

Rudi Matties [morador das proximidades de da fábrica; ex-funcionário das conservas Mello; nascimento 1936]. Entrevista. Pelotas, 30 set. 2013.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Fotografia atual e figuras 02 e 03 de autoria de Marilei Garcia, jan. 2017; Fotografias 04, 05 e 06: Laureano Bittencourt.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista do edifício da fábrica Souto;

Figuras 02 e 03 - Os irmãos Souto que ainda vivem: Elizeu de Oliveira Souto (e esposa) (fig. 02) e Luiz de Oliveira Souto (fig. 03);

Figuras 04 a 06 - Vistas de medalha recebida por premiação no ano de 1933 no Estado de São Paulo, por ocasião da II Grande Feira das indústrias de conservas e frutos em calda.

Documentação e Outros: reprodução do autor.

Demais rótulos e fotografias – Acervo Luiz de Oliveira Souto.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

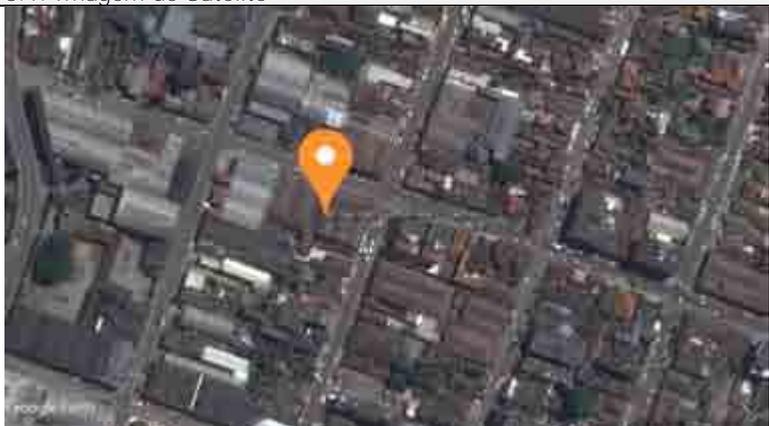
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: COLOMBINA	24
1.1.2. Razão Social: Ferreira Irmão & Cia Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Santos Dumont, 641, 641-2, 641-3 e 645.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'16.77"S	2.2.2. Longitude: 52°20'31.07"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Joaquim Dias; Nestor Ferreira	Início: aprox. 1955 Término: déc. 1990
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Oficina mecânica, academia de artes marciais, etc. (sofreu desmembramento)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Conforme material publicitário divulgado na imprensa local, a empresa atacadista Ferreira, Irmão e Cia. foi fundada em 1924. Especializada em importação e exportação, secos e molhados, contava ainda com moderna usina cerealífera e moinho de açúcar. Com relação às conservas de pêssego, as mesmas propagandas, veiculadas em meados da década de 1950, trazem a referência específica: **"Permanente depósito de gêneros da colônia – 'Colombina' – marca registrada"** (ver figuras 01 e 02 da seção Material Publicitário). Segundo os relatos dos entrevistados, Ferreira, Irmão e Cia. não foi proprietária de nenhuma fábrica de compotas. **Possuía apenas direitos sobre o rótulo "Colombina", que aplicava sobre produção de terceiros. Esta terceirização foi comprovada durante pesquisas na zona rural de Pelotas em BACH (2009), onde foi apurado o "trabalho por comissão" realizado para a empresa no ano de 1967.** Na data, foram seus fornecedores os srs. Nestor Eliseu Crochemore e José Luiz Rodrigues, produtores com sede na localidade de Vila Nova, 7º Distrito de Pelotas. Foram fornecidas cerca de 420mil latas de compotas naquela ocasião. José Paulo Oliveira da Silva (2017), funcionário da Ferreira, Irmão e Cia. durante 23 anos (1969 a 1992), onde desempenhou diversas funções, inclusive de caixa – responsável por recebimentos e pagamentos diversos a fornecedores -, confirmou em seu relato o pagamento de prestação de serviço aos produtores supracitados, assegurando ter realizado semelhantes pagamentos a donos de outras fábricas da zona rural, cujos nomes não soube precisar de memória. Todos **enlatavam para as compotas "Colombina"**. As entrevistas realizadas permitiram ainda saber como era constituída a firma. Iniciara com a sociedade formada pelos três irmãos, Oscar Ferreira, Osório Ferreira e Nestor Ferreira, imigrantes de naturalidade portuguesa. Oscar deixou a sociedade pouco após o início desta. Osório era responsável pelos engenhos e Nestor cuidava do atacado, atendendo ao balcão - o que lhe conferia mais visibilidade na empresa. Em 1949, chegou ao Brasil outro cidadão português, Joaquim Dias, que passou a integrar a sociedade, ampliando a atuação da empresa no comércio de arroz sob a razão social Dias, Ferreira & Cia. Segundo o relato do funcionário José Paulo (2017), Nestor Ferreira e Joaquim Dias eram muito diferentes no tratamento com os funcionários, o que, em sua opinião, funcionava bem para a empresa. José mantinha **"uma amizade muito grande pelo Sr. Joaquim Dias", que era "durão", mas "sabia valorizar o funcionário que trabalhava pela empresa"**; que **"estava sempre disposto a ajudar o funcionário que se enquadrava nesse perfil"**. Quanto ao patrimônio edificado, os entrevistados afirmam que as quatro esquinas do cruzamento das ruas Antônio dos Anjos e Manduca Rodrigues (atual Rua Santos Dumont) tinham lotes cujas edificações estavam a serviço da empresa. Uma delas, onde hoje existe um edifício em altura residencial, continha um grande galpão de alvenaria, que ocupava todo o lote, cujas dimensões estão em torno de 36m de testada pela rua Santos Dumont por 45m de fundos pela rua Antônio dos Anjos. O galpão estava dividido pela rua Santos Dumont. Naquela testada, parte – cerca de 15m – era destinada ao depósito de sal. Os cerca de 20m restantes eram ocupados como depósito, estendendo-se por toda a profundidade dos 45m. Abrigava tanto latas vazias para compotas – as chamadas **"latas brancas"**, que aguardavam a rotulagem manual, a ser executada por grupo de operárias contratadas especificamente para a tarefa - quanto latas prontas para expedição e venda. Os relatos apontam vendas de grande quantidade de compotas por atacado até o início da década de 1980. A empresa era considerada muito séria, com os pagamentos dos funcionários **religiosamente em dia. "O funcionário trabalhava bastante, mas era reconhecido". Prova disto eram os presentes ganhos** pelos funcionários, todos os anos, no Natal. Os trabalhadores braçais responsáveis pela carga e descarga, cerca de 40 funcionários, ganhavam gratificação no valor de meio salário sobre o valor do 13º salário. O mesmo tratamento era dado aos trabalhadores do escritório da firma, cerca de 9 funcionários. Em um dos natais, José Paulo e seu colega, caixa geral da empresa, chegaram inclusive a ganhar, cada, um carro usado (modelos recentes em excelente estado). A década de 1980 não foi boa para a empresa. Foi quando faleceram os sócios Joaquim Dias e – posteriormente – Nestor Ferreira. Paralelamente, o país passa por forte crise econômica e institucional. Sob tal conjuntura, a empresa começa a colapsar: vende parte de seus imóveis, ocasionando o abalo de seu crédito perante os fornecedores; surgem problemas de gestão administrativa por parte dos sócios remanescentes. Chegada a década de 1990, a situação se agravou. Como as vendas de conservas não iam bem, o depósito das

latas de compotas foi cedendo espaço para a ampliação do depósito de sal. Sem o devido acondicionamento, a estrutura da edificação foi sendo corroída em suas peças metálicas, de modo que o telhado acabou por desabar completamente, restando de pé somente as paredes de alvenaria de tijolos. Conforme o relato de uma moradora das imediações, Ione Dilli (2017), “[...] era telhado, madeira, tudo quebrado e várias latas vazias enferrujadas; outras, de compotas, rebentadas no meio daquilo tudo”.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Em depoimento, os industriais João Casarin e Domingos Lindolpho Bachini, ambos da zona rural de Pelotas, afirmaram também terem fornecido latas de compotas de pêssego por comissão à Ferreira Irmão & Cia Ltda.

Em uma das esquinas ocupadas pela empresa na rua Santos Dumont com rua Antônio dos Anjos, onde hoje há um serviço (borracharia), a Ferreira & Irmão promovia o refino de açúcar cristal para açúcar moído. Não foi possível averiguar os compradores deste açúcar moído, mas há grande possibilidade de as fábricas de conservas terem sido destinatárias do produto.

Segundo José Paulo Oliveira da Silva (2017), no depósito de latas vazias, onde eram rotuladas as compotas, havia uma parede divisória, pela qual se acessava uma sala que funcionava como arquivo da empresa. Naquela parede divisória, que era de madeira, estava escrito a lápis uma referência à vinda para o Brasil de Joaquim Dias, português simples e trabalhador, em suas palavras. Estava gravada, basicamente, a seguinte mensagem: “Cheguei ao Brasil em 10 de outubro de 1949 com duas cuecas, uma calça, camisetas e chinelos”. Tal mensagem remete à simplicidade característica da grande maioria dos portugueses emigrados para o Brasil.

“Latas brancas” é a expressão comumente usada no meio conserveiro para se referir às compotas produzidas por terceiros (por comissão), com o rótulo de quem contrata a prestação do serviço.

José Paulo Oliveira da Silva pediu demissão da empresa no ano de 1992.

Por ironia, o depósito da Dias Ferreira & Cia. arruinado pelo sal, veio a ser adquirido por Carlos Otto Schramm, industrial do setor conserveiro. A aquisição visava a utilização do terreno para edificação do prédio residencial hoje ali existente (Edifício Dona Elídia).

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural:** as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/974>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

Diário Popular [jornal]. Pelotas, 27 de agosto de 1955.

_____. Pelotas, 27 de agosto de 1957.

7.2. Fontes orais

João Casarin [prestador de serviço (enlatava por comissão); nascimento 1934]. Entrevista. Pelotas, 01 mai. 2008.

Domingos Lindolpho Bachini [prestador de serviço (enlatava por comissão); nascimento 1926]. Entrevista. Pelotas, 27 out. 2008.

Ângela Maria Rodeghiero Krüger [filha de prestador de serviço; nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 16 abr. 2009.

Ione de Oliveira Dilli [moradora das imediações da empresa; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 20 jan. 2017.

José Paulo Oliveira da Silva [ex-funcionário; nascimento 1952]. Entrevista. Pelotas, 01 fev. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Fotografia atual e Figuras 06 e 07: autoria de Marilei Garcia; Figuras 01, 02 e 03: Acervo Joana Rodrigues; Figuras 04 e 05: Acervo Guilherme P. de Almeida; Figuras 08 a 15: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 a 03 - Compotas produzidas por comissão na zona rural de Pelotas, especialmente para a empresa Ferreira, Irmão & Cia. no ano de 1967;

Figuras 04 e 05 - Dois prédios utilizados como sede pela empresa Ferreira, Irmão & Cia. durante décadas;

Figuras 06 a 09 - Vistas atuais dos prédios das figuras 04 e 05, hoje ocupados com outras finalidades;

Figura 10 - Prédio onde era realizado o refino do açúcar cristal para a empresa;

Figuras 11 a 13 - Vistas do prédio onde funcionou o engenho de arroz da firma Dias, Ferreira & Cia., correlata;

Figuras 14 e 15 - Edifício construído no exato local do prédio em que havia o antigo depósito de sal e de latas de compotas da firma.

Material publicitário: Figuras 01 e 02: Acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

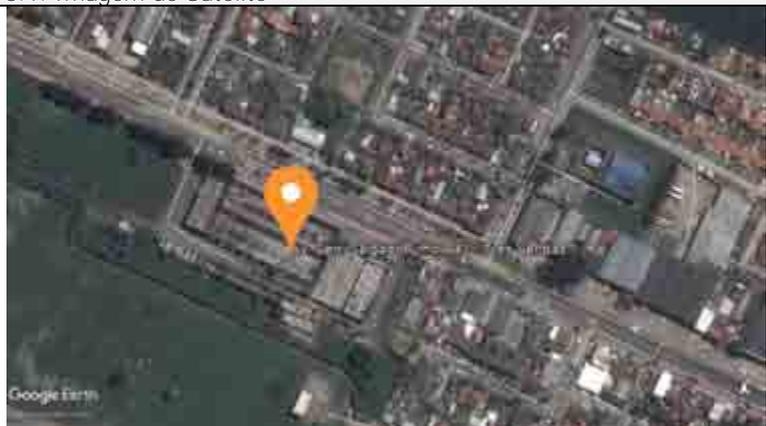
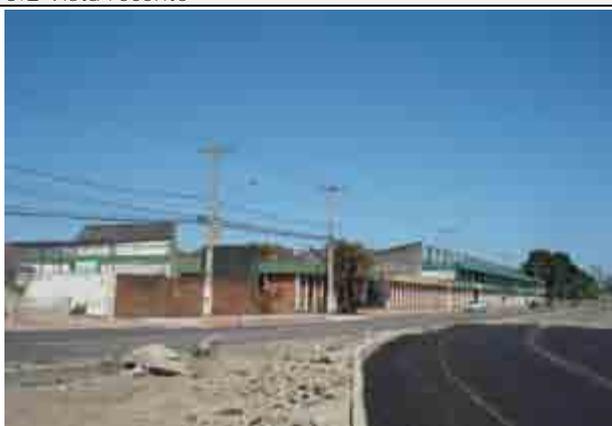
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: AGAPÊ	25
1.1.2. Razão Social: Agapê S. A. Indústria de Alimentação	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Salgado Filho, nº 641	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°44'5.52"S	2.2.2. Longitude: 52°20'1.78"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

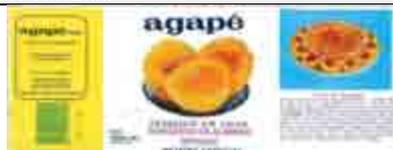
4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:
Hugo Poetsch	Início: 1959 Término: 1996
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Em processo de demolição (2016)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Começou na família, a partir do ideal de Hugo Poetsch, de construir uma indústria de conservas. Ele partiu dos ensinamentos de sua mãe para transformar aqueles conhecimentos domésticos em realidade industrial. Enquanto cursava a Escola de Agronomia Eliseu Maciel, fundou, associado a outros, a primeira fábrica – Conservas Andréa Ltda. – no distrito de Monte Bonito, em Pelotas. Com limitações de infraestrutura na zona rural, permaneceu até 1959, quando, já agrônomo formado e com especialização em conservas, Hugo Poetsch se desligou da antiga indústria rural e, incentivado por seus familiares e por seu particular amigo Coronel Anacleto Firpo, concretizou seu ideal, fundando sua própria fábrica, a Indústria de Conservas Agapê, em 10 de setembro de 1959. No início, arrendou as instalações da antiga fábrica Sem Rival, na rua João Manuel esquina com Félix da Cunha, na área urbana. O nome Agapê foi sugerido por seu cunhado, professor Victorino Piccinini, usando as iniciais do nome de Hugo Poetsch. A indústria cresceu muito rapidamente, devido ao trabalho e às facilidades que a cidade oferecia: abundância da mão de obra, água tratada e energia. Assim, no ano seguinte, oportunizou-se a aquisição do primeiro lote de terra, na Avenida Salgado Filho, nº 641, na região norte da cidade, na época, deserta. Em 1961, começou suas primeiras instalações, construindo em moldes modernos para a época, os primeiros módulos em sistema "SHED" para indústria de conservas. Foram construídos dois pavilhões de 1.000 m² cada. Foi o início do grande complexo fabril da Agapê, que chegaria aos 20.000 m² de área. A Agapê foi a primeira indústria moderna de Pelotas, se diferenciando das mais de 50 agroindústrias existentes no município, tradicionais nessa região desde o início do século XX. Em 1963 a razão social foi mudada para Agapê Indústria da Alimentação. Primeiramente dedicada ao processamento do pêssego, passou a produzir vários produtos, entre os quais frutas em calda, geleias, doces em passa e conservas de legumes variados. Neste mesmo ano, o setor conserveiro sofreu um grande golpe, quando o governo brasileiro deu concessões especiais às importações de pêssego da Argentina, Uruguai e Chile, o que causou grandes problemas de vendas ao nosso pêssego, em função dos preços menores praticados por esses países. Mas a Agapê foi à luta e visitou esses países para observar como conseguiam produzir compotas tão baratas. O que observaram? Uma indústria extremamente desenvolvida, juntamente com a parte agrícola, pois o pêssego que chegava às suas fábricas necessitava de pouca mão de obra, era de primeira qualidade, e os equipamentos utilizados para a industrialização da compota se distanciavam das fábricas no Brasil, estavam 20 ou 30 anos à frente. Mas a Agapê, com forte estímulo de progresso, incentivou a tecnologia de fábrica, adquirindo a primeira linha automática para envasamento de pêssego na época, parte com financiamento junto ao Banco do Brasil. Na safra 63/34, com a metade da linha automática em funcionamento, passou a produzir 450 mil latas anuais, enquanto a maior fábrica de Pelotas, a Leal Santos, junto com a matriz na cidade de Rio Grande, que tinha a maior produção do país, produziu somente 300.000 latas. Em 1966, Hugo Poetsch recebeu bolsa de estudos através do Agriculture Research Institute na Califórnia – EUA, onde terminou sua especialização em Tecnologia de Conservas, com o professor Leonard Sherman. Nos quatro meses de universidade foram feitas 35 visitas às 35 maiores fábricas da Califórnia, cuja produção era maior e a qualidade da fruta era muito superior à nossa. Não havia retoque no pêssego, ele era simplesmente pelado, classificado e enlatado com exigente mão de obra. A partir de 1964 a Agapê passou a liderar as indústrias de pêssego no Brasil, mantendo-se na liderança até 1970, quando a Cica (1971) instalou em Pelotas a CicaSul, com grande poder financeiro e várias linhas simultâneas para envasamento de pêssego. Em 1972, a Agapê inaugurou uma linha totalmente automática, através da qual continuou na liderança da tecnologia de conservas de frutas, principalmente de pêssegos, não sendo superada por nenhuma indústria nesse setor no Brasil ou nos demais países da América do Sul. O pêssego, que no início da Agapê representava de 80 a 90% de sua capacidade de produção, foi sendo reduzido paulatinamente e inseridos outros produtos como morango, figo, tomate, pepino e vegetais como aspargo, milho, ervilha e outros. Desta forma, o pêssego representava 35% da sua capacidade de produção, o que mantinha a fábrica em funcionamento todo o ano. A Agapê possuía uma estrutura agrícola com dois agrônomos e três técnicos rurais que visitavam periodicamente pequenos colonos, fornecedores de matéria-prima, acompanhando a produção. Acreditava que a propaganda era condição e fator de crescimento da empresa. Por vários anos trabalhou nessa ótica, sempre com resposta positiva. Toda vez que se aplicava em propaganda – várias mídias – principalmente a TV, a resposta era imediata, as vendas cresciam. Chegou a empregar 2.950 trabalhadores e a produzir 8 milhões de latas de conservas. Forneceu pepino fatiado para a rede McDonalds no país por 20 anos, além de exportar aspargos para a Alemanha e figo para a Dinamarca. A década de 1990 marcou a abertura do mercado interno a produtos subsidiados como uma das grandes causas da crise da indústria de conservas. O pêssego da Grécia entrava com subsídio de 46% pela União Européia, o que significava que a Grécia colocava no Brasil a lata de fruta em conserva a US\$ 0,61. O pêssego gaúcho custava US\$ 0,80. A implementação do MERCOSUL trouxe novos competidores e o Plano Real agravou a situação com a sobrevalorização cambial e a elevação dos juros. Houve ainda outras causas, como o relacionamento predatório da indústria com os produtores com relação ao preço mínimo, discutido no momento da colheita. Os agricultores ficavam sempre em desvantagem, o que os levou a incertezas, desestimulando a adoção de novas técnicas de plantio, acabando com os pomares. Portanto, a agroindústria conserveira, com a diminuição da sua matéria prima, foi gradativamente fechando as portas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 – Pêssegos em calda



Rótulo 02 – Abacaxi em calda



Rótulo 03 – Pêssegos em calda *diet*

6.2. Fotografias



Figura 01 – 1ª etapa de construção (1961).



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 – Mão de obra feminina (197_).



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 – Inauguração da 2ª etapa (1972).



Figura 13 -



Figura 14 -



Figura 15 – Linha natalina (198_).



Figura 16 -



Figura 17 – Vista geral (1986).



Figura 18 – Escritórios (2017).



Figura 19 - Escritórios (2017).



Figura 20 - Pavilhões (2017).

6.3. Material publicitário



Figura 01 – Linha de produtos (198_).



Figura 02 – Linha dietética (198_).



Figura 03 – Linha de sucos (198_).



Figura 04 – Linha Caramel (198_).



Figura 05 – Aspargos (198_).



Figura 06 – Linha de Conservas (198_).



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -

6.4. Documentação

6.5. Plantas



Figura 01 – Planta de tratamento de efluentes



Figura 02 – Detalhe do selo: planta de tratamento de efluentes



Figura 03 – Ampliação de 1986 – fachada.



Figura 04 - Ampliação de 1986 – corte longitudinal.

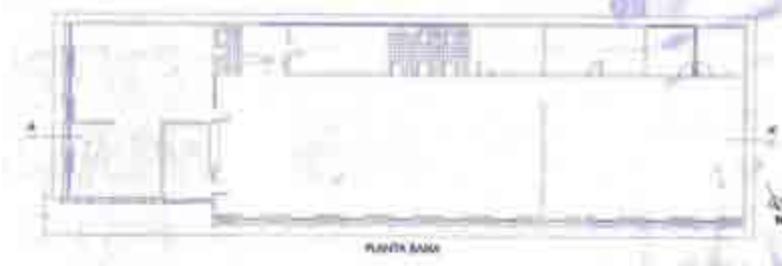


Figura 05 - Ampliação de 1986 – Planta Baixa.

6.6. Outros



Figura 01 – Anúncio



Figura 02 – Periódico próprio



Figura 03 – Postal publicitário

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

POETSCH, Hugo. **AGAPÊ S/A: plano econômico financeiro**. Relatório aspectos gerais, estrutura, contexto setor conserveiro, mercado e comercialização. Pelotas: s. ed., 1993. [mimeogr.]

_____; SÁ Claudio Fernando P. de (org.). **Narrativa da Memória da Indústria Conserveira de Pelotas**. Pelotas: SINDOCOPEL (Sindicato da Indústria de Doces e Conservas Alimentícias de Pelotas), 2004.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. **Ari Marangon: 25 anos de arquitetura**. Santa Maria: Pallotti, 2004.

Compotão Agapê [jornal bimestral], Pelotas, Jan/fev. 1989.

Folha de São Paulo, São Paulo, 25 jul. 1999, p. 11.

Diário Popular, Pelotas, 22 set. 2010, p. 13.

Revista Enfoke '80. Pelotas, 1980.

7.2. Fontes orais

Aroldo Barwaldt [ex-funcionário; agrônomo; nascimento 1954]. Entrevista. Pelotas, 22 ago. 2008.

Willy Gerhard Partzsch [industrial; cedeu equipamentos em aluguel; nascimento 1924]. Entrevista. Pelotas, 02 out. 2012.

Pedro Juvêncio Vergara [prestador de serviço (puxador de pêssego); nascimento 1928]. Entrevista. Pelotas, 28 set. 2013.

Rudinei Vaz [ex-funcionário; nascimento 1950]. Entrevista. Pelotas, 10 out. 2013.

Maria de Lourdes Poetsch [viúva do proprietário; nascimento 1932]. Entrevistas. Pelotas, 02 e 14 mai. 2015.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias 18 a 20: autoria de Marilei Garcia, jan. 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista aérea da primeira etapa construtiva do prédio próprio da fábrica. Ano de 1961;

Figura 02 - Vista aérea da segunda etapa construtiva do prédio próprio da fábrica. Ano de 1972;

Figuras 03 e 04 - Vasta mão de obra da fábrica em plena atividade;

Figura 05 - Moderna linha da produção em funcionamento;

Figura 06 - Mão de obra feminina;

Figura 07 - Maquinário da fábrica, grande parte produzido em oficina própria, com base no que havia de mais moderno no mundo;

Figura 08 - Flagrante das atividades no escritório da Agapê;

Figura 09 - Laboratório da fábrica;

Figura 10 - Equipe de futebol formada por funcionários. O esporte, nesta e noutras modalidades, foi incentivado na fábrica;

Figuras 11 e 12 - Inauguração das obras da segunda etapa construtiva da fábrica, em 1972;

Figura 13 - Governador do Estado Pedro Simon em visita ao estande da Agapê na 2ª FENADOCE;

Figura 14 - Vista interna parcial do setor de depósito e expedição;

Figura 15 - Linha natalina de produtos;

Figura 16 - Divulgação dos produtos Agapê em dos grandes hipermercados do centro do país;

Figura 17 - Vista geral das instalações e seu entorno, constante de um cartão postal da empresa;

Figuras 18 a 20 - Vistas atuais do complexo fabril, em arruinamento.

Plantas: Figuras 03 a 05: terceira etapa de ampliação: escritórios. Projeto do Arq. Ari Marangon. Reprodução de Moura (2004).

Rótulos, demais fotografias, material publicitário, documentos, plantas e outros – Acervo Maria de Lourdes Poetsch.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS ALVA	26
1.1.2. Razão Social: Indústria de Conservas Alva Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 3904.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'1.04"S	2.2.2. Longitude: 52°20'33.80"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Eduardo Alvariza	Início: 1960	Término: 1980
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Demolido		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Eduardo Alvariza trabalhava na Metalúrgica Guerreiro, cuidando do setor de contabilidade. A Guerreiro era quem produzia as latas para o setor conserveiro em Pelotas. A fábrica de conservas foi criada em 1960, quando seus irmãos eram adolescentes. Começou a funcionar na Av. Argentina 467 (hoje, Av. Fernando Osório), em frente à Associação Rural de Pelotas, nos fundos da residência que era um sobrado. A produção inicial foi de cinco mil latas por safra, trabalhando com cinquenta pessoas. Em 1968, após construir o 2º prédio, na Av. Fernando Osório nº 3904, esquina com a Av. Assis Brasil, chegou a produzir vinte e duas mil latas/dia, trezentos e cinquenta mil latas em uma safra, com mil pessoas trabalhando na fábrica.

Dilmar e os irmãos Eduardo e Paulo Roberto trabalhavam todos na fábrica, enquanto o pai estava na Metalúrgica. Quem ficava responsável era o Sr. Paulo Roberto, auxiliado pelo Sr. Edmar Kuapp. A mãe, Zeli, trabalhava diariamente na fábrica, tomando conta das operárias, auxiliada por Marli Maciel. Após o falecimento do Coronel Firpo, proprietário da Metalúrgica Guerreiro, em 27 de abril de 1978, o pai, Eduardo Alvariza, deixou a contabilidade da Metalúrgica para se dedicar exclusivamente à fábrica, juntamente com os filhos e a esposa.

Para as vendas, havia os contatos, como o Sr. Guimarães, que vendia as compotas para o centro do país e era representante de uma usina açucareira de São Paulo, fornecedora da fábrica. Também havia o Sr. Pedro Paulo, que só fazia vendas de compotas. Nessa época atendiam Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Nunca houve problema algum com os representantes, fato digno de nota, pois eram pessoas sérias. Para o atendimento dos pedidos utilizavam transportadoras variadas. Quanto ao tratamento dos efluentes, havia um poço nos fundos da fábrica, onde era realizado um tratamento primário, seguindo para uma valeta na Av. Assis Brasil. No verão, parte infiltrava e o resto ia evaporando, simplesmente. Quanto aos sólidos, os caroços eram despejados em um terreno nos fundos da fábrica. Após secarem, poderiam ser usados em lareiras e queimar como lenha, davam bastante calorias. Muitos equipamentos utilizados na fábrica eram confeccionados pelos próprios funcionários, como por exemplo os tachos usados para fazer o doce (pessegada).

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos			
	Rótulo 01 –	Rótulo 02 –	Rótulo 03 –

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 - (2009).



Figura 12 - (2009).



Figura 13 - (2009).



Figura 14 - (2009).



Figura 15 - (2009).



Figura 16 - (2009).



Figura 17 - (2010).



Figura 18 - (2010).



Figura 19 - (2010).



Figura 20 - (2010).



Figura 21 - (2017).



Figura 22 - (2017).



Figura 23 - (2017).



Figura 24 - (2017).

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01 - Timbre.

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Ane Marise Portantiolo Alvariza [nora do proprietário; nascimento 1961]. Entrevista. Pelotas, 11 jun. 2011.

Dilmar Cunha Alvariza [filho do proprietário; ex-funcionário; nascimento 1951]. Entrevista. Pelotas, 05 jun. 2011.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 11 a 20: do autor, 2017; Figuras 21 a 24: autoria de Marilei Garcia.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Caldeira recém-adquirida pela fábrica;

Figura 02 - Aspecto externo da fábrica recém-construída, tendo reunidos à sua frente o contingente geral de funcionários.

Fotografia apanhada por ocasião do Natal de 1968;

Figura 03 - Dona Zeli, esposa do proprietário, responsável por tomar conta do ambiente de trabalho;

Figuras 04 a 07 - Vista do interior da fábrica durante as atividades de processamento;

Figura 08 - Dona Zeli, acompanhada da funcionária Marli Maciel, seu braço direito na fábrica;

Figura 09 - Dilmar Alvariza junto ao depósito das caixas com latas de compotas, prontas para expedição;

Figura 10 - Expedição de grande quantidade de caixas de latas de compotas em um mesmo caminhão;

Figuras 11 a 16 - Antigo prédio da fábrica, quando fora locado por uma pequena metalúrgica, em 2009;

Figuras 17 a 20 - Sítio onde ficava localizado o antigo prédio da fábrica, já demolido, avistando-se ainda apenas alguns vestígios de sua existência passada. Ano de 2010;

Figuras 21 a 24 - Instalação de um canteiro de obras no terreno, no ano de 2017.

Rótulos, demais fotografias, material publicitário e outros: Acervo Dilmar Cunha Alvariza.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS CANTARELLI	27
1.1.2. Razão Social: Icalda Indústria de Conservas Alimentícias Leon Ltda	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Giuseppe Mattea, 307.	Fragata (Distrito Ind.^{al})
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'55.06"S	2.2.2. Longitude: 52°23'8.58"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Joaquim Silveira Costa, Marcos Silveira Costa.	Início: 1964	Término: (em atividade)
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso original.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Os irmãos Joaquim e Leonardo Silveira Costa eram proprietários de um armazém de secos e molhados na Vila Hilda, no Fragata. Venderam o armazém e juntamente com a irmã Ladi Costa, adquiriram um terreno próximo, na Pç. Diogo Antônio Feijó, e começaram a construir a fábrica. Em 1962, com a fábrica pronta, fizeram a primeira **tachada de "Schmier"**. **No ano de 1964, um acidente na fábrica de conservas Cantarelli no Morro Redondo, quando ruiu o assoalho do depósito com 200 mil latas de compotas empilhadas que despencaram porão abaixo, causou grande prejuízo para a fábrica de conservas. Juntamente com algumas latas que sobraram inteiras, adquiriram a marca Cantarelli e mais alguns equipamentos, tonéis etc. Nesta data de 1964, começaram sua indústria conserveira. Em 1971, nasceu o filho da irmã, Ladi, e ela deixou a sociedade, mas a fábrica continuou produzindo suas compotas. Em 1974, adquiriram dois terrenos de 110m x 220m cada, no recém-inaugurado Distrito Industrial, começando a construção da fábrica por etapas. Em 1994, o irmão Leonardo deixou a sociedade, restando somente três sócios, Joaquim, Marcos, seu sobrinho, químico da empresa, e sua cunhada. Produziam de 3,5 a 4 milhões de latas, mas podiam ampliar a capacidade para 5 milhões de latas. No pico da safra, trabalhavam com 400 operários, mantendo pessoal fixo para escritório e manutenção, cerca de 25 pessoas. Trabalham com pêssego e figo. Em 1999 fizeram um pomar com cerca de 35 mil pés de pessegueiros no município de Piratini, de onde vem o pêssego para o processamento das compotas. Perguntado sobre a Associação Gaúcha dos Produtores de Pêssegos (AGPP), diz que a Associação não tem mais força, os tempos são outros. Para suas vendas, tem representantes em Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que fazem essa comercialização. Sobre a lata pequena e bojudinha de compota, esclarecem que em 2007 fez uma produção para testar a venda. **"Na época o setor estava eufórico e nós da indústria estávamos apostando nisso. Criamos a embalagem como lançamento de um produto diferenciado e de fato ele entrou bem no mercado. Nossa produção foi em torno de 300 mil latas anuais. O tipo de embalagem bojudinha chamava a atenção sendo de certa forma uma boa propaganda para a empresa. Porém, começamos a enfrentar problemas quando a Metalúrgica Bertol, de Passo Fundo, que produzia a embalagem litografada, desativou essa linha de produção. Desta forma, encerramos o processamento desta mini lata de compotas"**. Outro trabalho interessante da Icalda foi a compota em homenagem aos 200 anos da cidade de Pelotas, em 2012, com o rótulo Conservas Cantarelli mostrando o canto e parte das fachadas do Mercado Central de Pelotas, em preto e branco, com uma metade de um pêssego colorido. As conservas Cantarelli estão em plena atividade.**

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Por ocasião do bicentenário da cidade, a fábrica lançou um rótulo especial, comemorativo, em alusão à data. A criação artística é da artista plástica Maria Medeiros, sobre fotografia de Norma Alves.

6.1. Rótulos



Rótulo 01



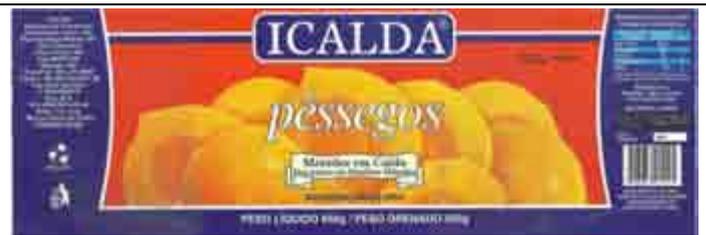
Rótulo 02



Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06



Rótulo 07



Rótulo 08



Rótulo 09

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02

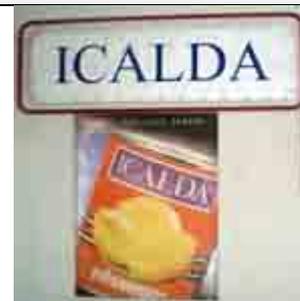


Figura 03



Figura 04



Figura 05

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Ladi Costa [proprietária; nascimento 1935]. Entrevista. Pelotas, 10 fev. 2010.

Joaquim Silveira Costa [proprietário; nascimento 1939]. Entrevistas. Pelotas, 17 fev. 2010 e 20 fev. 2015.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 01 e 02: do autor, 2010; Figura 04: Acervo Conservas Cantarelli. Fotografada pelo autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 e 02 - Começo da fábrica na Vila Hilda, Bairro Fragata;

Figura 03 - Novo prédio da fábrica, situado no Distrito Industrial, e edificado por etapas;

Figura 04 - Vista área do complexo fabril;

Figuras 05 a 08 - Estande da fábrica na Feira Nacional do Doce - FENADOCE;

Figuras 09 a 12 - Autoridades prestigiando cerimônia realizada no interior da fábrica, por ocasião da assinatura do contrato de financiamento da Reconvertul.

Material Publicitário: Figuras 01 a 03: do autor, 2017.

Rótulos, demais fotografias e material publicitário: Acervo Conservas Cantarelli.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

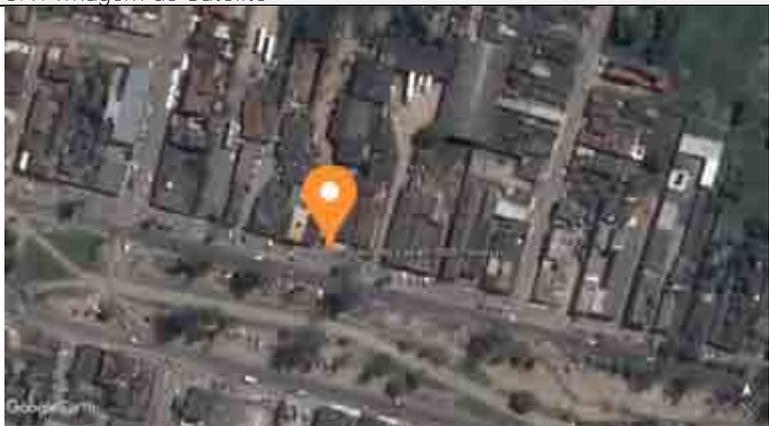
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CONSERVAS 3R	28
1.1.2. Razão Social: 3R Doces e Conservas Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 1028.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'18.39"S	2.2.2. Longitude: 52°23'18.26"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do(s) proprietário(s):	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Reneu Ribeiro Rodrigues	Início: 1964	Término: 2000
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechada/sem uso		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Reneu Ribeiro Rodrigues começou o fabrico de doces tendo como parceiro Leonardo Costa. Após dois anos de parceria, Leonardo decidiu trabalhar sozinho. Assim, em 1964, Reneu adquiriu uma propriedade de Luiz Macluff na Avenida Duque de Caxias, bairro Fragata, onde começou sua produção independente. Produzia pêssego cristalizado, passas de frutas, doces em caixinhas, geleias e, nos períodos de safra, compotas de pêssego, figo e abacaxi. Em seguida, adquiriu um terreno vizinho, que pertencia à sua tia Erminia, totalizando a área de 6.475m², sendo 35m de testada (frente) por 185m de fundos. Ali, edificou pavilhões. Em seu depoimento (2014), Reneu lembrou que, certa vez, o candidato a prefeito Francisco Louzada Alves da Fonseca (Prof. Chiquinho), estava visitando o bairro Fragata em campanha quando chegou na sua fábrica. Foi nessa época que estavam terminando os pavilhões nos fundos do terreno, ampliando a área da sua indústria. A denominação da fábrica veio do nome do proprietário, R. R. R. A produção começou com 6 mil latas, chegando a 10 mil por dia, trabalhando com 120 pessoas na safra, sendo a maioria mulheres. O pêssego vinha do Morro Redondo da localidade de Santo Amor – Família Natchigal – e da Colônia Maciel, de diversos produtores. Para alguns produtores menos capitalizados, era adiantado algum dinheiro para investimento no pomar. Os rótulos da fábrica eram criados e produzidos em Pelotas, pelo escritório Jack Ruben Promoções. Seus auxiliares mais diretos eram o filho Roger – mais velho – e a esposa Virgínia, que cuidava da parte do escritório: departamento pessoal, admissão, demissão, folha de pagamento etc. As vendas ficavam a cargo de um vendedor em Porto Alegre, Sr. Coelho, que representava algumas fábricas de Pelotas (Albino Neumann, Geraldo Bertoldi – GB – e outras). As compotas iam para atacados de uma forma geral e para a rede de supermercados Zaffari. O Sr. Coelho cuidava de tudo de forma bem séria e eficiente. Geralmente as cargas eram remetidas através de transportadoras, sendo a Transportadora Javali muito utilizada. Um dos problemas mais graves na década de 1960 era a água. Todos sabem da importância da água no processamento das compotas. É imprescindível a sua utilização durante todo o trabalho. Diariamente, durante a safra, o consumo é bastante elevado, pois a fruta, desde que entra na indústria, necessita estar sempre no elemento líquido para evitar danos. Até meados de 1968, havia sérios problemas de pressão, que geralmente coincidiam com período da safra de pêssegos, até porque esta ocorre no verão, quando o consumo é naturalmente maior. De uma forma geral, todas as agroindústrias se ressentiam deste problema crônico e, por vezes, eram socorridas pelos bombeiros, abriam poços artesianos ou buscavam outras alternativas, o que várias vezes aconteceu com as Conservas 3R. Quando a pressão baixava muito, o pessoal buscava água no Arroio Fragata. Enchiam vários tonéis e traziam com caminhonetes, e essa água era utilizada para o processo de pelagem do pêssego (descasque químico). Para cada 100 litros de água quente eram adicionados 3 kilos de soda cáustica, essa água também era utilizada após o expediente para a limpeza da fábrica. Porém, para o preparo da calda, era juntada água durante a noite inteira, em várias torneiras ligadas à rede pública. O problema foi sanado quando a ETA Santa Bárbara foi concluída, entrando em funcionamento após 1968. Perguntado ao Sr. Reneu como era a água, ele respondeu: **"a água era limpinha... era a mesma usada nas fábricas da Colônia"**...

A fábrica encerrou suas atividades no ano de 2000.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Reneu Ribeiro Rodrigues, além de ser um dos fundadores, foi presidente do Clube de Empresários do Fragata (CEFra).

6 - ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 -



Rótulo 02 -



Rótulo 03 -



Rótulo 04 -



Rótulo 05 -



Rótulo 06 -



Rótulo 07 -



Rótulo 08 -



Rótulo 09 -



Rótulo 10 -



Rótulo 11 -



Rótulo 12 -

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -



Figura 13 -



Figura 14 -



Figura 15 -



Figura 16 -



Figura 17 -



Figura 18 -

6.3. Material publicitário



6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

RODRIGUES, Reneu Ribeiro. **Compota não é doce?** In: Diário Popular [coluna Instantâneo]. Pelotas, 19 jul. 2008. p.02.
_____. **Marolinha**. In: Diário Popular [coluna Instantâneo]. Pelotas, 24 nov. 2009. p. 02.

7.2. Fontes orais

Reneu Ribeiro Rodrigues [proprietário; nascimento 1937]. Entrevista. Pelotas, 21 jan. 2014.
Virgínia da Silva Rodrigues [esposa do proprietário; nascimento 1940]. Entrevista. Pelotas, 05 jan. 2016.
Willy Gerhard Partzsch [industrial do ramo; nascimento 1924]. Entrevista. Pelotas, 02 out. 2012.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos: Acervo Reneu Ribeiro Rodrigues.

Fotografias: Figuras 01 a 07: Acervo Reneu Ribeiro Rodrigues; Figuras 08 a 16: autoria de Marilei Garcia, 2017; Figuras 17 e 18: do autor.

Legenda das Fotografias (Item 6.2):

- Figura 01 - Primórdios da fábrica de conservas 3R: instalação de uma caldeira;
- Figura 02 - Recepção de pêssego na fábrica;
- Figura 03 - Classificação do pêssego;
- Figura 04 - Colocação do pêssego - em metades - nas latas;
- Figura 05 - Fechamento das latas e colocação nos cestos metálicos;
- Figura 06 - Depósito de latas brancas, para aguardar rotulagem;
- Figura 07 - Rotulagem das latas;
- Figura 08 - Vista externa de uma fachada lateral de um dos pavilhões da fábrica;
- Figura 09 a 11 - Vista interna do pavilhão de processamento das compotas de pêssego, vendo-se as paredes azulejadas;
- Figura 12 - Vista da residência da família de Reneu Ribeiro Rodrigues, sita no mesmo terreno da fábrica;
- Figuras 13 a 15 - Demais prédios também utilizados pela fábrica;
- Figura 16 - Antiga recravadeira manual, atualmente em exposição na área externa da fábrica;
- Figura 17 - Caixa plástica para transporte de pêssego, com o timbre da fábrica;
- Figura 18 - Marcador metálico em ferro forjado, com a logomarca da fábrica, usado para marcar caixas de madeira.

Outros: Acervo do autor.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

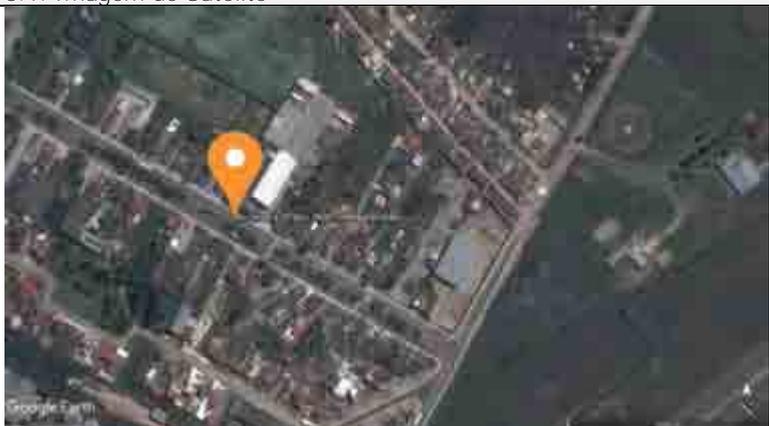
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: MANTA	29
1.1.2. Razão Social: Salvador Moreira, Manta & Cia. Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Assis Brasil, 606.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'9.10"S	2.2.2. Longitude: 52°20'18.32"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
João Rodrigues Manta	Início: 1964	Término: 1983
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso fabril (razão social distinta).		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

João Rodrigues Manta, português radicado em Pelotas, do ramo hoteleiro (na época o Estoril Hotel), possuía alguns terrenos na zona norte da cidade, no Bairro Três Vendas, Avenida Assis Brasil, nº 606, próximo ao aeroporto, onde mantinha, nos fundos, uma criação de porcos para consumo no restaurante do hotel. Também funcionava no terreno, na parte da frente, uma lavanderia para atender ao hotel (roupas de cama e toalhas). Essa era uma região pouco povoada e, segundo Dario Timm, existia muitos tambos de leite e hortas que atendiam a população dos arredores. João Rodrigues Manta convidou dois patrícios, Manoel Salvador de Souza Moreira e José Varella Ferreira, para trabalhar em sociedade no ramo conserveiro. Ajustados, começaram a construção da fábrica nos terrenos da Manta em 1963. Em 1964 a fábrica fez a sua primeira safra. Dario Timm começou com a fábrica em 1964, comentou que na safra era muita gente a trabalhar, na sua grande maioria mulheres, vindas da Vila Santa Terezinha, dos Trilhos Velhos (estrada de ferro construída pelos franceses) e até do bairro Fátima. Como a fábrica virava toda a noite, das 19 às 7h, muitos trabalhadores do turno da noite vinham de charrete e soltavam os cavalos que ficavam pastando até o outro dia pela manhã, hora de ir embora. Trabalhavam muitas pessoas vindas da zona rural e também seus filhos, pois bastava um mês de trabalho registrado, para que a pessoa fizesse jus ao INPS por um ano, com acesso a médico e consultas. Do começo da fábrica até 1976, quem cuidava do pessoal era o Dr. Francisco Goebel. Era comum o trabalho de menores na fábrica, desde que acompanhados por um trabalhador adulto. Quanto às mulheres, Drª Suely era a encarregada das operárias. Passavam o ano todo produzindo caixinhas de madeira para embalar os doces de melancia, abóbora e de pêssego, inclusive compravam da Cica grande quantidade de retalhos de pêssego para fazer esse doce. Também faziam compota com pêssego inteiro, miúdo e com caroço. Vendiam toda a produção desse pêssego e as caixinhas de doces para o grupo Pão de Açúcar. Segundo Dario Timm, as empresas compravam para fazerem cestas de natal e presentear seus clientes. Em 1975, Varella deixou a sociedade, mesmo assim, a safra 75/76 foi industrializada, no ano seguinte foi feito um convite a José Serra para entrar na sociedade. Mesmo há pouco tempo no Brasil e sem ter nenhuma experiência com o setor conserveiro, ele aceitou o convite. Em 1977, Salvador Moreira saiu da sociedade, ficando Manta e Serra, que buscaram um novo integrante para a sociedade. João Manta convidou um ex-funcionário da Pepsi Cola, Ornélio Müller, que aceitou o convite. Desta forma, a nova sociedade ficou assim constituída: parte industrial com José Serra, parte de finanças com Ornélio Müller e parte de capital com João Rodrigues Manta. Fora da safra, permaneciam com um grupo muito pequeno de funcionários, o pessoal do escritório e alguns funcionários para atender reparos e melhorias. A produção, no seu auge, chegou a 1 milhão de latas, inclusive a fábrica recebeu um diploma que lhe foi outorgado na Califórnia, EUA. Para vendas, tinham representantes no Rio de Janeiro (Casas Sendas), São Paulo e no Rio Grande do Sul. Remetiam para várias cidades usando a transportadora Mayer. Em 1983 acabaram com a sociedade, vendendo a fábrica para Uberto Sell.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Zelma Vergara de Mattos [viúva do ex-funcionário Ubirajara Coimbra de Mattos; nascimento 1934]. Entrevista. Pelotas, 03 fev. 2010.

José Serra [ex-sócio; nascimento 1944]. Entrevista. Pelotas, 28 mai. 2014.

José Firmino Machado dos Santos [ex-funcionário; nascimento 1957]. Entrevista. Pelotas, 22 nov. 2016.

Dário Timm [ex-funcionário; nascimento 1944]. Entrevista. Pelotas, 21 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 01 e 02: Acervo Zelma Vergara de Mattos; Figuras 03 a 05: do autor, 2013; Figuras 06 e atual: Marilei Garcia.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Começo da fábrica Manta. Ao centro da imagem, segurando uma placa, o senhor Ubirajara Mattos, conhecedor do setor conserveiro;

Figura 02 - Depósitos de caixas de madeira com o timbre da fábrica;

Figuras 03 a 05 - Vistas das fachadas principal e lateral da fábrica no ano de 2013;

Figura 06 - Aspecto atual (2017) das instalações outrora ocupadas pela fábrica Manta.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

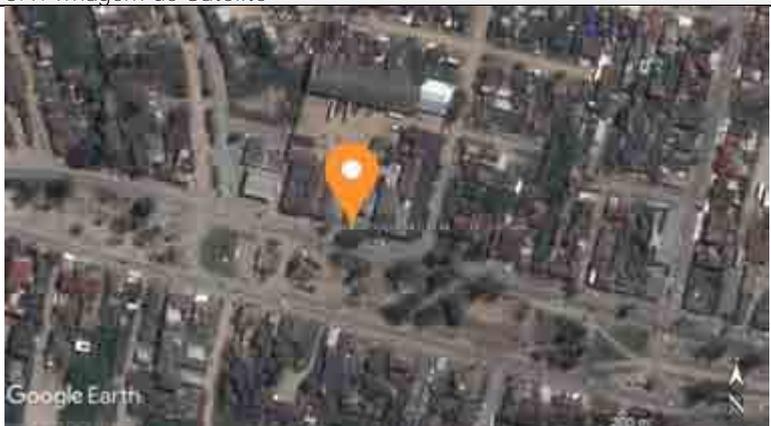
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SHELBY	30
1.1.2. Razão Social: Shelby Indústria de Conservas Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 1124.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'15.69"S	2.2.2. Longitude: 52°23'30.81"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Luiz Carlos Zanotta	Início: 1964	Término: em atividade
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Oficina mecânica, casa de baile, entre outros (sofreu desmembramento)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

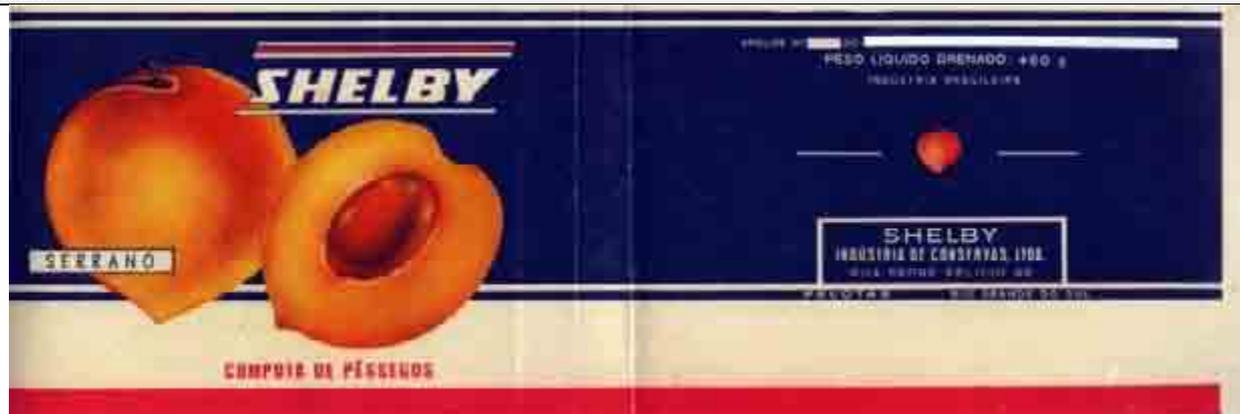
Fundada por Luiz Carlos Zanotta em 1964. Conforme o depoimento do atual proprietário, o nome foi dado por seu pai, Luiz Carlos, em virtude de uma viagem que fizera aos Estados Unidos da América, quando então conheceu o nome, que seria o nome de uma cidade norte-americana, o qual muito lhe agradara. Luiz teria então manifestado o interesse de utilizar esse nome quando tivesse uma fábrica de compotas, o que veio a acontecer. A fábrica Shelby nunca possuiu prédio próprio. Funcionou sempre em prédios alugados de outras fábricas, tanto na zona urbana, quanto na zona rural (incluindo municípios vizinhos) para processar seu pêssego, conforme a seguinte cronologia:

- o Anos de 1964, 1965 e 1966: antigas instalações de Willi G. Partzsch (Bairro Fragata, Pelotas);
- o Ano de 1967: antiga fábrica de Alfredo Timm (Bairro Três Vendas, Pelotas);
- o Anos de 1968, 1969 e 1970: antiga fábrica de Horlando Böhm (zona rural de Canguçu);
- o Ano de 1971: antigas instalações da M. G. Oliveira (conhecida como a Fábrica do General) (Monte Bonito, zona rural de Pelotas);
- o Do ano de 1972 ao ano de 1996: antigas instalações da fábrica Ardea (Monte Bonito, zona rural de Pelotas);
- o Ano de 1997: fábrica de Humberto Sell (Avenida Assis Brasil, Pelotas);
- o Ano de 1998: antigas instalações das Conservas Almeida (Bairro Fragata, Pelotas);
- o Do ano de 1999 à atualidade: zona urbana de Capão do Leão.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 –



Rótulo 02 -

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -

6.3. Material publicitário

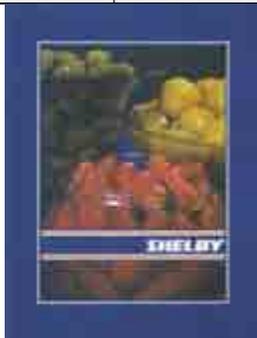


Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 - REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Amílcar Zanotta [filho do fundador; atual proprietário; nascimento 1965]. Entrevista. Pelotas, 18 ago. 2009.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulo, fotografias e material publicitário: Acervo Willy Gerhard Partzsch.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 e 02 - Local onde começou a funcionar a fábrica de conservas Shelby, na Av. Pinheiro Machado, 1149. O endereço é o mesmo onde a fábrica Wipa iniciou suas atividades.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

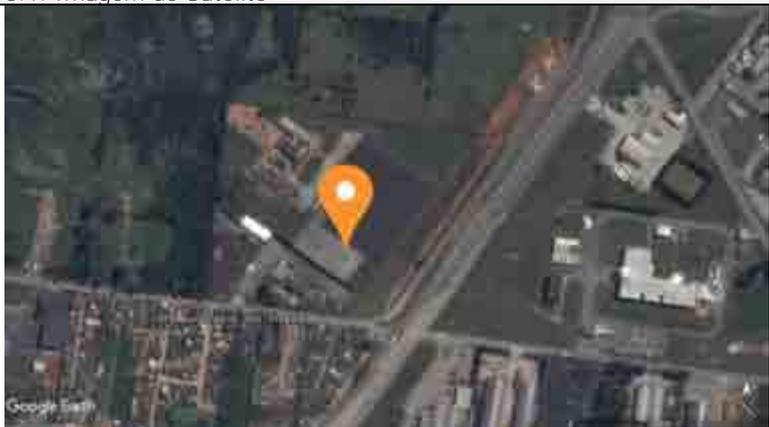
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: VEGA	31
1.1.2. Razão Social: J. Alves Veríssimo S/A Ind. Com. Imp.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Lauro Ribeiro, 106.	Fragata (Distrito Ind.^{al})
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'49.16"S	2.2.2. Longitude: 52°23'28.10"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
J. Alves Veríssimo; Adelino Alves Veríssimo; J. Alves Veríssimo Filho	Início: 1964	Término: 2005

4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Em atividade/ parcialmente desativada

4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas

A empresa era uma grande atacadista em São Paulo, capital. Em 1964 mandaram a Pelotas Armindo Fonseca, químico e funcionário, para sondar o mercado das conservas de frutas. Acertado o negócio, a Vega chegou para a safra de 1965, instalando-se na fábrica de Albino Saalfeld, na localidade de Ponte Cordeiro de Farias – 5º Distrito de Pelotas, sob forma de contrato, começando a produzir as primeiras compotas Vega em Pelotas. Na safra de 1966, continuando a parceria, passou a fazer investimentos e melhorias na fábrica de Saalfeld. Em 1967 a empresa alugou por um ano as fábricas das redondezas: Red Indian e Delrio, da localidade da Ponte Cordeiro de Farias; a do General, da localidade de Monte Bonito – 9º Distrito de Pelotas; e a Conservas Alva, da zona urbana de Pelotas. Em 1973 ficou pronta a nova fábrica, construída no Distrito Industrial, às margens da BR 116. O pêssego sempre foi o produto mais importante da Vega, mas trabalhavam também com figo, goiaba, morango, pera, abacaxi e geleias em geral, além da ervilha, pepino, aspargo, palmito e picles. Em São Paulo o grupo Vega possuía uma rede de supermercados de nome "Eldorado". Algumas vezes as compotas eram embaladas com o rótulo compotas EL DORO, para serem comercializadas pela própria rede. Toda a produção era transportada para São Paulo e de lá distribuída entre os atacados que mantinham em várias capitais, para que fosse comercializada pela rede de supermercados que também pertencia à empresa. Possuía produtores de pêssegos previamente acordados, para os quais repassavam adiantamento financeiro para cuidar do pomar. Posteriormente, no acerto da safra, era feito o devido desconto sem juros ou custo adicional. Essa era a política da empresa. O açúcar era adquirido diretamente em São Paulo e a lata, no início era da Metalúrgica Guerreiro, posteriormente, compravam diretamente em São Paulo das Metalúrgicas Prado, Camco e Matarazzo.

A empresa operou em Pelotas, no ramo de conservas, até 2005, quando fechou as portas. O paulista Raimundo Dinelly, ex-funcionário da VEGA, que era empregado do setor administrativo da matriz, veio lotado especialmente para exercer a função de comprador de matéria prima (frutas) na unidade fabril pelotense, cujo início se deu na zona colonial do município. Segundo seu relato (2017) sobre o período de instalação da fábrica – transferida para o Distrito Industrial nos meses de maio e junho de 1973 –, apesar da mudança de local, os funcionários oriundos da zona rural continuavam a ser preferidos, pela sua eficiência comprovada no "descaroçamento" e na "limpeza" (retirada de rebarbas) do pêssego. No caso da VEGA, Raimundo conta que os funcionários oriundos da zona rural provinham das localidades de Ponte Cordeiro de Farias (onde originalmente estava situada a unidade fabril da VEGA em Pelotas), Monte Bonito e Rincão dos Maias (divisa com o município de Canguçu). Estes safristas eram transportados em dois ônibus e em caminhões adaptados (dotados de toldo e bancos na carroceria). Os veículos partiam do Rincão dos Maias (ponto mais distante) cedo pela manhã, e vinham apanhando os funcionários ao longo do caminho até a fábrica. À tardinha era feito o caminho inverso. Com o passar do tempo, os funcionários da zona rural foram sendo substituídos por trabalhadores urbanos, o que representava uma economia à empresa, em relação ao transporte. Em função da alta demanda por trabalhadores no auge da safra, cada fábrica buscava oferecer um "algo a mais" ao seu funcionário, visando mantê-lo em seus quadros. Raimundo relata que, por conta de a fábrica ter funcionários residindo de forma dispersa na zona urbana, eram definidos pontos de encontro (paradas). Estes pontos eram localizados na zona norte da cidade – Vila Princesa, Sítio Floresta, Lindóia, e 'Terras Altas' (final da Av. Fernando Osório, ao norte) – e também a oeste, no bairro Fragata – Av. Pinheiro Machado e Guabirola. Sobre o ponto de parada da Av. Pinheiro Machado, Raimundo destaca que se tratava de um dos mais importantes. Ficava junto a uma casa de comércio (armazém) chamada "Ao Cavalheiro", de propriedade da família da Sr.^a Nilza Cavalheiro. O local, situado no encontro da Av. Pinheiro Machado com atual Rua Carlos Gotuzzo Giacoboni, "era muito conhecido no Bairro Fragata, sendo referido por todos como "armazém dos Cavalheiro" (ver Figura 142 do Capítulo IV da tese).

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Raimundo Dinelly conta também (2017) que, no pico da safra de pêssego, a matriz paulista enviava funcionários de Marília (São Paulo) e de Maringá e Cornélio Procópio (Paraná) para atuarem nas funções de supervisão. Estes funcionários ficavam aqui hospedados nos hotéis Curi e Manta.

Ainda segundo Dinelly, os equipamentos utilizados no endereço definitivo, no Distrito Industrial, eram máquinas novas, tendo sido aproveitado muito pouco do maquinário utilizado na antiga sede rural.

Conforme relato de Uberto Sell (2011), o químico português Armindo Fonseca, profundo conhecedor da lógica funcional de uma planta fabril de conservas, e que já trabalhara na implantação da sede colonial da empresa, foi o responsável pela implantação e distribuição (*layout*) do maquinário da fábrica, quando de sua transferência para o Distrito Industrial. Segundo enfatizou Sell, **Armindo trabalhou por três dias e três noites de forma ininterrupta na "fábrica nova", procurando o melhor arranjo dos equipamentos na planta.**

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 -



Rótulo 02 -

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

EUSTÁQUIO, João; PINHO, Hamilton de. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro: Bloch Editores. Suplemento especial do n. 1073, out. 1972.

Revista Manchete. Rio de Janeiro: Bloch Editores. Nº 1391. 16 dez. 1978. p.19.

Histórico do Grupo J. Alves Veríssimo [impressão de apresentação digital]. **I Convenção de representantes de vendas - VEGA**. Pelotas: s/ed., out/1989.

REVISTA BRASIL ALIMENTOS. nº 9 (Julho/Agosto). São Paulo: Signus Editora, 2001. Disponível em: <<http://www.signuseditora.com.br/ba/pdf/09/09%20-%20Vega.pdf>>. Acesso em 06 fev. 2017.

7.2. Fontes orais

Raimundo Dinelly [ex-funcionário; nascimento 1935]. Entrevistas. Pelotas, 10 dez. 2008 e 16 jan. 2017.

Uberto Sell [industrial do ramo; nascimento 1941]. Entrevista. Pelotas, 13 jun. 2011.

Carlos Alberto Faria [ex-funcionário; nascimento 1948]. Entrevista. Pelotas, 12 mar. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura 01: Grupo de safristas do ano de 1980. Acervo Seleida da Rosa Garcia; Demais fotografias do autor (Figuras 03 e 04 capturadas em maio de 2010; Figuras 05 a 26 capturadas em janeiro de 2017).

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Grupo de safristas, fotografados pouco antes de começarem a jornada na fábrica (1980);

Figuras 02 e 03 - Vistas externas da fábrica;

Figuras 04 a 19 - Aspectos do interior do complexo da VEGA;

Figura 20 - Pilha de caroços de pêssego, acumulada ao final de uma safra;

Figura 21 - Imagem de Nossa Senhora de Fátima existente no pátio interno da fábrica;

Figuras 22 e 23 - **Vistas da torre da caixa d'água, na qual está inscrito o logotipo da fábrica;**

Figura 24 - Logotipo dos produtos VEGA;

Figuras 25 e 26 - Caixa plástica para transporte de pêssego, com o timbre da fábrica.

Rótulos: Acervo Raimundo Dinelly.

Material publicitário: Figuras 01 a 14: Acervo VEGA (fotografado pelo autor, 2017); Figuras 15 e 16: reprodução da Revista Brasil Alimentos (2001); Figura 17: reprodução da Revista Manchete (1972); Figura 18: reprodução da Revista Manchete (1978).

Outros: **Diário Popular**. 16 set. 2016. p.10.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

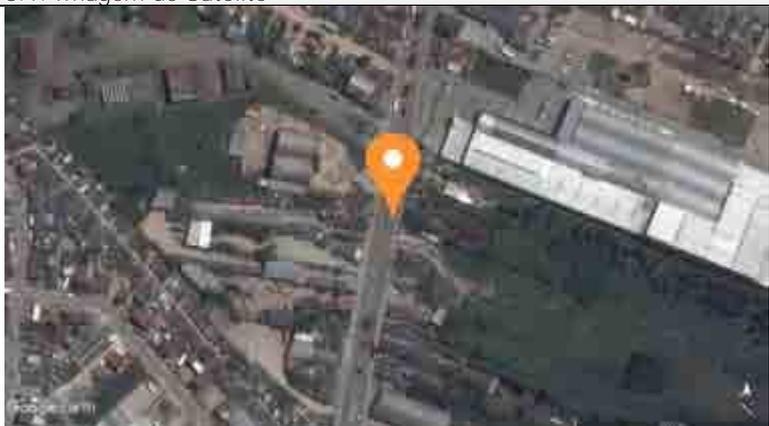
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SÓRIA	32
1.1.2. Razão Social: Sória Indústria de Conservas Alimentícias Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 4708.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'36.21"S	2.2.2. Longitude: 52°20'28.00"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
José de Freitas, Joaquim de Freitas; Paulo Eduardo B. Soares	Início: 1970	Término: 1978
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/Sem uso		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

José de Freitas trabalhou, no final dos anos 50, na fábrica de conservas Ardéa, localizada no Monte Bonito – 9º Distrito de Pelotas, juntamente com Hugo Poetsch, um entusiasta do setor conserveiro, tendo aprendido muita coisa sobre compotas. Passado algum tempo, convidou o irmão, Joaquim de Freitas, e um amigo, o advogado Paulo Eduardo Brenner Soares, para fazerem uma sociedade e trabalharem no ramo da compota de fruta. Assim, em 1970 nasceu a conservas Soria, instalada em um prédio dos irmãos Freitas, na avenida Fernando Osório, nº 4708. O nome "Soria", segundo o entrevistado, se originou na composição dos nomes de um dos sócios e das esposas: as letras "SO" de sobrenome Soares de Paulo Brenner, as letras "RIA" dos nomes das esposas, Maria Amália (esposa de José) e Maria José (esposa de Joaquim) e no nome SORIA, não havia acento na letra "O" e sim uma *coroinha*. As confraternizações com fornecedores após o término da safra eram feitas na cidade, no prédio do escritório da fábrica que ficava na rua Marechal Floriano nº 178, ao lado do antigo supermercado Xavier, quase esquina Gal. Osório. Trabalhavam processando aspargos e pêssegos (sempre a maior safra). José cuidava da parte técnica/produção, Joaquim da parte comercial e Paulo da parte administrativa. Três anos depois do começo da fábrica, o sócio Paulo Brenner Soares deixou a sociedade por motivos profissionais, ficando os irmãos José e Joaquim tocando a fábrica até 1978, quando a Soria suspendeu as atividades. Nesse mesmo ano, alugou suas instalações para a Indústria de Alimentos Carlos de Brito S/A, empresa pernambucana de Taquaritinga, que trabalhava com a marca Peixe atomatados e conservas em geral. Em 1981 ou 1982, o entrevistado não lembra com exatidão, a Peixe encerrou o contrato com os irmãos José e Joaquim e foi embora. Os irmãos desfizeram a sociedade e venderam o prédio da Soria na Av. Fernando Osório.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Joaquim Baptista de Freitas relatou ainda (2017) que seu pai, Joaquim, tinha começado no Capão do Leão uma atividade com cogumelos, mas que resolveu desistir. Como já tinha esse prédio, resolveu fazer uma nova sociedade com um ex-funcionário, que tinha ficado trabalhando na Peixe, Sr. Rodinei, e reabriu a Soria no Capão do Leão em 1982, no processamento de compotas, nos dois pavilhões existentes. Em 1987, entrou na sociedade o entrevistado Joaquim Baptista de Freitas, ficando assim constituída: Joaquim de Freitas, Rodinei, e Joaquim Baptista de Freitas (o filho). Em 1990, faleceu o pai (Joaquim de Freitas) e suas cotas na sociedade passaram para o filho (Joaquim Baptista), continuaram a sociedade Rodinei com uma cota e Joaquim Baptista com duas cotas. Esse trabalho continuou no Capão do Leão até fecharem as portas em 1994.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -



Figura 13 -



Figura 14 -



Figura 15 -



Figura 16 -

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Rodinei Manfrin da Costa [ex-funcionário; contador da fábrica; nascimento 1950]. Entrevista. Pelotas, 22 abr. 2014.
Joaquim Baptista de Freitas [filho do proprietário; ex-funcionário; nascimento 1967]. Entrevistas. Pelotas, 18 jun. 2014 e 09 fev. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 01 a 11: Acervo Joaquim Baptista de Freitas; Figuras 12 a 16 e atual: do autor, 2014.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Prédio que marcou o começo da Sória, com endereço na Av. Fernando Osório;

Figura 02 - Pavilhão externo;

Figuras 03 e 04 - Equipamentos na área de processamento das compotas;

Figura 05 - **Propaganda da "Peixe", empresa pernambucana que arrendou as instalações da Sória;**

Figuras 06 e 07 - Mão de obra feminina em plena atividade na produção;

Figura 08 - **Mulheres trabalhando nas "recravadeiras", máquinas nas quais era realizado o fechamento das latas;**

Figura 09 - Trabalho nos autoclaves da fábrica, em ambiente permanentemente molhado, úmido;

Figura 10 - Rotulagem das latas de compotas;

Figura 11 - Confraternização entre produtores de pêssego e proprietários da Sória, por ocasião do encerramento da safra;

Figuras 12 a 16 - Vistas recentes (2014) do prédio onde funcionou a fábrica Sória, na Av. Fernando Osório, Bairro Três Vendas.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

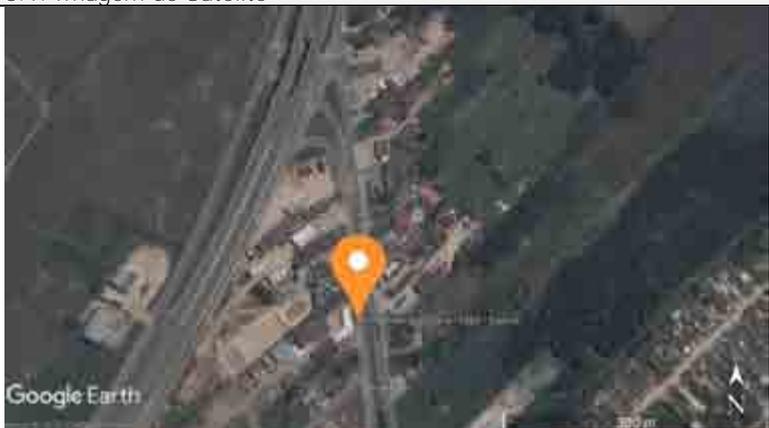
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: MELLO	33
1.1.2. Razão Social: Indústria de Conservas Mello	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 7835.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°40'53.77"S	2.2.2. Longitude: 52°20'29.87"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Antonio Julio de Mello	Início: 1970	Término: 1988
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Sem uso/ fechado.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Descendente de portugueses, Antônio Júlio de Mello era agrônomo e funcionário público, no município de Piratini-RS, onde trabalhava com fomento agrícola no posto Agropecuário daquela cidade. Seu pai, Alfredo Mello foi dono de um engenho de arroz (Arrozeira Chasqueiro), localizado na Av. Saldanha Marinho em Pelotas, juntamente com os filhos, que plantavam arroz no município de Arroio Grande. Em meados da década de 1960, Antônio Júlio de Mello largou o emprego público na cidade de Piratini, para trabalhar com arroz junto ao pai e aos irmãos, na cidade de Pedro Osório. Em 1970, Antônio Mello arrendou a fábrica de compotas dos Irmãos Souto em Pelotas, na Av. Fernando Osório. Em seguida, adquiriu aquele prédio. Em 1974, Antonio, juntamente com seu filho mais velho, Francisco Julio de Mello Neto, começou a tocar a fábrica de compotas. Durante a década de 1970, a fábrica prosperou, acompanhando o desenvolvimento do setor. No pico da safra, trabalhavam com 300 a 400 operárias. Processavam principalmente pêssego, bem como aspargo e figo que vinham da zona rural de Pelotas, além de abacaxi oriundo dos estados de Minas Gerais e da Paraíba. Tinha um encarregado do controle do pessoal e que era o "braço direito da fábrica" – Rudi Matties, também responsável pelo segredo do preparo da calda para as compotas. Em depoimento (2013), Francisco Julio de Mello Neto disse não ter saudades da década de 1980, pois a vê como o começo do declínio e da descapitalização do setor conserveiro. **Em suas palavras, "as grandes fábricas cresceram na cidade enquanto que as pequenas foram para o sacrifício: depois chegou a vez das grandes".** Para ele, as várias crises enfrentadas, somadas à implantação do plano real, "pegaram a todos mal", por causa do alto custo do dinheiro e a falta de capital de giro. Francisco afirmou, de forma contundente que, quando a maioria das fábricas começaram a fechar na cidade, em nenhum momento a municipalidade manifestou sua preocupação de forma concreta com a situação, somente em discursos. "Em 1988 fechamos as portas, pela situação que cada vez mais se agravava". A ex-funcionária Anna Maria Rodrigues Teixeira, em seu relato (2013), contou que trabalhou na Mello pelo período de 15 safras, tendo começado no ano de 1973. Segundo ela, os funcionários eram todos safristas, alguns, como em seu caso, empregados de setembro a maio para atender as safras de aspargo, pêssego, abacaxi e milho ("fazia mais de uma safra"), e também proceder a rotulagem.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Em 1982, a Mello participou, com estande, da 1ª Feira da Alimentação e Desenvolvimento do Extremo Sul (FAESUL), de 8 a 16 de maio daquele ano, no prédio (ainda não inaugurado) da nova Rodoviária em Pelotas.

Anna Maria Rodrigues Teixeira (2013) contou ainda que a alimentação era por conta dos próprios funcionários, que tinham de trazer seu almoço e café. Antes da construção do refeitório, era usual aquecer o almoço nas brasas da caldeira.

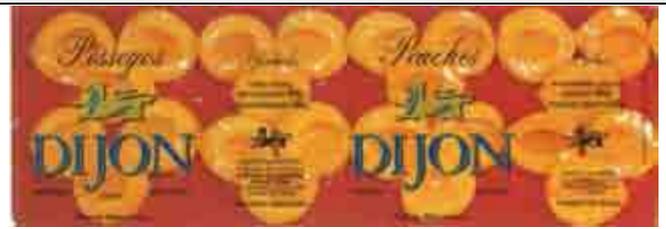
Ubirajara Martins (2017) teve contato com as Conservas Mello ainda quando estagiário do curso de Administração da Universidade Católica de Pelotas. Atuou como funcionário da área comercial e de marketing da fábrica, funções que desempenhou por longa data, também em outras empresas. Sua relação com o setor conserveiro é íntima, advinda da relação familiar. Seu avô e seu pai tiveram indústria de compotas no município de Rosário do Sul, daí seu conhecimento na área, também. "Bira", como é conhecido, trabalhou na fábrica dos Mello de 1976 a 1981.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01



Rótulo 02

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

TAVARES, Jacqueline Marques. **A indústria conserveira pelotense**: ascensão e declínio. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

7.2. Fontes orais

Glecy Mello [viúva do proprietário; nascimento 1931]. Entrevista. Pelotas, 23 abr. 2010.
Francisco Julio de Mello Neto [filho do proprietário; ex-funcionário; nascimento 1951]. Entrevista. Pelotas, 10 abr. 2013.
Anna Maria Rodrigues Teixeira [ex-funcionária; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 01 out. 2013.
Rudi Matties [ex-funcionário; nascimento 1936]. Entrevista. Pelotas, 30 set. 2013.
Ubirajara Martins [ex-funcionário; nascimento 1957]. Entrevista. Pelotas, 16 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos: Acervo Família Mello.

Fotografias: Fotografia atual: autoria de Mariléi Garcia, 2017; Figura 01: Acervo Luiz de Oliveira Souto; Figuras 02 a 05: Acervo Glecy Mello; Figuras 06 a 15: Darci Ávila Ferreira.

Legenda das Fotografias (Item 6.2):

Figura 01 - Fachada da fábrica, recém-adquirida dos irmãos Souto;

Figuras 02 a 04 - Estande da fábrica durante a 1ª Feira da Alimentação e Desenvolvimento do Extremo Sul (FAESUL) de 08 a 16 de maio de 1982, sediada no novo prédio da Rodoviária de Pelotas (ainda inacabado).

Figura 05 - Antônio Júlio de Mello na 1ª Feira da Alimentação e Desenvolvimento do Extremo Sul (FAESUL) recebendo visitantes em seu estande (vereador de Pelotas José Karini, e funcionários da embaixada de um país do norte africano).

Figuras 06 a 15 - Registros de evento que reuniu diversos industriais do ramo conserveiro de Pelotas, inclusive Antônio Júlio de Mello.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

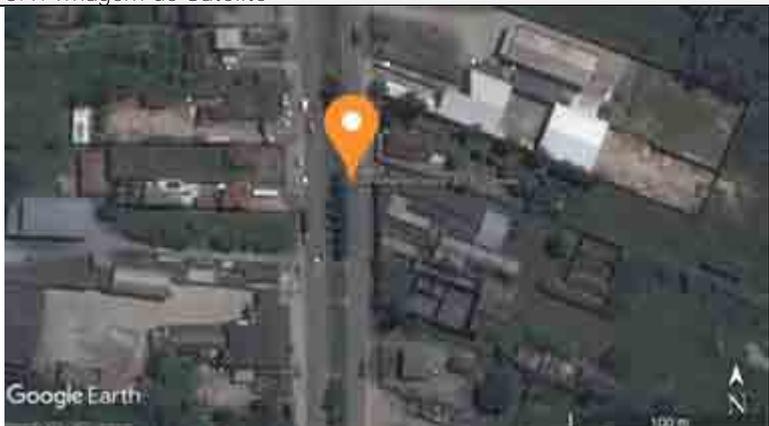
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: ABEL	34
1.1.2. Razão Social: S. A. Abel Dourado Indústrias Alimentícias	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 6316.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'43.42"S	2.2.2. Longitude: 52°20'22.03"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Abel Dourado	Início: 1971	Término: 1986
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Em arruinação.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Abel Dourado S/A, era uma fábrica da cidade de Rio Grande, desde o início da década de 1950. Proprietária de barcos, trabalhava com pescado. Em 1971, adquiriu, em Pelotas, a fábrica de Augusto Garlich – Conservas Pelotense –, situada na Av. Fernando Osório, 6316. Quando veio para Pelotas, Abel Dourado deixou seu filho Abelzinho administrando as atividades de pesca e a fábrica em Rio Grande. Em 1974, quando o entrevistado foi admitido na filial de Pelotas, Abel Dourado, patrão educado e atencioso com os funcionários, era auxiliado por Dr^a. Suely, que cuidava das finanças, e Glênio, do setor de contabilidade. O entrevistado, Joel Radtke, acadêmico da UCPEL, assumiu o setor de pessoal. Na época da safra, trabalhavam cerca de 350 safristas, principalmente na safra do pêssego, o carro-chefe. Vinha gente da Vila Santa Terezinha, Sítio Floresta e muita gente do corredor do Pestano e da Sanga Funda. Passado o pêssego, começavam as demissões. A fábrica processava também abacaxi, figo, morango e pouca coisa de peixe e camarão. O trabalho com o pescado era uma tradição da matriz em Rio Grande. No pico da safra, os horários eram das 7h às 19h e das 19h às 7h. Passado esse período, ficavam na fábrica os funcionários permanentes: escritório (financeiro, contabilidade, pessoal e manutenção) e Sr. Abel Dourado, cuidando do mercado para as vendas, totalizando cerca de doze pessoas. O pêssego era oriundo da zona rural de Pelotas. Para trazer a matéria-prima, já previamente ajustados, caminhões da firma buscavam o pêssego nos fornecedores e, quando aumentava essa atividade, **"puxadores" de pêssego eram contratados pela empresa**. Também contratavam serviços de terceiros para enlatarem por comissão, como por exemplo a fábrica de Ernesto Ney, na localidade de Vila Nova, 7º Distrito de Pelotas. Quem tinha posto de chefia também se envolvia bastante, pois aumentava o pessoal a trabalhar e problemas apareciam. Joel contou que num desses períodos, dormia uma noite sim outra não. Os equipamentos da fábrica eram bastante manuais, por exemplo, as recravadeiras (fechavam latas), eram com pedais. Não havia, na época, **tratamento de resíduos, a água com soda que "pelava" o pêssego ia** para os fundos da fábrica e corria para um "valetão", onde parte infiltrava e o resto escorria evaporando pelas altas temperaturas de verão. Os caroços eram depositados nos fundos do terreno e iam se acumulando. Ele relatou que uma vez esteve na fábrica um pessoal da Carvoativ de Porto Alegre, empresa que trabalha com carvão ativado, utilizado em filtros de água, e carregaram todos os caroços através da empresa de transportes Tegon Valenti. A empresa possuía duas câmaras frias e uma de congelamento (-30°C) para a polpa de pêssego e morango comercializados com a Nestlé. Em 1974, o entrevistado participou, no Centro das Indústrias de Pelotas, de uma reunião para se discutir o preço do kilo do pêssego. Presentes na reunião estavam o Sindicato dos Doces e Conservas, a Associação Gaúcha dos Produtores de Pêssego, indústrias conserveiras, representantes da Prefeitura e um padre da Colônia. Era uma briga e não se chegava a um denominador comum, enquanto o **pêssego sendo "apanhado" e entregue nas fábricas, não pode esperar**, tem que ser industrializado, se não é perdido. E assim seguiam as reuniões: por vezes a safra já tinha acabado e o preço ainda não tinha sido fixado, o que levava a um desgaste ambos os lados.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

As câmaras frias eram usadas somente para resfriar a fruta (1 ou 2°C), enquanto esperava para ser processada.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01

6.3. Material publicitário



Figura 01

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

MARTINS, C. A. A. **Indústria de pesca no Brasil**: o uso do território por empresas de enlatamento. Tese de doutorado em Geografia. Florianópolis: UFSC, 2006. 245 p.

7.2. Fontes orais

Abel Abreu Dourado [filho do proprietário; nascimento 1942]. Entrevistas. Pelotas, 09 fev. 2010 e 02 mai. 2015.

Wandir Ney [filho de prestador de serviço, Ernesto Ney (enlatava por comissão); nascimento 1951]. Entrevista. Pelotas, 27 out. 2008.

Joel Radtke [ex-funcionário; nascimento 1952]. Entrevista. Pelotas, 05 mar. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura 01: Confraternização de industriais do ramo conserveiro, entre outros (aprox. 1972). Abel Abreu Dourado está de terno escuro, ao centro da foto. Acervo Darci Ávila Ferreira.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Confraternização de industriais do ramo conserveiro (aprox. 1972). Ao centro, Abel Abreu Dourado (terno escuro), acompanhado de Antônio Júlio de Mello, entre outros.

Material publicitário: Figura 01: reprodução de Martins (2006).

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

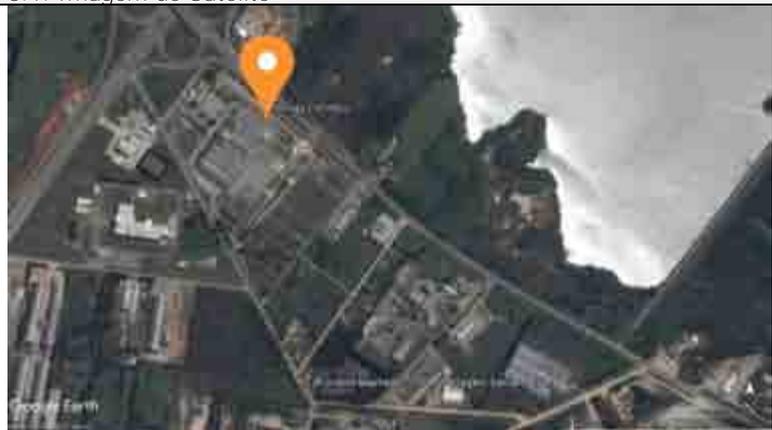
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CICASUL	35
1.1.2. Razão Social: Indústria de Conservas Alimentícias CICASUL S/A.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Pinheiro Machado, 3390/BR - 116	Fragata (Distrito Ind.^{al})
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'41.81"S	2.2.2. Longitude: 52°22'55.98"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Corporação Bonfiglioli	Início: 1971	Término: 1990
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Centro de Eventos (Fenadoce, concertos etc.)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

É preciso frisar que o setor conserveiro, a indústria de compotas de pêssego, estava no auge, Pelotas produzia cerca de 30 milhões de latas, no começo da década de 1970. A CICA começou com a instalação de dois pomares empresariais na região: um no município de Piratini e outro no município de Canguçu. Eram enormes, tudo com incentivos fiscais do Governo Federal – investimento para reflorestamento. A CICA montou um escritório na cidade em 1970, situado na rua Barão de Santa Tecla, nº 764. Todo o projeto de construção da fábrica foi feito em São Paulo e a construção da planta industrial, pela Construtora Bonfiglioli, uma de um total de 15 empresas do Grupo. A CICA vir para Pelotas foi um grande acontecimento, a cidade correu e implantou o Distrito Industrial, apostando que atrás da CICA viriam outras empresas. Assim, podemos dizer que a CICA foi a **"âncora" do nosso Distrito Industrial**. No decorrer das obras de construção e instalação de equipamentos, antes da inauguração oficial, a CICA terceirizava a produção de compotas com fábricas pequenas e médias de Pelotas: **Simon's (Morro Redondo)**, Prinsul (Colônia Municipal), Mello, Peres e Irmãos Souto, que enlataram com os rótulos CICA. A instalação da CICA foi um importante marco para pelotas, representou uma grande inovação no setor conserveiro, sua vinculação com grupos americanos, diretores de **marketing** e de produção que iam estagiar nos Estados Unidos, isso tudo rendeu muito para sua indústria. Por isso, podemos afirmar que a CICA veio para Pelotas bastante qualificada, com tecnologia de ponta, engenheiros de alimentos, controle de qualidade, o que era uma novidade por aqui. Essa mão de obra, formada nas universidades de São Paulo, com um aporte tecnológico, a tornava uma das empresas do setor conserveiro mais modernas. Sua área física foi projetada dentro dos padrões mais modernos de empresas, construída com a melhor tecnologia do país. Com a CICA, houve a introdução de uma nova e moderna visão administrativa que não se conhecia aqui, nossas empresas não trabalhavam com essa profissionalização, por causa da grande influência familiar em sua estrutura. Aqui vem uma situação que causou o primeiro baque na empresa na cidade. Os planos da CICA eram vir para Pelotas beneficiar tomate. No início da década de 1970, o tomate era o produto de maior aceitação, tanto no consumo quanto na comercialização, sendo o primeiro produto da linha de produção da CICA (Extrato de Tomate – Elefante da CICA). Porém, como a produção deste tomate não alcançou a produtividade desejada na região de Pelotas, por fatores climáticos, a CICA, com a capacidade fabril instalada, mas com uma produção pequena, só tinha dois caminhos a seguir: um era trazer tomate do centro do país, processar e remeter novamente para os grandes centros consumidores, o que dobraria os custos. O outro era recolher daqui os equipamentos para tomate, importados da Itália para São Paulo, o que foi feito realmente. Desta forma, acabou o sonho de o tomate ser a âncora de produção da Cicasul, bem como de exportar esse atomatado para os países do Prata, a partir da proximidade de Pelotas. Então, era hora de a CICA passar a olhar o pêssego local como a opção mais viável para ocupar o número um da linha de produção. Um detalhe nessa história foi interessante: a linha de produção do tomate era bastante automatizada, isto é, requeria uma mão de obra bem menor, enquanto que a opção pela linha do pêssego, seu processamento e de outras frutas, nesse período, necessitava de grande mão de obra, o que, de certa forma, foi interessante para Pelotas e região, quanto à geração de emprego. Então, o pêssego passou a ser a alternativa mais viável para justificar o tamanho do investimento do grupo em Pelotas. O aspargo, pela alta produtividade em Pelotas também foi pensado como outra linha de produção. No entanto, o aspargo chinês invadiu a Europa, desbancando, pelo preço, as nossas exportações desse produto. Assim, a CICA, sem alternativas, investiu maciçamente no pêssego, fruta local, de boa aceitação no mercado consumidor do centro do país. Para tal, não pouparam esforços, contrataram transportadoras que levavam o pêssego para todo o Brasil, com custo seguro e frete por conta da CICA, o chamado CIF-Brasil. Produziam somente latas de quilo com pêssego extra, pêssego médio, pêssego em fatias e pêssego inteiro com caroço. Para se ter uma ideia, quando a CICA começou a processar de verdade, juntas, as fábricas de Pelotas produziam 35 a 40 milhões de latas e, desse total, só a CICA produzia cerca de 10 milhões de latas. Isso teve consequências diretas na zona rural, os depoimentos dão conta de **que até o final da década de 1970, houve uma "quebradeira" geral de pequenas e médias fábricas. Obviamente, a CICA**

se deu conta, algum tempo depois, de que toda a estrutura desse complexo industrial aqui em Pelotas era muito grande para trabalhar só com pêssego, por alguns meses do ano. Para evitar o mínimo de ociosidade, intercalava outras opções na linha de produção, importando marmelo e pera dos países do Prata. A área industrial passou a ser a mais importante vinculada ao PCP – Planejamento e Controle de Produção, responsável pelos laboratórios de pesquisa e pelo controle de qualidade. O gerente industrial era também engenheiro de alimentos, passando a desenvolver nesta área novas linhas de produção como: feijoadas e almôndegas; azeitonas importadas da Espanha; ameixas importadas da Argentina; e suco de uva de Caxias do Sul. Para isso tudo funcionar, a CICA investia muito no funcionário. A primeira preocupação era manter o funcionário alimentado, portanto, todos os funcionários recebiam lanche pela manhã e pela tarde, feitos pelas padarias do bairro Fragata. Valorizavam o funcionário em todos os níveis, oferecendo cursos, treinamentos, capacitação, enfim, oportunizaram o aprimoramento do funcionário. Esse treinamento da mão de obra dava ao operário um padrão melhor em relação aos operários de outras fábricas. Se um operário deixasse a CICA, várias fábricas iam atrás dele para contratá-lo. Muita gente queria trabalhar na CICA, a procura era maior do que a oferta. Os depoimentos confirmavam que o trabalho era duro, mas eram justos no pagamento e ainda havia as premiações semanais, para aqueles que fechavam a semana sem faltas: eram sorteados, rádios, bicicletas, eletrodomésticos e até geladeiras. Nos picos de safra, trabalhava-se muito, até fins de semana, mas tudo era pago corretamente. Cerca de 3.500 funcionários viravam turnos após turnos. Por volta das 22 horas, paravam todas as máquinas, por duas horas, para a manutenção do equipamento, diariamente. Os entrevistados relatavam que pelo lado da Av. Presidente João Goulart (acesso do centro à BR 116) era o local da recepção dos pêssegos, ali os caminhões descarregavam, o pêssego entrava na área de produção, passando por todos os processos até chegar ao outro extremo, a expedição, onde as latas eram colocadas em caixas de papelão e carregadas nos caminhões para São Paulo e restante do país. Os operários tinham a sua disposição cozinhas equipadas para aquecerem suas refeições, amplos refeitórios, vestiários organizados e muitos banheiros, tudo pensado e planejado. De acordo com o setor de lotação do operário, o uniforme variava de cor, a manutenção e a mecânica tinha uma cor de uniforme; a produção que era maior em número usava a cor vermelha; a eletricidade tinha outra cor, o que era interessante para o controle de pessoal, principalmente quando havia muita gente junto. Por exemplo, podia ter no meio daquele mar vermelho de funcionários da produção, eventualmente um uniforme diferente de um mecânico ou de um eletricitista, o que seria normal, mas alguém da recepção ou da expedição não, caso ocorresse era fácil de identificar. A CICA possuía uma unidade chamada AGROCICA, um departamento agrícola que estava em contato com o produtor e seu pomar. O acompanhamento técnico ocorria por todo o período de gestação da fruta, desde a poda até a colheita do fruto no pomar. Esse departamento era muito atraente, refletindo em frutos saudáveis. Era formado por agrônomos e técnicos que faziam todo esse acompanhamento ao longo do ano, portanto necessitavam de apoio logístico para se deslocar até a zona de produção na colônia. Para isso a CICA mantinha uma frota de carros para visitas técnicas. De acordo com entrevistados, a CICA, uma vez instalada em Pelotas, manteve desde meados de 1981 até março de 1985 a chamada CICASUL Colônia, uma unidade produtora na zona rural, constituída pelo arrendamento da Indústria de Conservas Prinsul, da família Gruppelli, localizada na Colônia Municipal, 7º Distrito de Pelotas. Finalizando, para o lazer dos operários, tinha uma associação de funcionários, localizada em uma área ampla no Laranjal, destinada a eventos gerais coordenadas por uma diretoria escolhida entre os funcionários. Muitos eventos eram de cunho esportivo, pois vários times de futebol de campo ou de salão foram criados e participaram de campeonatos promovidos pelo SESI e outras entidades.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O escritório montado pela CICA em 1970 na rua Barão de Santa Tecla nº 764 era um prédio antigo mas bem conservado, onde foi montado o escritório logístico da Cica em Pelotas, para acompanhamento das obras de construção da fábrica e para entrevistas, seleção e contratação de pessoal administrativo e técnico da CICA. Esse prédio posteriormente sediou o supermercado LUNATEL.

Paulo Peres e os irmãos Souto confirmaram em seus depoimentos que, em 1969, 1970 e 1971, enlataram com o rótulo da CICA, em grande quantidade.

Antes da instalação da CICA em Pelotas, segundo o depoimento de Ubirajara Ribas, os industriais do setor conserveiro local aprenderam a trabalhar com enlatados (compotas e conservas) com a **Swift Armour**, pioneira no estado do Rio Grande do Sul no enlatamento de frutas e legumes.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

6.3. Material publicitário



Figura 01

6.4. Documentação



Figura 01



Figura 02

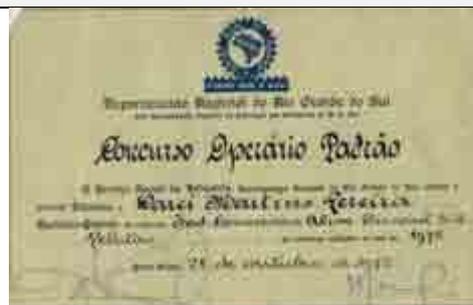


Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



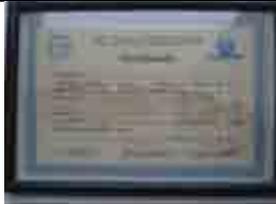
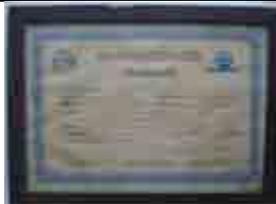
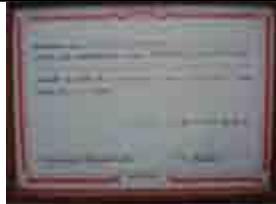
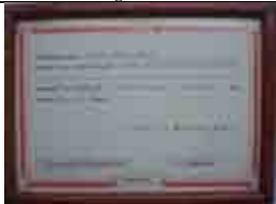
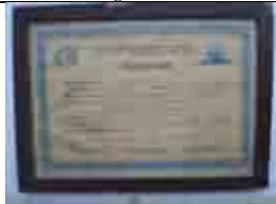
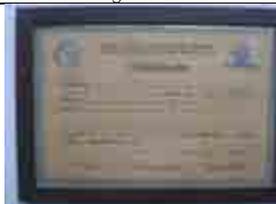
Figura 09



Figura 10



Figura 11

			
Figura 12	Figura 13	Figura 14	Figura 15
			
Figura 16	Figura 17	Figura 18	Figura 19
			
Figura 20	Figura 21		

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01



Figura 02

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

EUSTÁQUIO, João; PINHO, Hamilton de. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro: Bloch Editores. Suplemento especial do n. 1073, out. 1972.

ROCHA, Miguel Tarnac da. **Revista Destaques Pelotas 70**. Revista ilustrada de "Bôas Festas". Pelotas: Editora do autor, 1970. s/n.

ROSA, Mário. **Geografia de Pelotas**. Pelotas: UFPEL, 1985.

SYLOS, Hindenburg Ribeiro de. **GUIA DA CIDADE DE PELOTAS**. Pelotas: Darwil, 1973.

TAVARES, Jacqueline Marques. **A indústria conserveira pelotense: ascensão e declínio**. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

7.2. Fontes orais

Carlos Germano Blas [ex-fornecedor (produtor de pêssego); nascimento 1926]. Entrevista. Pelotas, 16 out. 2008.

Darci Martins Pereira [ex-funcionário; operário-padrão; nascimento; 1936; falecido]. Entrevista. Pelotas, 02 jun. 2013.

Delmar Silva de Oliveira [ex-funcionário; nascimento; 1958]. Entrevista. Pelotas, 04 fev. 2017.

Ubirajara Rodrigues Ribas [ex-gerente; nascimento 1942]. Entrevista. Pelotas, 05 set. 2012.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figura 01: reprodução da Revista Destaques Pelotas 70 (1970); Figuras 02, 03 e 04: Acervo Guilherme P. de Almeida; Figuras 05, 06 e 09: Acervo Mário Rosa; Figuras 07 e 08: Acervo Darci Martins Pereira; Figuras 10 e 11: Acervo Antônio Pegoraro; Figuras 12 a 17: Acervo Delmar Silva de Oliveira; Figura 18: Confraternização de industriais do ramo conserveiro, entre outros (aprox. 1972). Ao centro da foto, de óculos, um dos gerentes da CICASUL, Soso. Acervo Darci Ávila Ferreira.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 e 02 - Vista parcial do canteiro de obras da CICASUL;

Figuras 03 e 04 - Vistas gerais do canteiro de obras, vendo-se os acabamentos externos;
Figuras 05 e 06 - Obra concluída. Entroncamento rodoviário e acesso privilegiado;
Figura 07 - Confraternização de funcionários;
Figura 08 - O funcionário Darci M. Pereira, um dos capatazes da área de produção;
Figura 09 - Flagrante de uma funcionária da área de produção, com seu respectivo uniforme vermelho;
Figuras 10 e 11 - Trabalho de fornecedores da zona rural: classificação dos pêssegos na propriedade de Antônio Pegoraro. No detalhe, as caixas com o timbre da CICASUL, destinatária dos frutos;
Figuras 12 e 13 - Funcionários da CICASUL em horário de descanso, na área externa, sentados sobre o as grandes letras de concreto que formavam o nome da fábrica;
Figuras 14 a 16 - Lazer entre os funcionários: campeonato interno de futebol, com times dos diversos setores da fábrica;
Figura 17 - Eventos internos, com entrega de placa aos funcionários de atuação destacada;
Figura 18 - Registro de evento entre industriais do ramo conserveiro de Pelotas, nos quais estiveram presentes representantes da fábrica.

Material Publicitário: reprodução da Revista Manchete (1972). Acervo Guilherme P. de Almeida.

Documentos: Figuras 01 a 07: Acervo Darci Martins Pereira; Figuras 08 a 21: Acervo Delmar Silva de Oliveira.

Outros: Acervo Delmar Silva de Oliveira.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

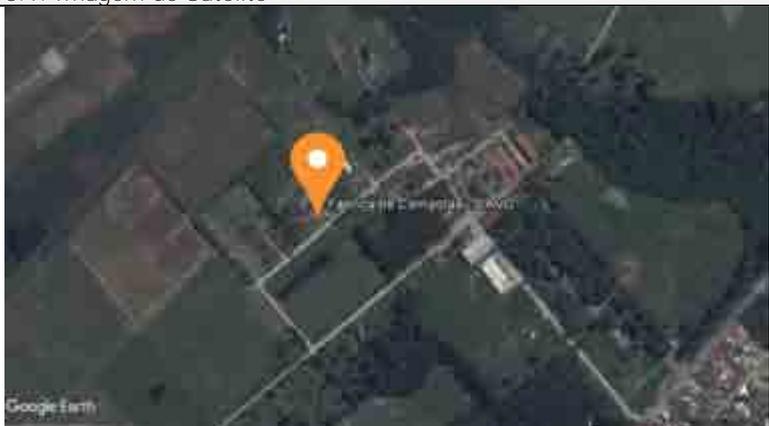
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CAVG	36
1.1.2. Razão Social: Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça - UFPel	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento) Av. Ildelfonso Simões Lopes, 2791.	2.1.1. Bairro Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'51.13"S	2.2.2. Longitude: 52°18'54.86"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: Universidade Federal de Pelotas	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: 1972 Término: 2010
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Institucional (outro uso acadêmico)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Até o início da década de 1960, as escolas agrícolas do país eram vinculadas ao Ministério da Agricultura. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, a responsabilidade sobre estas escolas passou para o Ministério da Educação, o que exigiu uma série de readequações nos seus sistemas de ensino. Oficialmente denominado Colégio Agrícola Visconde da Graça pelo Decreto nº 53.558, de 13 de fevereiro de 1964, o estabelecimento de ensino agrícola esteve inicialmente vinculado à então Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul (UFRRS), passando, posteriormente aos cuidados da Universidade Federal de Pelotas (instituição criada em 1969). Em julho de 1969 assumiu a direção do educandário o professor Agustín Agapito Franco, primeiro ex-aluno a assumir o cargo. Sua gestão foi a responsável pela adaptação à estrutura administrativa **junto ao Ministério da Educação, mas ficou marcada sobretudo pela "chegada da modernidade", graças a um convênio celebrado com a então República Federal da Alemanha.** Este convênio, cujas tratativas haviam sido iniciadas ainda em fins de 1968, previa colaborações nas áreas de Agroindústria, Avicultura e Agrostologia. Conforme Antunez (1996), a partir de 1969, chegaram profissionais técnicos alemães ao CAVG – **"especialistas exercendo atividades docentes e consultas na área para a região".** O primeiro deles foi o Dr. Kurt Boerger, especialista em pastagens, seguido do Dr. Jorg Haubold, especialista em conservas. Jorg foi quem orientou a instalação da fábrica de conservas modelo e da padaria modelo da escola, laboratórios que teriam papel importante na futura criação do curso de alimentos. O último técnico alemão, o especialista em avicultura e diretor do projeto Dr. Konrad Männel chegou em 1970. **Segundo depoimento de Leonel Antunez (2017), "a escola firmou sua posição no cenário nacional: pessoas de várias partes do Brasil e da América do Sul visitaram o que havia de mais moderno na época nas áreas mencionadas".** Possivelmente, o setor conserveiro em Pelotas, como um todo, usufruiu dos ensinamentos trazidos pelo especialista na área de conservas, Dr. Haubold. A partir da montagem e teste dos equipamentos trazidos da Alemanha (1972), o setor de agroindústria da escola começou a processar frutas em calda, procedendo a atividade comercial do produto até o ano de 2010. Valnei Lübke (2017) relatou que sua mãe trabalhou como safrista do CAVG em meados da década de 1960. Recordou que muitas foram as vezes em que viu o professor Agapito, chefe da fábrica de conservas, partir com sua caminhonete antiga (Figura 01 da seção Fotografias), **com carroceria de madeira ("parecida com tabuinha de ferro"), para buscar operários que fariam o descaroçamento do pêssego, quando iniciava a safra. Sem ter onde deixá-lo, sua mãe o levava consigo para o trabalho.** Valnei permanecia no pátio da fábrica, brincando com outras crianças, filhos de outras funcionárias, e que moravam nas casas funcionais lá existentes. Ao falar sobre isso, confirmou que não era grande o número de pessoas trabalhando naquela época, portanto disse acreditar que parte das compotas e doces ali produzidos era comercializada na própria instituição (havia um setor de vendas dos produtos elaborados na escola) e que o restante fosse consumido na própria cozinha da instituição. O consumo próprio era prática vigente com outros produtos, tais como legumes, frutas e leite, uma vez que o CAVG mantinha alunos em regime de internato. Marilei Garcia, funcionária aposentada do Departamento de Pessoal (DP) da Universidade Federal de Pelotas, em seu depoimento (2016), contou que começou a trabalhar na UFPel em janeiro de 1974, no prédio do Liceu Eliseu Maciel. Lá ficou encarregada de efetuar as inscrições dos safristas que trabalhariam na fábrica de conservas do CAVG. **Marilei relembra que o pessoal interessado "chegava a fazer fila na frente do prédio". Alguns deles, mais falantes, comentavam que já haviam trabalhado em várias safras no colégio. Essas inscrições eram encaminhadas ao CAVG, a fim de seguirem-se os trâmites da seleção.**

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Em junho de 1974 a denominação oficial do educandário passou a ser Conjunto Agrícola Visconde da Graça.

Os alunos internos do CAVG eram, geralmente, naturais da Zona Rural de Pelotas e de municípios vizinhos.

Conforme o depoimento de Sandra Franco (2017), a gestão de seu pai, Agustín Agapito Franco, como diretor da instituição foi marcada por sua humanidade. Uma situação ilustrativa disso ocorria durante o pico da safra do pêssego, período em que funcionários safristas (contratados) mantinham a fábrica em funcionamento à noite. Como estes chegavam, geralmente, depois de terem trabalhado em outros empregos durante o dia, era comum Agapito providenciar uma **"galinhada" para alimentá-los.** Agapito associava a boa alimentação ao rendimento dos funcionários. Além disso, quando havia algum acidente ou a necessidade de atenção médica, por parte de um funcionário, Agapito solicitava de pronto o auxílio do médico ou dos enfermeiros de que a instituição dispunha.

6 - ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01



Rótulo 02



Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06



Rótulo 07



Rótulo 08



Rótulo 09



Rótulo 10



Rótulo 11



Rótulo 12



Rótulo 13



Rótulo 14



Rótulo 15

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

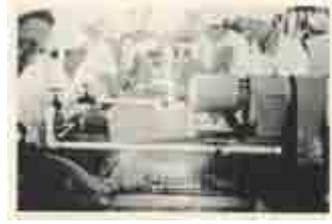


Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30



Figura 31



Figura 32



Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36



Figura 37



Figura 38



Figura 39



Figura 40



Figura 41



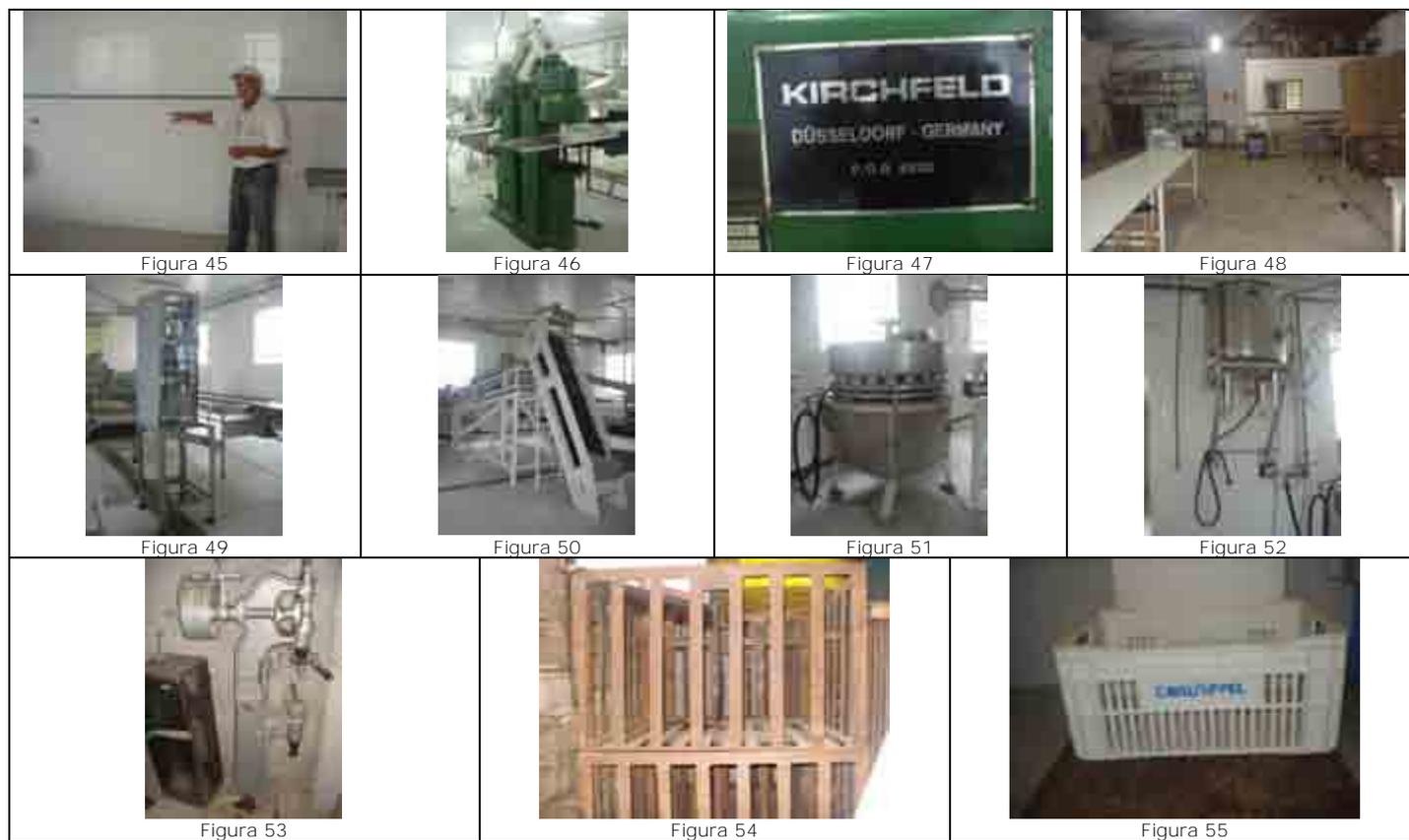
Figura 42



Figura 43



Figura 44



6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

ANTUNEZ, José Leonel da Luz. CAVG: História de um patronato. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1996.
 _____. CAVG – Uma escola: olhar de aluno. Pelotas: IFSul, 2016.

7.2. Fontes orais

Hélio Lange [ex-funcionário; nascimento 1954]. Entrevista. Pelotas, 10 dez. 2013.
 Marilei da Silva Garcia [funcionária aposentada da Universidade Federal de Pelotas; nascimento 1953]. Entrevista. Pelotas, 06 jun. 2016.
 José Firmino Machado dos Santos [funcionário do setor; nascimento 1957]. Entrevista. Pelotas, 22 nov. 2016.
 Valnei da Silva Lübke [ex-safrista; atualmente funcionário; nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 07 mar. 2017.
 José Leonel da Luz Antunez [professor e ex-diretor do CAVG; nascimento 1957]. Entrevista. Pelotas, 09 mar. 2017.
 Sandra Franco [filha do ex-diretor do setor de conservas (Agustín Agapito Franco); docente da instituição; nascimento 1952]. Entrevista. Pelotas, 10 mar. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos: Acervo José Firmino Machado dos Santos.

Fotografias: Figuras 01 a 27: Reproduções digitais gentilmente cedidas por José Leonel da Luz Antunez. Acervo CAVG: Figuras 28 a 55: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (Item 6.2):

Figura 01 - Caminhonete antigamente utilizada na fábrica;
 Figura 02 - Pórtico de entrada do Colégio Agrícola Visconde da Graça (CAVG);
 Figuras 03 a 08 - Flagrantes da evolução da construção do prédio da indústria de conservas do CAVG;
 Figura 09 - Manchetes da imprensa local anunciando a chegada dos equipamentos obtidos por convênio com a Alemanha;
 Figuras 10 a 15 - Transportadora Fonseca Júnior trazendo os veículos e equipamentos obtidos por convênio com a Alemanha;
 Figura 16 - Confraternização entre alunos e professores do CAVG;
 Figuras 17 a 19 - Indústria de conservas em atividade;
 Figura 20 - Recepção do pêssego na indústria do CAVG;
 Figura 21 - Estoque de latas da produção conserveira;
 Figura 22 - Formatura no CAVG, com a presença do Governador do Estado Leonel Brizola;
 Figura 23 - Autoridades de Pelotas em visita à indústria do CAVG;
 Figura 24 - Exposição de produtos do setor conserveiro do CAVG;
 Figura 25 - Atividade na indústria conserveira do CAVG;
 Figura 26 - Professor Agustín Agapito Franco, primeiro ex-aluno a assumir o cargo de diretor do CAVG;
 Figura 27 - Capa do primeiro livro sobre o CAVG, de autoria do ex-aluno José Leonel da Luz Antunez, editado em 1996.
 Figuras 28 a 32 - Vistas das primeiras instalações da agroindústria do CAVG;
 Figuras 33 a 35 - Novo pavilhão para a agroindústria conserveira;
 Figuras 36 a 39 - Descarocadeira automática. Protótipo produzido em Pelotas pela empresa Peres;
 Figuras 40 a 43 e 49 a 51 - Equipamentos diversos utilizados na agroindústria conserveira do CAVG;
 Figuras 44 e 45 - Revestimento azulejado de piso e paredes;
 Figuras 46 e 47 - Equipamento obtido por convênio com a Alemanha;
 Figura 48 - Depósito (desativado) de latas vazias e compotas prontas;
 Figura 53 - Antiga recravadeira manual utilizada durante as décadas de 1950 e 1960;
 Figura 54 - Cestas de metal utilizadas no processamento das compotas;
 Figura 55 - Caixa plástica para transporte de pêssego, com o timbre da escola.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

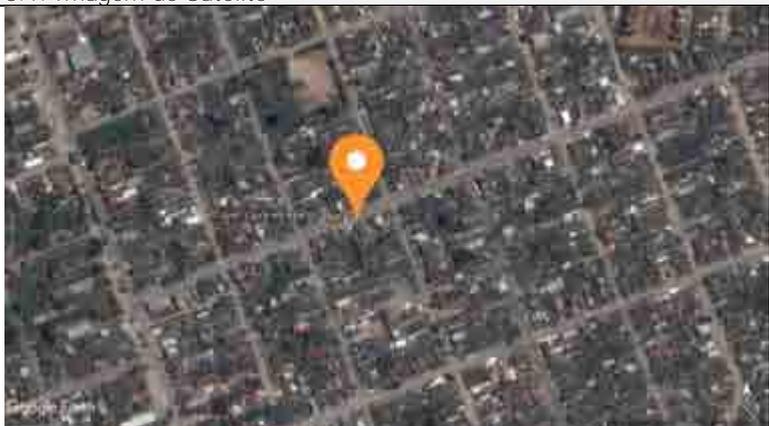
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SIQUEIRA	37
1.1.2. Razão Social: Indústria Wanderley C. Siqueira	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Alm. Landin, 884.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°44'52.25"S	2.2.2. Longitude: 52°23'34.58"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Wanderley C. Siqueira	Início: 1981	Término: 2000
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/Sem uso.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

As atividades industriais de Wanderley Siqueira começaram em 1978, no endereço da rua Alm. Landin, 884. Inicialmente, as instalações eram bem simples: um “galpão de tábuas” aos fundos do terreno, “bem arrumado; piso e pintura”. Quatro funcionários ali desenvolviam a fabricação de doce de mel. Em 1981, ainda no galpão de madeira, mas já construindo ampliações, inicia a produção de compostas de pêssego, abacaxi e figo, bem como fabrico de pessegada. O negócio continuou crescendo e novas construções foram feitas. No pico da safra, já era necessário contar com cerca de 150 trabalhadores. A fábrica enfrentava obstáculos, como a pressão insuficiente da água. Como o processamento do pêssego exige água em abundância, era preciso buscar alternativas. Sempre que a pressão baixava nas torneiras, era preciso dispor de grandes bombonas, esteriliza-las no vapor e rumar à Hidráulica Pelotense para abastecê-las d’água. **Pleiteado auxílio na prefeitura, o prefeito de então se empenhou em edificar o atual reservatório localizado à rua Eptácio Pessoa, Vila Gotuzzo. Segundo Wanderley, “melhorou muito o problema”. Observando que as grandes fábricas de conservas atraíam a maior quantidade dos trabalhadores safristas, mas mantinham restrições em relação às operárias mães-solteiras ou com filhos pequenos, a Siqueira passou a recrutar justamente este tipo de trabalhador, o que se mostrou benéfico para a fábrica.** No segundo piso da fábrica, foi montada uma espécie de creche improvisada, onde as crianças podiam ficar em segurança durante o expediente das mães. Umas das filhas de Wanderley, assim como algumas de suas colegas de colégio ou mesmo outros de seus familiares se revezavam no cuidado com as crianças. Nos intervalos de trabalho as mães subiam para ver seus filhos. O espaço chegou a abrigar de 40 a 50 crianças. A iniciativa também contou com a simpatia e o auxílio do prefeito em exercício. Em face da localização da fábrica, no interior de uma vila, e não em uma avenida, como ocorria com muitas outras, a prefeitura precisou melhorar o sistema de escoamento das águas utilizadas pela fábrica na pelagem dos pêssegos. O fim do descarte nas valetas adjacentes foi uma melhoria benéfica a todos os moradores vizinhos. Nacionalmente, com o alto custo de vida experimentado no governo-tampão de José Sarney - crise continuada no governo Collor -, as pequenas fábricas de conservas tiveram de diminuir sua produção e suas despesas. A Siqueira chegou mesmo ao ponto de produzir menos de 20% do que estava habituada. Os custos de produção, porém, seguiram aumentando e, no ano de 2000 a empresa teve de parar e fechou as portas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Ao final de sua entrevista, Wanderley Siqueira (2014) citou uma frase que jamais esquecerá, e que lhe foi proferida pelo empresário Hugo Poetsch na ocasião: “Não te apaixona pelo que tu faz; te apaixona pelo lucro que te dá [sic]”. Wanderley, em tom de desabafo, disse ainda: “o que quebrou as fábricas, o setor conserveiro, foi a política [sic]”.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos



Rótulo 01 –



Rótulo 02 –



Rótulo 03 –



Rótulo 04 –

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Ney Valdir Reichow ("Dila") Bandeira [morador das proximidades; vereador; nascimento 1949]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

Osni Geraldo Reichow Bandeira [morador das proximidades; nascimento 1950]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

Wanderley C. Siqueira [proprietário; nascimento 1951]. Entrevistas. Pelotas, 08 abr. 2014 e 18 fev. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: fotografia atual e figuras 01 a 07: autoria de Marilei Garcia, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista da fachada principal;

Figuras 02 e 03 - Antigos equipamentos utilizados na fábrica;

Figura 04 - Recipiente de aço inoxidável utilizado no preparo da calda;

Figura 05 - Aspecto interno da fábrica, desativada;

Figura 06 - Mesa de aço inoxidável utilizada na área de produção;

Figura 07 - Antiga recravadeira.

Rótulos: Acervo Wanderley C. Siqueira.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

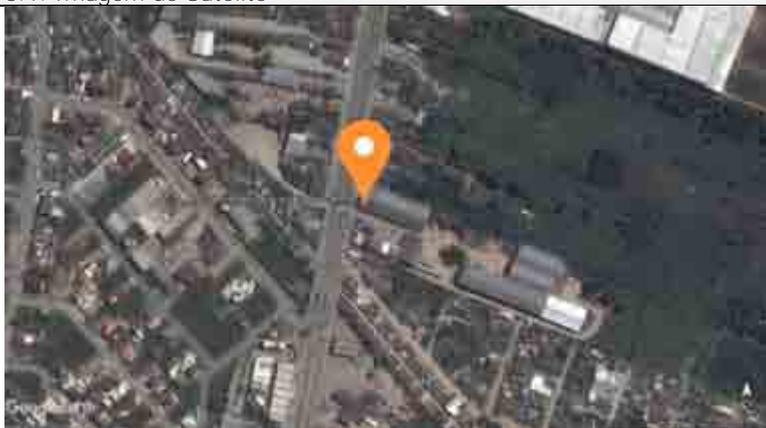
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: EXTRAFRUTA	38
1.1.2. Razão Social: Extrafruta Indústria da Alimentação Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 4510.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°42'42.73"S	2.2.2. Longitude: 52°20'30.28"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Carlos Firpo	Início: 1981	Término: 1997
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Misto		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Carlos Firpo, diretor da metalúrgica Guerreiro, fabricante de latas para o setor conserveiro, em que era industrializada a maior produção de frutas em calda, desenvolveu, em paralelo à metalúrgica, desde 1975, o pomar Extrafruta, um empreendimento com 1.240 ha, criado com incentivos fiscais federais e cotas adquiridas por empresas pelotenses. Os pomares estavam localizados em Canguçu (pomares Santo Antônio e Alto da Cruz), Pelotas (pomar Monte Bonito) e um não tem localização confirmada (pomar Malvinas). Posteriormente Carlos Firpo foi recomprando as cotas de terceiros, que foram investidas. De 1955 a 1980, trabalhou também com o segmento de adubos, operando na importação de fertilizantes (Adubos Extrafrós Ltda.). Em 1981, começou a funcionar a Extrafruta Indústria de Alimentação Ltda., sucedendo a conservas Pommerening. Na década de 1980, os pomares empresariais do grupo produziram cerca de 8 milhões de quilos de pêssego, esse total abastecia a demanda da Extrafruta e ainda negociavam a fruta com outras fábricas da cidade. A Extrafruta trabalhava com cerca de mil operários, já era uma fábrica relativamente moderna. Conforme Ubirajara Martins: “[...] Foi bem nascida da Pommerening, herdou uma boa estrutura, uma boa marca e principalmente boas câmaras frias”, o que possibilitou partir para exportação de frutas e vegetais congelados, dentro do sistema IQF (rápido congelamento individual), durante a década de 1980. Foi preciso montar uma área comercial bem estruturada, responsável pelas operações comercial e de exportação, um grande momento da empresa, em que frutas congeladas (morango, pêssego e outras) eram exportadas para o México e países da Europa, polpa de frutas para grandes empresas de iogurtes, toda linha de conservas para atacados no país. Nessa época, conforme Ubirajara Martins, “a Extrafruta até 1991, foi uma agroindústria diferenciada, possuía uma linha de produção de muita qualidade e com resultados, uma área financeira bem estruturada e a partir desta qualidade de produção, uma área comercial bem agressiva no exterior, afinal de contas o produto era bom”. Enlatava com as marcas Pommer – 1ª linha e a Kirk – 2ª linha. Por orientação da empresa, segundo Ubirajara Martins, a área comercial tinha como meta, para desenvolver bem o seu trabalho de contatos comerciais no centro do país, hospedarem-se em bons hotéis, frequentarem bons restaurantes, utilizarem carros locados e deslocamentos aéreos, “tudo à altura da empresa que representavam”. Nesse mercado competitivo, a empresa era constantemente desafiada, o que levava a Extrafruta a visitar outros lugares, outras indústrias, participar de feiras em Paris, Alemanha, Itália para saber das novidades, de novos equipamentos etc. Nesse aspecto, e voltada para as vendas, conforme Ubirajara Martins, “a Extrafruta investiu em um setor de propaganda na área comercial, visando a criação de embalagens e bons rótulos”, ainda segundo depoimento, para conquistar mercado, “a empresa é empurrada pela produção ou puxada pelas vendas”. Em 1990, com a Cica já fora de Pelotas, fez sua safra com a ExtraFruta e com outras indústrias da cidade, de forma terceirizada. Pouco tempo depois, em 1991, com os índices inflacionários no governo Collor, a área comercial da empresa passou por um processo de rearranjo interno, acumulando perdas a exemplo das demais indústrias do país. Em 1995, surgiram as novas descaroçadeiras automáticas italianas, que descaroçavam cerca de 360 pêssegos por minuto. A Extrafruta chegou a ter três dessas descaroçadeiras em funcionamento. Porém, esse foi o período em que várias fábricas de conservas em Pelotas fecharam suas portas.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

Diário Popular. Fabricar latas: o difícil negócio da Guerreiro [seção Economia]. Pelotas, 08 fev. 1981.

7.2. Fontes orais

Edison Dias Andretti [ex-funcionário de Carlos Firpo; nascimento: 1947]. Entrevista. Pelotas, 06 mai. 2013.

Ubirajara Martins [ex-funcionário da área comercial (1982-1991) e prestador de serviço (consultoria) (1991-1997); nascimento 1957]. Entrevista. Pelotas, 17 mar. 2017.

Nelson Firpo [filho do proprietário; nascimento 1954]. Entrevista. Pelotas, 10 abr. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Fotografia atual: fotomontagem sobre fotografia do autor, 2017; demais fotografias: Acervo Nelson Firpo.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Vista externa geral da fábrica;

Figura 02 - Panorama interno;

Figuras 03 e 04 - Vistas da área de produção;

Figura 05 - Vista do setor de controle de qualidade do laboratório.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

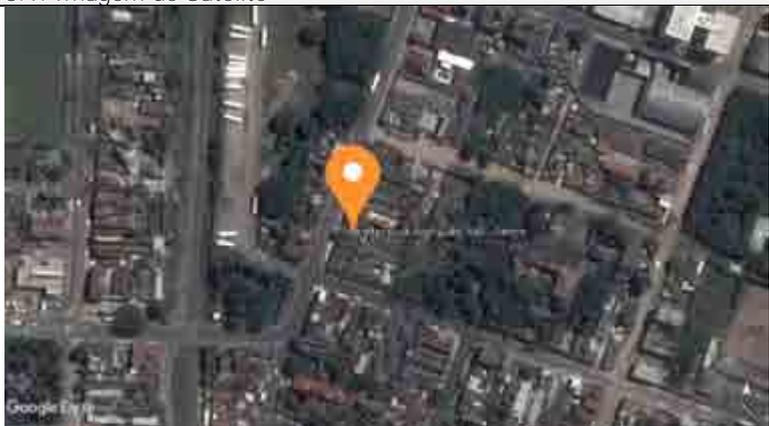
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: PLIMOR	39
1.1.2. Razão Social: (não foi possível identificar)	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Rua Manduca Rodrigues, 540.	Centro
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°46'26.01"S	2.2.2. Longitude: 52°21'1.86"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Júlio Vilela dos Santos	Início: 1982	Término: 1986
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Serviço (oficina mecânica)		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Júlio Vilela dos Santos trabalhava com mel de abelhas na rua Marechal Deodoro da Fonseca, nº 609. Neste endereço produzia e comercializava mel, xarope de mel, melado e bolo de mel. Posteriormente, mudou-se para a rua Manduca Rodrigues nº 540, proximidades da antiga Fábrica de Papel. Ali ocupou o prédio onde anteriormente funcionara uma transportadora. Residia proximamente, também à rua Manduca Rodrigues, no nº710, pouco mais em direção à altura da Rua Dom Pedro II. Em seu novo endereço fabril, o Sr. Júlio ampliou então suas atividades para além do fabrico de derivados do mel – que permaneciam como principais produtos –, passando a produzir também frutas cristalizadas (figo e pêssego). Conforme o relato de José Carlos Anderson (2017), grande parte da clientela era da cidade de Rio Grande. Para levar sua produção até a cidade vizinha e repartir suas encomendas, utilizava sua caminhonete marca GMC. De acordo com Alice Falcão (2014), filha do proprietário, Júlio começou a produção de compotas bem mais tarde, em 1982, dispendo de poucos funcionários e comercializando sob a marca Plimor. Quanto às instalações, ao adentrar pelo grande portão principal, vê-se dois pavilhões. Alice confirmou que o da direita (ponto de vista de quem entra) abrigava os tachos e demais equipamentos destinados ao preparo das compotas; “era a produção”, resumiu ela. No pavilhão à esquerda, “bem de frente para o portão”, por sua vez, funcionava um pequeno escritório. Ali também ficavam latas e embalagens vazias, bem como os doces e compotas prontos para comercialização, além de ser o espaço onde era feita a rotulagem dos produtos. Segundo Alice, seu pai trabalhara com doces “desde muito cedo”. Por isso, como já tinha alguma idade, e sentindo-se “cansado”, resolve por encerrar as atividades. A primeira parte da fábrica de que se desfez fora justamente o setor de fabrico de compotas, cujos equipamentos e máquinas foram vendidos no ano de 1986.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos		
6.2. Fotografias		
		
Figura 01	Figura 02	Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Alice dos Santos Falcão [filha do proprietário; nascimento 1955]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

Antonio Vasconcelos [sobrinho do proprietário; nascimento 1950]. Entrevista. Pelotas, 11 mar. 2017.

José Carlos Anderson [morador vizinho da fábrica; nascimento 1952]. Entrevista. Pelotas, 11 mar. 2017.

Wanderley C. Siqueira [industrial do ramo; adquiriu equipamentos da fábrica após a desativação; nascimento 1951]. Entrevista. Pelotas, 08 abr. 2014.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Fotografia atual: do autor, 2017; Figura 01: Acervo Alice dos Santos Falcão; Figuras 02 a 09: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figura 01 - Primórdios da fábrica, quando eram fabricados doces de frutas (pêssego e figo);

Figuras 02 e 03 - Entrada e fachada externa do ambiente onde funcionavam o escritório e o depósito de latas vazias e de compotas prontas da fábrica;

Figuras 04 e 05 - Vistas internas do mesmo edifício;

Figuras 06 a 08 - Vistas internas do edifício da produção da fábrica;

Figura 09 - Vista da residência do proprietário da fábrica, à esquina da Rua Manduca Rodrigues com Rua Três de Maio.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

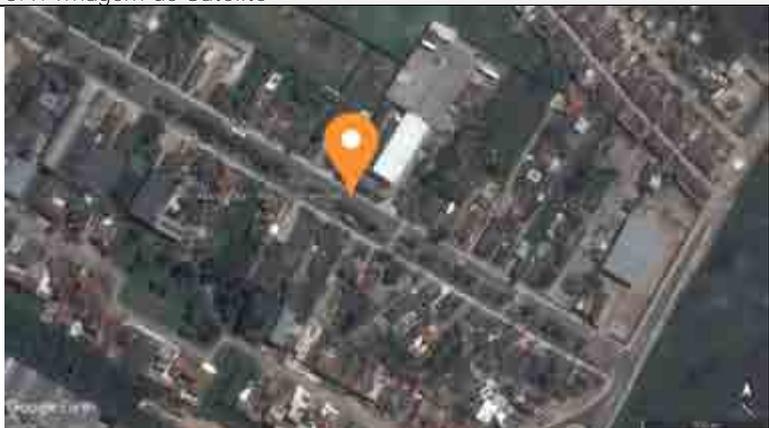
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SELL	40
1.1.2. Razão Social: Sell Produtos Alimentícios Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Assis Brasil, 606.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'9.10"S	2.2.2. Longitude: 52°20'18.32"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Uberto Sell	Início: 1983	Término: 1992
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fabril		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Uberto Sell relatou que é natural da localidade de Santo Antônio, zona colonial do município São Lourenço do Sul. Adulto e já vivendo em Pelotas, conhece sua futura esposa, Darli Pommerening, filha do industrial do ramo conserveiro Otto Pommerening. Após o matrimônio, passou a ser sócio do sogro na fábrica de compotas, ocasião em que aprendeu tudo sobre o setor conserveiro. Em 1978, a fábrica Pommerening encerra suas atividades, devido a uma série de problemas relacionados à conjuntura econômica nacional. Posteriormente, foi aconselhado pelo amigo Carlos Firpo (proprietário da Metalúrgica Guerreiro, fabricante de latas) a "começar um negócio pequeno". **Uberto adquiriu então, em 1983, as antigas instalações da fábrica de conservas Manta, localizada no bairro Três Vendas.** Segundo ele, a aquisição era destinada a seus filhos Henry e Karin. De acordo com seu relato (2016), a intenção era sair do ramo das conservas, deixando para os filhos a continuação das atividades no ramo. A Sell enlatou pêssegos até o ano de 1992, quando foi encerrada. A partir desta data, foi criada a Fragole, empresa que atua vinculada ao grupo paulista DeMarchi, como uma de suas fornecedoras de polpa de fruta congelada.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Uberto Sell "só falava pomerano" até a idade de sete anos, quando então entrou para a escola e foi alfabetizado em português.

Uberto relatou ainda que sua rotina era, pela manhã, a escola e, à tarde, a lida na lavoura com os pais.

Em Pelotas, Uberto trabalhou como radialista da Rádio Cultura, de 1962 a 1966, no programa "Vozes da Alemanha", voltado aos colonos alemães e pomeranos da região. O programa, bem como seus anúncios, era transmitido em português e em alemão. Em 1964, com a instalação do regime militar, o programa teve de se adaptar, trocando o nome para "Vozes da Colônia", e deixando de transmitir conteúdo em alemão.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos		
6.2. Fotografias		
		
Figura 01	Figura 02	Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09 (Uberto Sell)

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Uberto Sell [proprietário; nascimento 1941]. Entrevistas. Pelotas, 13 jun. 2011 e 06 jun. 2016.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: figuras 01 a 04: do autor, 2009; fotografia atual e figuras 05 a 08: do autor, 2017; Figura 09: Acervo do autor.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 a 04 - Vistas da fábrica (fachadas principal e lateral) (2009);

Figuras 05 e 06 - Vistas gerais externas atuais (2017);

Figura 07 - Detalhe da portaria (2017);

Figura 08 - Caixa plástica para transporte de pêssego, com o timbre da fábrica (2017);

Figura 09 - Retrato de Uberto Sell.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

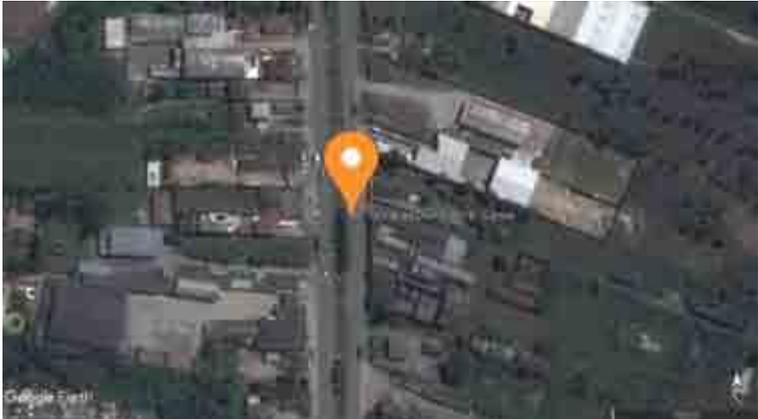
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: PETER	41
1.1.2. Razão Social: Comércio, Armazenamento e Indústria de Produtos Alimentícios Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 6316.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'43.39"S	2.2.2. Longitude: 52°20'21.25"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Nelson Peter	Início: 1986	Término: 2004
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/ Sem uso.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

A família Peter era tradicionalmente conhecida pelos depósitos de produtos coloniais e matadouros que mantinha no Bairro Três Vendas, zona norte da cidade de Pelotas. Em 1986, os Peter adquiriram a agroindústria que Abel Dourado possuía em Pelotas, cujas instalações já contavam 65 anos. Trabalharam produzindo compotas a partir de várias frutas (pêssegos, morangos, pêras e abóboras), além de conservas de aspargos e milho verde. Sua industrialização era bastante manual, exigindo o emprego de cerca de 450 funcionários no pico da safra. Sendo assim, passaram a investir em câmaras frias, úteis não somente para o armazenamento da carne oriunda de seus matadouros, mas também para o congelamento de polpa de frutas. Tal capacidade frigorífica passou a ser requisitada por diversas indústrias da cidade, que não dispunham desse suporte. Dentre elas, a Agapê, Extra Fruta e Vega, que congelavam polpa de morango e ameixa, etc., visando a exportação. Conforme Paulo Fernando Peter (2011), "as gigantes Nestlé e Kibon vinham a Pelotas e compravam muita polpa de frutas para seus industrializados". A própria empresa Peter realizava exportação de seus congelados, especialmente morangos e ameixas. O destino era alguns países do Mercado Comum Europeu e a península escandinava. Segundo Paulo Fernando, acerca do colapso do setor conserveiro, ocorrido a partir de meados da década de 1990, é possível atribuí-lo, em sua opinião, ao despreparo do setor face à evolução tecnológica e à globalização, bem como a falta de cobrança por políticas de proteção ao setor conserveiro nacional. Paulo exemplifica esta posição citando a entrada do pêssego grego no mercado brasileiro, ocorrida na década de 1990. Acrescenta: "Enquanto a tecnologia crescia noutros países, nós não nos preparávamos para receber essa tecnologia". Como exemplo, mencionou Paulo que cada uma das descaroçadoras automáticas italianas era capaz de realizar o trabalho de cerca de 70 mulheres e, portanto, substituí-las. Outro ponto de vista interessante salientado por Paulo é quanto ao fato de que o setor conserveiro não ter buscado parcerias, especialmente com o segmento do açúcar, "ao qual estava intimamente ligado", em suas palavras. Sem estrutura de caixa, as indústrias de conserva locais não resistiram às sucessões de planos econômicos no país, e começaram a fechar suas portas. Como consequência deste cenário, a Peter encerra suas atividades no ano de 2004.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos		
		
Rótulo 01	Rótulo 02	Rótulo 03



Rótulo 04



Rótulo 05



Rótulo 06

POLPA MORANGO COM SEMENTE

Rótulo 07 (detalhe)

6.2. Fotografias



Figura 01



Figura 02 -



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

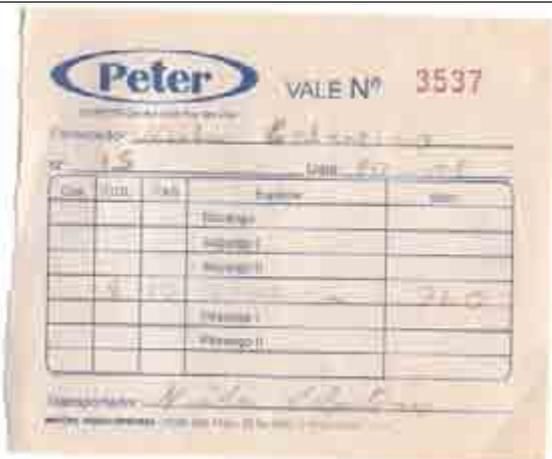


Figura 01



Figura 02

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Paulo Fernando Peter [filho do proprietário; ex-funcionário; nascimento 1960]. Entrevista. Pelotas, 10 jun. 2011.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulos, fotografias, material publicitário e outros: Acervo da Fábrica Peter. Fotografado pelo autor, 2009.

Fotografia atual: autoria de Marilei Garcia, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01, 04 e 05 - Fundos da fábrica;

Figura 02 - Lateral externa da fábrica;

Figura 03 - Alojamentos;

Figuras 06 e 15 - Interior da fábrica: autoclaves;

Figuras 07 e 09 - Vistas do interior da fábrica;

Figura 08 - Depósito;

Figura 10 - Banheiros;

Figura 11 - Laboratório;

Figuras 12, 13, 19, 20 e 21 - Caldeiras;

Figura 16 - Tanques de resfriamento das latas;

Figura 14 - Relógio Ponto;

Figuras 17 e 18 - Equipamentos diversos no interior da fábrica;

Figuras 22, 23 e 24 - Latas de compotas e conservas;

Figura 25 - Aviso afixado em parede no interior da fábrica;

Figura 26 - Bebedouros;

Figura 27 - Estrutura para tratamento de resíduos;

Figura 28 - Embalagem de papelão com o timbre da fábrica.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

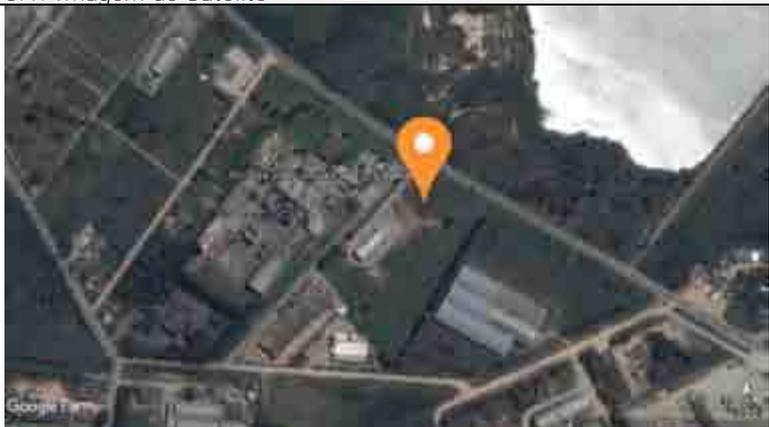
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: CLATAR	42
1.1.2. Razão Social: Clatar Indústria de Produtos Alimentícios Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento) Av. João Goulart, 7137.	2.1.1. Bairro Fragata (Distrito Ind.ªl)
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°43'56.72"S	2.2.2. Longitude: 52°22'35.09"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: Hector O. Mossioto; Ernest (sobrenome não identificado); (terceiro sócio não identificado)	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: 1986 Término: 1987
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso comercial.	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

A fábrica foi montada em 1986 por alguns funcionários, entre eles estava Arno Jesus Furtado, e um dos sócios da empresa, Héctor O. Mossioto, que de acordo com entrevistados, era o mais acessível. A fábrica funcionou em frente a Irgovel, no Distrito Industrial no prédio maior ao lado da estrada de acesso a Av. Pinheiro Machado, o escritório, a esquerda do prédio da fábrica em uma casa vista em primeiro plano e bem ao fundo do terreno, atrás do escritório o depósito das latas vazias, e as latas prontas e rotuladas para a expedição. Os três argentinos, possivelmente trabalhavam como representantes de alguma empresa de Buenos Aires que importa compotas de abacaxi, adquiridas em fábricas de Pelotas. Observando o movimento dessas agroindústrias, achando tranquilo, resolveram montar pra si uma indústria, ganhando com isso mais dinheiro. E assim o fizeram. Porém, as coisas não são como se imagina, aliado a questão de serem estrangeiros. A entrevistada Jurema, nessa época, trabalhava no Escritório de Antônio Bielinski – Advocacia e Contabilidade. Um dia os sócios argentinos procuraram o escritório, a fim de contratá-los para fazer a contabilidade da empresa recém-criada. Possivelmente observando a presteza da funcionária Jurema no escritório, resolveram convidá-la para trabalhar com eles na empresa. Empolgada com a possibilidade de crescer profissionalmente, aceitou a proposta da Clatar. Ali, com um auxiliar, cuidava das rotinas da fábrica, admissão, demissão, ponto, horas extras, contratos e contatos frequentes com a carteira de exportação do Banco do Brasil, também responsável pela folha de pagamento semanal dos mais de 100 funcionários. Conforme a entrevistada, os sócios gastavam muito dinheiro. Para fechar o negócio da compra de abacaxis de Minas Gerais, pegavam avião pra lá, hospedagem em BH, pegavam avião pra cá, assim a coisa não se sustenta. Se marcavam uma reunião para conversar sobre a empresa, a reunião era no restaurante do Hotel Manta, com jantar e vinho. O terceiro sócio que vinha pouco aqui, quando vinha só se hospedava no Hotel Manta, então o que se via, era um desperdício de dinheiro, gastavam muito em qualquer coisa. Depois, para o pagamento do pessoal, ela tinha que ir ao Banco do Brasil, negociar com a gerência para liberar dinheiro da exportação dos abacaxis, fato que nem sempre estava disponível em conta, porque no fim de semana, tinha pagamento do pessoal que trabalhou a semana inteira na fábrica. As vezes chegava do banco, tinha uma fila de funcionários esperando para receber. Isso começou a desgostá-la, até que em março de 1987, pediu as contas e saiu da empresa. Os demais entrevistados, trabalharam também nessa época, com um contrato de três meses. Assim foi com dona Erna Furtado que trabalhou com duas filhas e o genro Paulo, que ao saírem da empresa nunca receberam o FGTS. Ao se aposentar procurou o INSS para somar o tempo de trabalho na Clatar, para a sua surpresa, nunca a empresa pagou guias do INSS, mas segundo os funcionários, os descontos foram feitos no seu contracheque semanal. Arno Jesus Furtado, outro entrevistado, trabalhou desde a montagem dos equipamentos para a fábrica começar a produzir, quando saiu, foi a mesma coisa, aquela enrolação para pagar e nada. A empresa teve um advogado, mas nada resolveu. Foram embora, passaram calote nos funcionários e no país e ficou por isso mesmo.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Conforme o depoimento do ex-funcionário Paulo Roberto Silveira (2017), os rótulos das compotas da Clatar eram bastante simples, trazendo apenas a inscrição do nome da empresa, sem fotos ou outras ilustrações. Eram confeccionados na Gráfica Aimara (ver Figura 01 da seção Outros), na cidade.

6 - ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -

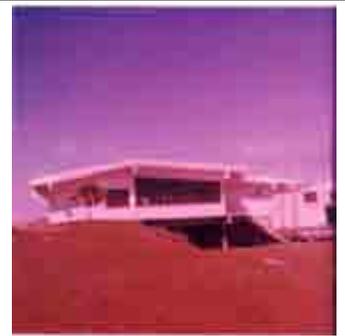


Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -

6.3. Material publicitário

6.4. Documentação



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01

7 - REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Arno Jesus Furtado [ex-funcionário; mecânico; nascimento 1959] Entrevista. Pelotas, 16 jan. 2017.

Erna Conceição Cavalheiro Furtado [ex-funcionária; nascimento 1935]. Entrevista. Pelotas, 28 fev. 2017.

Iara Regina Machado da Rosa. [ex-funcionária; nascimento 1964]. Entrevista. Pelotas, 28 fev. 2017.

Iraci Jurema Porto Silveira [ex-funcionária; secretária; nascimento 1944] Entrevista. Pelotas, 01 mar. 2017.

Paulo Roberto Silveira [ex-funcionário; mecânico; nascimento 1965] Entrevista. Pelotas, 04 mar 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: Figuras 01 a 04: Acervo Iraci Jurema Porto Silveira; Figuras 05 a 07 e atual: do autor, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01 e 02 - Sócios da empresa;

Figura 03 - Interior do escritório;

Figuras 04 e 05 - Vistas externas do escritório;

Figura 06 - Depósito de latas vazias e compotas prontas;

Figura 07 - Prédio da indústria.

Documentos: Figuras 01 a 03: Acervo Iara Regina Machado da Rosa; 04 a 06: Acervo Arno Jesus Furtado; 07 a 09: Acervo Erna Conceição Cavalheiro Furtado; 10 e 11: Acervo Paulo Roberto Silveira.

Outros: Figura 01: reprodução de publicidade da Editora Aimara, responsável pelos rótulos da Clatar. Acervo do autor.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

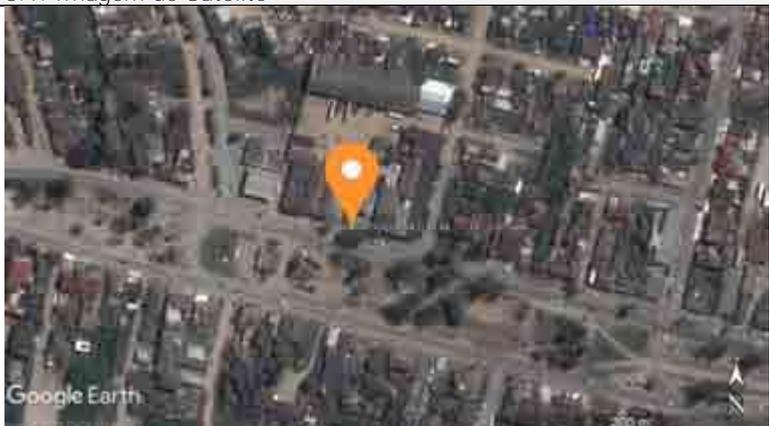
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: FRUTASUL	43
1.1.2. Razão Social: FRUTASUL Indústria e Comércio de Conservas e Doces Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 1124	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'15.69"S	2.2.2. Longitude: 52°23'30.81"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Gilberto Sica Gastaud	Início: 1988	Término: 1997
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Ruína.		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

Gilberto Gastaud era produtor de pêssegos desde 1978, com os pomares Quinta do Prado e Fazenda do Sol. Descontente com as negociações entre o produtor e a indústria quanto ao preço da matéria prima, Gilberto começou a produzir sua própria compota. Para tal, valeu-se sempre da locação de espaços industriais, sem jamais edificar sede própria. Nas safras de 1988 e 1989, foram utilizadas as instalações da antiga fábrica Lebre, de Eduardo Balester. Segundo Nelson Firpo (2017), nas safras de 1994 e 1995, foi utilizado o espaço de sua fábrica, a Soberba. Conforme ainda Cláudio Pereira de Sá (2017), nas safras de 1996 e 1997 foram ocupadas as instalações da antiga fábrica Almeida. Conforme Paulo Gastaud (2017), a fábrica enlatou por comissão para as concorrentes Sória (já sediada no município de Capão do Leão), CICASUL e VEGA.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O descontentamento de Gilberto Gastaud (2010), compartilhado pelos demais produtores de pêssego locais, dizia respeito à ausência de fixação prévia do valor do pêssego. Muitas vezes, o valor era definido – arbitrariamente - pela indústria somente ao fim da safra, o que era motivo de desgaste na relação entre o produtor e o industrial, dada a alta perecibilidade da fruta.

Segundo o depoimento de seu filho, Paulo Gastaud (2017), antes de iniciar a produção própria, Gilberto fizera uma primeira tentativa, de apenas permutar o pêssego *in natura* por latas industrializadas, junto à fábrica Cantarelli/Icalda. O negócio não se mostrou atraente, de forma que Gilberto passou então a industrializar sua própria produção, aí então alugando fábricas cuja atividade havia sido interrompida.

Em depoimento, Gilberto Gastaud (2010) relatou que enlatou para a CICASUL, após esta ter fechado sua fábrica na cidade. Em suas palavras, "vendeu lata branca [por comissão] para a CICA por dois ou três anos". "Eu colocava o rótulo deles", disse. Acrescentou que a empresa era exigente: "queriam fruta com qualidade, só pêssego graúdo, um produto bom". O trabalho só cessou com o começo da importação de pêssego grego, cujo custo era muito mais barato que o local.

Gilberto Gastaud mencionou ainda que chegou a enlatar pêssego utilizando a estrutura da fábrica de compotas do então Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG). Alegou, porém, que as instalações eram muito pequenas, e "não dava para produzir muita coisa".

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias

6.3. Material publicitário



Figura 01

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01



Figura 02

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

TAVARES, Jacqueline Marques. **A indústria conserveira pelotense**: ascensão e declínio. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

7.2. Fontes orais

Claudio Fernando Almeida Pereira de Sá [bisneto de Manoel Pereira de Almeida; ex-funcionário das Conservas Almeida; nascimento 1953]. Entrevista. Pelotas, 05 abr. 2017.

Nelson Firpo [industrial do ramo; nascimento 1954]. Entrevista. Pelotas, 10 abr. 2017.

Gilberto Sica Gastaud [proprietário; nascimento 1931]. Entrevista. Pelotas, 04 mar. 2010.

Paulo Gastaud [filho do proprietário; administrador dos pomares; nascimento 1958]. Entrevista. Pelotas, 19 abr. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Material publicitário: Acervo Gilberto Gastaud.

Outros: Figura 01: Acervo Gilberto Gastaud; Figura 02: do autor, 2017.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

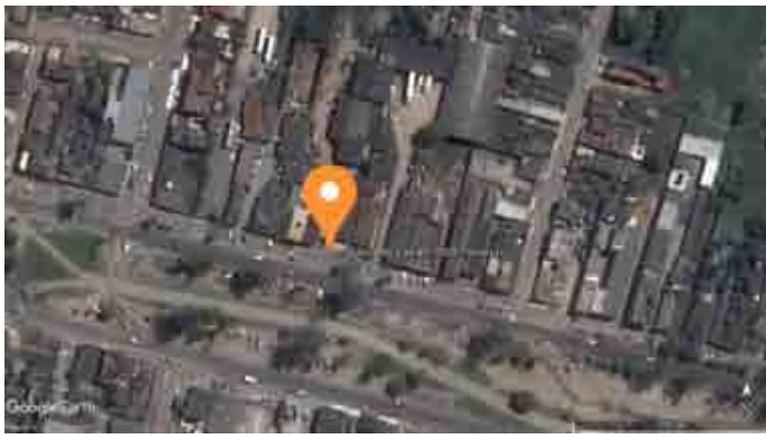
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: EMBALA	44
1.1.2. Razão Social: Embala Indústria de Alimentos Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Duque de Caxias, 1028 - fundos.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°45'18.39"S	2.2.2. Longitude: 52°23'18.26"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: Reneu Ribeiro Rodrigues	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: 1990 Término: 2000
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Fechado/sem uso	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

Reneu Ribeiro Rodrigues, no começo dos anos 1990, criou junto a Fábrica de Conservas 3R, a empresa EMBALA, especializada na venda de embalagens para doces (papéis e papelões diversos, caixinhas de vários modelos de madeira e de papelão, latas e vidros para compotas, doces e geleias). O nome da empresa foi uma sugestão da esposa Virginia Rodrigues, explicando que era um nome fantasia sugestivo para a finalidade desejada, de "embalar doces", ao mesmo tempo fácil de gravar. A EMBALA funcionava também na Av. Duque de Caxias – bairro Fragata, nº 1028 – Fundos, em um pavilhão já existente. Passado algum tempo, devidamente regularizada, começa a produzir compotas e geleias de frutas em vidros de tamanhos variados. Conforme Virginia Rodrigues, fugindo da tradicional e secular lata, deixando o doce em vidros para exposição e vista do consumidor. A EMBALA tinha poucos funcionários, mas escolhidos a dedo, que trabalhavam os doces e compotas de forma mais artesanal, aquele doce feito pelas vovós, entre as marcas que se sobressai a Vovó Tota. A empresa funcionou por 10 anos, quando fechou as portas em 2000.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos
6.2. Fotografias
6.3. Material publicitário

			
Figura 01	Figura 02	Figura 03	Figura 04
			
Figura 05	Figura 06	Figura 07	Figura 08



6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

7.2. Fontes orais

Reneu Ribeiro Rodrigues [proprietário; nascimento 1937]. Entrevista. Pelotas, 21 jan. 2014.
 Virginia da Silva Rodrigues [esposa do proprietário; nascimento 1940]. Entrevista. Pelotas, 05 jan. 2016.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografia atual do autor, 2017.

Material publicitário: Figuras 01 a 24: Acervo Reneu Ribeiro Rodrigues.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro - Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

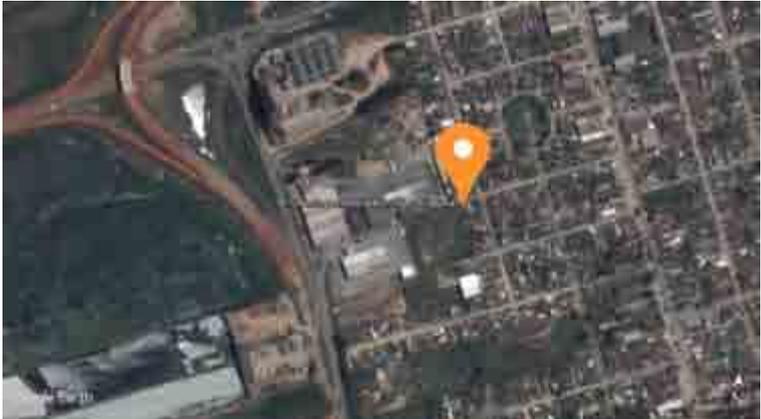
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: SOBERBA	45
1.1.2. Razão Social: Firpo Indústria de Conservas	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento) BR-392 nº 5900.	2.1.1. Bairro Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°44'52.08"S	2.2.2. Longitude: 52°24'8.63"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário: Nelson Firpo	4.2. Período de atividade do estabelecimento: Início: 1992 Término: 1996
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso Fabril (outra razão social)	
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas	

A empresa Rizzo de Caxias do Sul havia acabado de deixar a fábrica de Nestor Crochemore na localidade de Vila Nova – 7º Distrito de Pelotas, quando Nelson Firpo propôs a Crochemore alugar o prédio para a instalação de uma agroindústria conserveira em 1986, começando com pêssego e abacaxi. A Soberba cresceu e Nelson começou a construir outro prédio em Pelotas, quase no entroncamento da BR 116 com a BR 392, no Bairro Fragata, em um terreno com 3ha de área. Em 1992, sob a razão social Firpo, Indústria de Conservas, começa a funcionar em uma parte da fábrica já concluída, trazendo o equipamento que estava na colônia e adquirindo novos equipamentos. A partir daí, monta duas linhas completas, uma para milho e ervilha mais avançada e outra, um pouco menos, para o pêssego. Operava na safra com cerca de 150 operários, sendo uma pequena parte destes, permanente. Em 1996, quando a fábrica estava quase pronta, foi vendida para o grupo gaúcho Oderich, também da área conserveira, que a concluiu ampliando-a.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Conforme Nelson Firpo (2017), as instalações da Soberba foram alugadas para a Frutasul durante o período das safras de 1994 e 1995.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos
6.2. Fotografias
6.3. Material publicitário
6.4. Documentação
6.5. Plantas
6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas
7.2. Fontes orais
Nelson Firpo [industrial do ramo; nascimento 1954]. Entrevista. Pelotas, 10 abr. 2017.
7.3. Fontes iconográficas

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compostas de Pêssego – Pelotas/RS

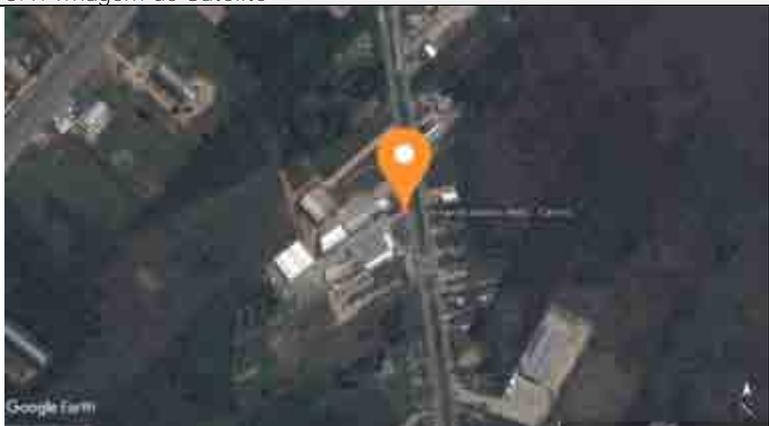
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: OLÉ	46
1.1.2. Razão Social: Angelo Auricchio & Cia Ltda.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
Av. Fernando Osório, 6995.	Três Vendas
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°41'19.41"S	2.2.2. Longitude: 52°20'27.47"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Angelo Auricchio	Início: 1992	Término: em atividade
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Original		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

A empresa, fundada em São Paulo na década de 1960, gira sob a razão social de Angelo Auricchio e Cia. Ltda. A opção por Pelotas já é antiga: no início da década de 1980, começou a terceirizar sua produção na cidade e, em 1992, instalou sua planta em Pelotas. A opção por instalar uma filial em Pelotas se deu **porque "essa é a cidade do Brasil que mais produz pêssego de indústria" nas palavras de seu gerente Edison Dias Andretti**. O açúcar, as latas e caixas vêm de São Paulo, onde fica o escritório central. De acordo com o gerente, hoje a empresa é bastante moderna, utilizando equipamentos de última geração. Possui no seu parque de produção várias descarçadeiras automáticas em funcionamento, recravadeiras importadas de Itália, praticamente todo o equipamento é importado, pouca coisa é nacional. Segundo informações da gerência, a empresa não tem interesse em exportação nem em diversificar a produção. Essa fábrica, só produz conservas de pêssego e figo e tem uma **preocupação muito grande com o produtor, ou seja, com o fornecedor de matéria prima, a "empresa financia tudo e eles montam o pomar para serem fornecedores exclusivos da empresa"**. Desta forma, organizam para melhorar o recebimento da fruta: **"antes vinha um caminhão carregado de pêssego de vários fornecedores, hoje vem um caminhão com um fornecedor, antes tínhamos fornecedor que entregavam 15 ou 20 toneladas, hoje tem fornecedor que entrega 200 toneladas"**. A empresa tem uma política de não depender de nenhum tipo de financiamento, participa de feiras e eventos inclusive internacionais, aprovados pela matriz, não fazem *marketing* da fruta "pêssego", mas sim, *propaganda* da sua marca.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

A Conservas Olé foi uma das primeiras empresas a utilizar uma máquina descarçadeira automática Italiana, um marco de grande avanço no setor, dada a sua alta capacidade produtiva.

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

6.2. Fotografias



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -

6.3. Material publicitário



Figura 01



Figura 02

6.4. Documentação

6.5. Plantas

6.6. Outros



Figura 01

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

CONSERVAS OLÉ [Site eletrônico]. Disponível em: <<http://www.conservasole.com.br>>. Acesso em 20 mar. 2017.

FERREIRA, Laura Senna. **Reestruturação Produtiva**: mudanças e permanências no mundo do trabalho e empresarial da indústria conserveira na região de Pelotas/RS. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92098>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

7.2. Fontes orais

Edison Dias Andretti [gerente; nascimento: 1947]. Entrevista. Pelotas, 06 mai. 2013.

7.3. Fontes iconográficas

Fotografias: autoria de Marilei Garcia, 2017.

Legenda das Fotografias (item 6.2):

Figuras 01, 02 e 03 – Vistas atuais da fachada da fábrica.

Material publicitário: Acervo Conservas Olé.

Outros: Acervo do autor.

Inventário do Patrimônio Agroindustrial Urbano Setor Conserveiro – Compotas de Pêssego – Pelotas/RS

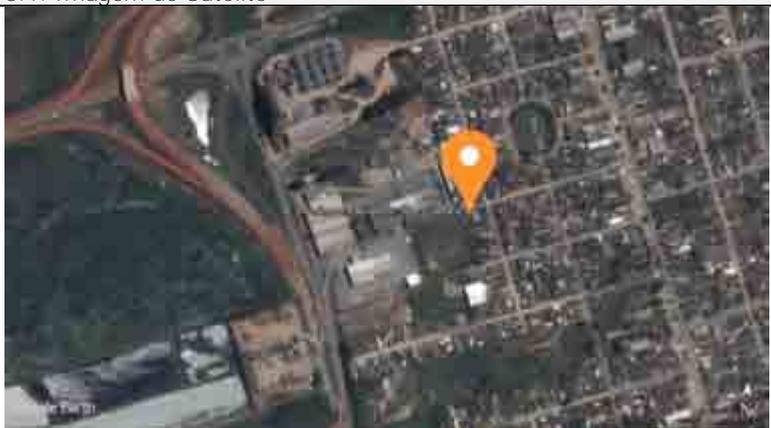
1- IDENTIFICAÇÃO

1.1. Identificação do bem (denominação oficial/ denominação popular/ nome fantasia/ outras denominações)	Cadastro nº:
1.1.1. Nome Fantasia: ODERICH	47
1.1.2. Razão Social: Conservas Oderich S/A.	

2- LOCALIZAÇÃO

2.1. Endereço completo (logradouro, nº, complemento)	2.1.1. Bairro
R. Domingos Pastorelo, 301.	Fragata
2.2. Informações geográficas:	
2.2.1. Latitude: 31°44'50.41"S	2.2.2. Longitude: 52°23'59.43"O

3- IMAGENS

3.1. Imagem de Satélite	3.2 Vista recente
	

4- DADOS HISTÓRICOS

4.1. Identificação do proprietário:	4.2. Período de atividade do estabelecimento:	
Carlos Aldolfo Oderich	Início: 1997	Término: em atividade
4.3. Uso(s) atual(is) do espaço: Uso original		
4.4 – Síntese das informações históricas: fontes orais e escritas		

A ODERICH foi fundada em São Sebastião do Caí – RS. Começou com uma refinaria de banha animal, logo lançou as primeiras linguças na banha e outros produtos do ramo. Investiu, com outras empresas, em um frigorífico em Canoas, no final da década de 1930. Com o começo da II Guerra, investiu em enlatados de alto valor proteico para alimentação dos soldados. Terminada a Guerra, adequando-se à nova realidade, começaram a ganhar mercado no Estado. Hoje na 4ª geração, os negócios da família começaram a mudar. Em 1980, a empresa tinha 200 empregados, com administração séria e investimentos na produção. Passados alguns anos, com situação financeira estável, começou uma diversificação de produtos, o que tornou a empresa mais lucrativa, permitindo investimentos noutras unidades. No final da década de 1990, criou uma filial em Pelotas, adquirindo a planta de uma outra indústria conserveira da cidade (1997), passando a fabricar conservas de vegetais e de frutas, gerando de 400 a 700 empregos diretos em Pelotas, nos períodos da safra. Aliada das boas práticas agrícolas, a ODERICH buscou parceria com produtores locais de abóbora, batata doce, mas principalmente com produtores de pêssegos, buscando favorecer o processo industrial e o crescimento da região. A empresa teve o primeiro projeto de rastreabilidade da produção do pêssego no país. Como o pêssego é cultivado mais próximo à unidade fabril, tem assistência técnica de agrônomos o ano inteiro. Para atender essa demanda produtiva, criou no município de Eldorado do Sul, próximo a Porto Alegre, uma unidade produtora de latas e na cidade de Orizona (GO) abriu outra filial, para a produção de outras conservas. Hoje, possui um catálogo com mais de 200 itens, do qual destacam-se: carnes, condimentos, vegetais, atomatados e, não podia faltar, compotas de frutas. Atualmente são exportados cerca de 40% do que é produzido, para 60 países. A empresa completou um século em 2008. A matriz fica em São Sebastião do Caí – RS, hoje sendo considerada uma das mais modernizadas em tecnologia da região sul. Em 2004, pesquisa no setor alimentício no país deu conta de que é a 4ª colocada no mercado de conservas em geral. (Fonte: BNDS, 08 jul. 2004) Em outubro de 2006, a empresa, através de seu gerente Claudio Oderich, recebeu o título de Industrial do Ano da Associação Comercial de Pelotas, com cerca de 1.400 empregados no período da safra e cerca de 600 empregos permanentes. É preocupada com o meio ambiente, vem desenvolvendo tratamento de seus efluentes em Pelotas. A identidade visual da empresa, sempre teve presente um Sol como ícone. Foi a marca “Sol” de uma banha animal que atravessou décadas ganhando notoriedade para os produtos da ODERICH.

5 – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

6 – ACERVOS

6.1. Rótulos

Rótulo 01 –
6.2. Fotografias

6.3. Material publicitário



Figura 01 -



Figura 02 -



Figura 03 -



Figura 04 -



Figura 05 -



Figura 06 -



Figura 07 -



Figura 08 -



Figura 09 -



Figura 10 -



Figura 11 -



Figura 12 -



Figura 13 -



Figura 14 -

6.4. Documentação

6.5. Plantas

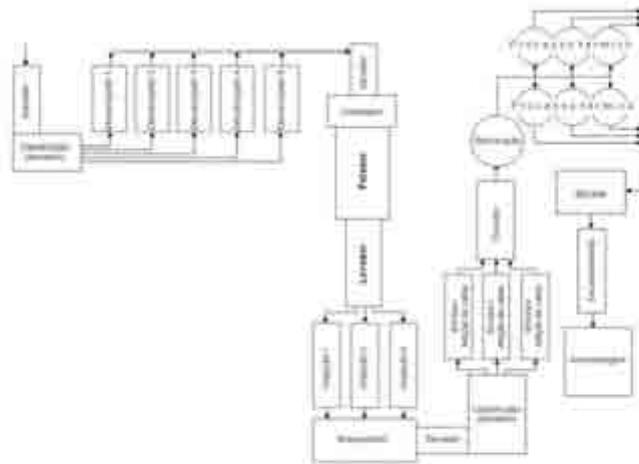


FIGURA 1: Fluxograma identificando as principais etapas da industrialização do pêssego em calda

Figura 01 -

6.6. Outros

7 – REFERÊNCIAS

7.1. Fontes escritas e bibliográficas

CONSERVAS ODERICH [sítio eletrônico]. Disponível em <<http://www.oderich.com.br>>. Acesso em 07 fev. 2016.

FERREIRA, Laura Senna. **Reestruturação Produtiva: mudanças e permanências no mundo do trabalho e empresarial da indústria conserveira na região de Pelotas/RS.** 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92098>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

7.2. Fontes orais

Raimundo Dinelly [ex-funcionário; nascimento 1935]. Entrevista. Pelotas, 16 jan. 2017.

7.3. Fontes iconográficas

Rótulo: Acervo do autor.
Material Publicitário e Planta: Acervo Conservas ODERICH.